



---

COLÉGIO MILITAR DE  
SALVADOR

ANTOLOGIA  
ESCOLAR  
2019

---

**COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR**

**ANTOLOGIA ESCOLAR 2019**

**COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR  
ANTOLOGIA ESCOLAR – 2019**

Comandante e Diretor de Ensino  
Cel Cav QEMA Marconi Gomes **Stefanel**

Subdiretor de Ensino  
Cel Inf Aécio Soares **Teixeira**

Comandante do Corpo de Alunos  
Tenente Coronel Inf **Cirilo** Carlos Ribeiro Júnior

Chefe da Divisão de Ensino  
Tenente Coronel Cav Ricardo **Guglielmi**

Digitação:  
Professores e alunos do  
6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e  
1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Diagramação:  
Professora Simone Miranda Bastos

Organização, seleção e revisão dos textos:  
Professora Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola.

Colégio Militar de Salvador  
Rua das Hortênsias, s/n - Pituba  
Fone: (71) 3205-8805  
<http://www.cmsalvador.eb.mil.br>  
e-mail: [ava@cmsalvador.eb.mil.br](mailto:ava@cmsalvador.eb.mil.br)  
ISBN: 1948-2

## **Professores da Seção de Ensino “A” – 2019**

### **Ensino Fundamental:**

#### **6º ano**

Professora Ana Isabel Duarte Machado

#### **7º ano**

Capitão Cinthia Maria da Fontoura Messias

#### **8º ano**

Professora Fábila Tosta Simões dos Santos

#### **9º ano**

Major Aline Cristina de Araújo

Major Domingos Fernando Santos Batalha Goes

### **Apoio Pedagógico:**

Professora Érika Fernanda Santos Hayne

### **Ensino Médio:**

#### **1º ano**

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

Professora Ana Telma Miranda do Espírito Santo

#### **2º ano**

Professora Luciana Santos de Oliveira

Professora Adaltina Figueiredo Silva Filha

#### **3º ano**

Tenente Renata

Professor Adyl Lira

### **Responsável pela Antologia:**

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

## SUMÁRIO

Agradecimentos .....	9
Apresentação .....	10
Homenagem ao escritor Lima Barreto.....	12
TEXTOS DE DESTAQUE .....	14
2019: experiências de um aluno.....	15
A conquista do gigante gelado.....	17
Coração do Planeta Terra, 1º de janeiro de 2019.....	19
Vista Cansada .....	22
Uma história verde-oliva do Brasil.....	24
CISNE BRANCO .....	26
Orgulho de um marinheiro .....	27
Ah, se eu fosse... ..	28
Ouçã bem, meu amigo.....	29
Protegendo as nossas riquezas.....	31
LOGOS HOPE .....	33
Um mar de emoções.....	34
Viajando no navio da leitura.....	35
Por que ir ao Logos Hope?.....	36
A HISTÓRIA DO BRASIL SE CONFUNDE COM A HISTÓRIA DO EXÉRCITO .....	38
O verde oliva da bandeira verde loura .....	39
Exército de Caxias: ontem, hoje e sempre.....	41
Pátria amada, Brasil .....	43
Gigante por natureza .....	45

As múltiplas histórias do Brasil .....	47
CENTENÁRIO DO 19º BC .....	49
Centenário do 19º BC .....	50
O Batalhão Pirajá .....	51
TEXTOS ALUSIVOS.....	52
Dia da vitória.....	53
O Soldado de Caxias.....	54
FÁBULAS.....	55
A bicharada na passeata .....	56
A chave para a preservação.....	57
A grande revolução.....	59
Assembleia dos animais.....	60
Os defensores da Mata Atlântica.....	61
Os mandamentos.....	62
Os mandamentos da mata.....	63
Os mandamentos da preservação .....	64
Peça e você terá.....	66
SOS Mata Atlântica .....	67
LENDAS .....	68
A criação das estrelas .....	69
A criação do acônito .....	70
A criação do acônito .....	71
A criação do dia.....	72
De morão a morango.....	73
CARTAS.....	74

Salvador, 11 de março de 2019. ....	75
Salvador, 11 de março de 2019. ....	76
São Paulo, 23 de agosto de 2020. ....	77
Salvador, 11 de outubro de 2019. ....	78
DIÁRIOS.....	79
Salvador, 8 de março de 2019. ....	80
Salvador, 05 de março de 2018. ....	81
MEMÓRIAS.....	82
Do Ceará à Bahia.....	83
Memórias inesquecíveis .....	85
Meu melhor aprendizado: o poder do exemplo.....	86
Minha vida foi assim... ..	88
O homem mais bonito que conheci.....	90
O mar e eu .....	91
O nascer de uma memória .....	93
Uma verdadeira infância.....	96
Viagem no tempo .....	97
Aventura em um pé de jaca.....	99
Uma gaiola vazia .....	102
Memórias não se cansam .....	104
POEMAS .....	107
amor em sp.....	108
Versos de uma história .....	109
Um Conto.....	112
CRÔNICAS.....	113

Minha falha no psicológico .....	114
Gênios intelectualmente, tolos emocionalmente .....	115
Parece, mas não é.....	117
Fábrica de humanos.....	118
CONTOS.....	119
Selado amor .....	120
O Quarto B3 .....	123
Memórias póstumas de uma lata velha .....	125
Conversa de botas batidas.....	127
Bagunça na linha do tempo .....	128
O Triste fim do “Triste fim de Policarpo Quaresma” .....	131
Uma viagem literária.....	133
O percurso .....	135
RESENHAS .....	138
“Crônicas para Jovens” é para jovens mesmo? .....	139
Cemitério dos vivos.....	142
CARTAS ARGUMENTATIVAS.....	144
Salvador, Bahia, 31 de outubro de 2019. ....	145
Salvador, 25 de outubro de 2019. ....	147
Salvador, 04 de novembro de 2019.....	149
Salvador, 30 de outubro de 2019 .....	150
DISSERTAÇÕES ESCOLARES E ARTIGOS DE OPINIÃO .....	152
Qual é o preço?.....	153
Verdade inevitável .....	155
A verdadeira liga da justiça.....	157



Proteger ou acolher? .....	159
A genealogia da moral brasileira .....	160
Justiça é cega .....	161
A natureza não é gananciosa .....	162
Porque mais importante que limpar é não sujar .....	163
Para quebrar o “lápis cor de pele” .....	165
Paralisação exponencial.....	167
CHARGE.....	169
TEXTO DE DESPEDIDA DO CORONEL-ALUNO .....	171
O Nobre Cadinho .....	172

#### OBSERVAÇÃO

Os textos selecionados e apresentados não refletem necessariamente o pensamento do CMS e são de inteira responsabilidade dos autores.

## Agradecimentos

*À presença divina*, em todas as formas presentes no planeta.

*Ao Comandante do Colégio Militar de Salvador*, pela disposição e confiança depositada nos estudantes.

*Ao Subdiretor de Ensino*, por seu apoio ao trabalho desenvolvido no Colégio.

*Ao Chefe da Divisão de Ensino*, por seu apoio às atividades curriculares e extracurriculares ao longo do ano letivo.

*Ao Comandante do Corpo de Alunos*, por se fazer presente na vida dos estudantes, demonstrando carinho e cuidado.

*Aos Mestres*, pelo brilhantismo e protagonismo fundamental na educação dos nossos jovens, formando pessoas críticas e tolerantes.

*Aos Responsáveis*, pela confiança no Colégio Militar de Salvador para construção conjunta de uma educação tão frutífera.

*Aos monitores e à comunidade escolar* que contribuem na formação de toda essa teia educacional.

## Apresentação

O poeta Torquato Neto, em uma de suas crônicas, escreveu que “um poeta não se faz com versos”. E eu escrevo que uma Antologia não se faz com textos. Isso porque, senhoras e senhores, são muitos os processos e muitas as pessoas envolvidas até que essa obra esteja diante de seus olhos.

Ao longo de um ano letivo, Professoras(es) e estudantes têm como uma das missões estudar gêneros textuais diversos em cada trimestre; entre eles, estão: fábulas, lendas, cartas, diários, memórias, poemas, crônicas, contos, resenhas, cartas argumentativas e artigos de opinião. Estudar gêneros textuais requer leituras variadas, interpretação a partir do conhecimento de mundo, comparação entre textos, discussão com os colegas, desenvolvimento da reflexão. Além do mais, muitos são os concursos literários internos e externos dos quais nossos discentes são participantes. Com isso, os rascunhos vão se transformando em produções.

Após esses passos, os textos seguem para a avaliação dos docentes, que têm a tarefa de escolher aqueles que serão indicados à Antologia. Em seguida, eles são revisados e chegam às mãos da Direção do Colégio, para serem analisados e aprovados. Passamos ao momento da escrita dos agradecimentos, da apresentação e da escolha da capa. É hora, então, de passar para a edição e, finalmente, para a revisão final. Dessa vez, contamos com 86 textos escritos por 71 alunas e alunos, dos Ensinos Fundamental e Médio.

Foi um ano produtivo e gratificante. Nossos jovens se empenharam de forma extraordinária! E, por isso, temos textos de destaque, premiados na Operação Cisne Branco, no Concurso Internacional dos Correios, no Concurso Estadual Escritores Escolares e no Concurso DEPA. Não podemos deixar de citar nossa medalha de bronze na Olimpíada de Língua Portuguesa, na categoria “Documentário”, com o belíssimo curta-metragem *Religiosidade soteropolitana*.

Duas características são bem evidentes nessa coletânea: criatividade e pensamento crítico. Os gêneros encontrados nas

páginas a seguir demonstram o quanto a imaginação estimulada de diversas maneiras, por meio da literatura, da música e do audiovisual reverberam os mais intrigantes enredos. O pensamento crítico sobre o país e a sociedade brasileira são facilmente reconhecidos nos textos argumentativos, o que se configura a partir de questionamentos e discussões sobre o mundo contemporâneo, bem como a partir das leituras literárias, com destaque para os autores Lima Barreto e Jorge Amado.

Nessa edição, contamos ainda com a honra de um texto em homenagem a Lima Barreto, escrito pela nossa Professora de Literatura, Adaltina Figueiredo, além do já tradicional texto de despedida do Coronel-Aluno de 2019.

Esperamos que essa Antologia atravessasse seus dias, virando sentimento e pulso de vida!

Profa. Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola

## Homenagem ao escritor Lima Barreto

Quando eu ministrava aulas de Literatura, sempre procurava fazer com que os alunos percebessem que as obras literárias expressam o pensamento do homem em determinado tempo e espaço, mas que, por se tratar de temas universais, a Literatura é atemporal e faz com que as temáticas abordadas em textos escritos em outros períodos históricos, permaneçam atuais. Portanto, temas como preconceito, racismo, exclusão social, tão presentes nas obras de Lima Barreto, são bastante discutidos na contemporaneidade.

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, foi um escritor brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, e faleceu em 01 de novembro de 1922. O jovem mulato sofreu preconceitos durante sua vida, tanto nas escolas em que estudou, como nos locais em que trabalhou. O filho de uma professora primária, que faleceu quando o escritor ainda era criança e de um pai tipógrafo, moradores do subúrbio carioca, estudou em bons colégios por ter sido afilhado do Visconde de Ouro Preto, político influente da época.

Considerado o precursor do Modernismo, pré-modernista, pois, embora sua obra ainda carregue influência de escolas literárias anteriores, como do Realismo e do Naturalismo, expõe um patriotismo, sem as idealizações românticas; é um escritor que busca expressar, de forma simples, o falar brasileiro, não se importando com regras do português formal padrão, o que incomodava os intelectuais burgueses do seu tempo. Suas obras expressam um olhar crítico de um homem que sempre sofreu a exclusão social por ser negro, como se pode observar na obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909).

Lima Barreto dava às vistas a hipocrisia social em seus livros, como em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, ressaltando características da sociedade em que vivia e da qual fora excluído. Através da obra, de forma bem humorada e satírica, ele faz duras críticas aos políticos do seu tempo, mostrando sempre que seus interesses individuais estavam acima dos interesses coletivos.

Por fim, o autor de *Clara dos Anjos*, apesar de ter sofrido durante seus 41 anos de vida, deixou um legado literário para a nossa cultura. Legado este repleto de obras que nos mostram seu compromisso social em denunciar o que, para ele, não era justo. Sendo assim, a literatura exerce as funções sociais de entretenimento e de chamar atenção para os problemas enfrentados por uma parte da sociedade brasileira.

Por Adaltina Figueiredo

## **TEXTOS DE DESTAQUE**

## **2019: experiências de um aluno**

Aflicção. Não havia como não estar com um “frio na barriga” no primeiro dia de aula do ano letivo de 2019, pois significava muito pisar no pátio do Colégio Militar de Salvador com as divisas de Primeiro Ano do Ensino Médio. Afinal, tudo se fazia novo: matérias, professores, colegas, responsabilidades... Entretanto, refleti, também, que diversas oportunidades estavam por vir em amplos aspectos. Assim, acabei não me atendo aos maus sentimentos e, ao som de “Fibra de Herói”, rompi marcha com um ar promissor ao final daquele dia.

O primeiro trimestre se desenvolveu muito bem e, como rege a tradição, ao final dele, deu-se início às Olimpíadas Internas do CMS do ano de 2019. Estes cinco dias de pura emoção e competitividade foram muito marcantes porque, além de terem fortalecido os laços de amizade entre o ano, ajudaram a aliviar o estresse das Avaliações de Estudo que ocorreram na semana anterior. Apesar do Primeiro Ano não ter vencido a competição, tenho absoluta certeza de que vivi momentos grandiosos e que serão lembrados por muito tempo.

Complementar aos efeitos das Olimpíadas Internas, ocorreu, em seguida, o tradicional passeio do Grêmio Naval para a Praia de Inema, localizada na Base Naval de Aratu, onde foi comemorado o aniversário do Grêmio. Dentre diversas atrações, os alunos puderam tomar banho de mar, jogar futebol e servir-se de picolés de diversos sabores. Assim, para coroar as comemorações, foi servido o churrasco no almoço e os novatos no Grêmio Naval foram batizados pelo símbolo do grupo.

Já em meados do segundo trimestre, iniciaram-se as várias Olimpíadas do Conhecimento existentes no Brasil, nas quais consegui participar integralmente com o direcionamento do Colégio Militar de Salvador. Desta forma, obtive resultados promissores, como Ouro nas Olimpíadas Nacional de Ciências (ONC), Baiana de Química (OBAQ), Baiana de Biologia (OBABIO) e de Física para Escolas Públicas (OBFEP); e Bronze nas Olimpíadas Brasileira de Robótica (OBR).

Entretanto, a Olimpíada de Língua Portuguesa teve maior destaque, devido à sua proposta inovadora de fazer um



documentário. Logo, ao lado da minha orientadora, Professora Esmeralda, e das minhas colegas, Júlia Alkmim e Carolina Cordeiro, construí um vídeo documental de cinco minutos sobre a religiosidade soteropolitana. Nesse contexto, fomos selecionados nas mais diversas fases até a Semifinal, que ocorreu em São Paulo. Assim, juntos tivemos uma experiência incrível naquela cidade, englobando atividades culturais e capacitação sobre documentário, além de ganharmos medalha de bronze e livros. Também, apresentamos o documentário na Feira Cultural 2019 do CMS, tendo encontrado aprovação da comunidade escolar e enriquecido nosso conhecimento sobre a cidade de Salvador.

Depois, no mês de outubro, aconteceu o Desafio Global do Conhecimento, em Brasília, proporcionado pelo Sistema Colégio Militar do Brasil. Incorporando-me a uma comitiva de cerca de quinze alunos, vivi momentos inesquecíveis, como as Simulações da Organização das Nações Unidas, a qual fui delegado do Brasil na Organização Mundial da Saúde, e fui premiado por ter me classificado em primeiro lugar do CMS no Primeiro Concurso Literário da Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial, tendo autografado, inclusive, a primeira coletânea antológica da DEPA.

Finalmente, já terminadas as últimas Avaliações de Estudo do ano, fui convidado para participar do passeio do Clube de História pelos fortes estratégicos de Salvador. Durante este dia, pude conhecer mais sobre a História da Primeira Capital do Brasil, visitar lugares novos e me deliciar com o famoso sorvete da Ribeira. Ademais, a volta no ônibus para o Colégio foi muito interessante, pois, mesmo cansados, eu e meus colegas voltamos contando piadas, cantando e rindo bastante.

Portanto, inúmeras foram as experiências marcantes relacionadas ao Colégio Militar de Salvador que passei no ano de 2019, proporcionando-me muito aprendizado, momentos descontraídos, autoconhecimento e valores. Por tudo isso, essas memórias estarão guardadas para toda a minha vida e, certamente, contribuiram para a minha formação como cidadão desse país.

## A conquista do gigante gelado

A Antártica é um local inóspito, implacável e inclemente, onde as temperaturas tangenciam os 90°C negativos e os ventos podem ultrapassar os 300 km/h. Nessa gigante de 14 milhões de km<sup>2</sup>, todavia, há uma beleza intrínseca e encantadora. No continente gelado, onde a neve é branca como as fardas dos marinheiros, pode-se vislumbrar um ecossistema praticamente intocado pelo homem. Suas riquezas incomensuráveis fazem dela objeto de estudo e cobiça pela ciência e pelas nações. O Brasil, através da Marinha, ultrapassa os limites da Amazônia Azul e enfrenta as condições mais adversas para fazer-se presente no continente glacial, por reconhecer a sua imprescindibilidade para a soberania nacional.

Um ambiente com propriedades e características únicas como o Ártico mostra-se propício para a elaboração de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento como: a Climatologia, a Geologia e a Biologia. É sabido que qualquer evento natural ocorrido na Antártica reverbera em diversas partes do mundo, afinal, ela se conecta com os três oceanos e, através de suas correntes de ar, define as condições meteorológicas de inúmeros países. Compreende-se também que, ao estudar a dinâmica e a formação das estruturas geofísicas antárticas, é possível entender as mudanças climáticas que atingiram aquele continente, e principalmente, prever as possíveis alterações que virão a acontecer e quais seriam os seus impactos na Biosfera. Ao assimilar o fenômeno do derretimento das calotas polares em função do aquecimento global, por exemplo, estratégias de combate a esse fenômeno podem ser desenvolvidas.

Além do prospecto ambiental, dois fatores que justificam a ambição das nações quanto ao domínio do gigante gelado são o seu vasto potencial hídrico e mineral. Aproximadamente 90% da água doce do planeta encontra-se congelada na Antártica, sendo essa, a maior reserva do mundo. Já suas camadas rochosas, que se localizam abaixo do gelo, são ricas em recursos minerais como: petróleo, gás natural, prata, cobre e chumbo. A fim de evitar conflitos entre os países e, principalmente, danos ao meio ambiente, houve uma série de acordos multilaterais de caráter internacional, destacando-se o

Tratado da Antártida de 1959, o qual o Brasil passou a integrar em 1975, e o Protocolo de Madrid de 1991, que delimitam seu uso somente para fins científicos e pacíficos, em regime de livre circulação de informações e de pessoal, e proíbem sua militarização, realização de testes nucleares ou despejo de rejeitos poluentes e radioativos.

Foi em 1982 que o Brasil deu início às ações que originaram o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), tendo como um dos seus maiores impulsionadores Luís Antônio de Carvalho Ferraz, o Comandante Ferraz. A Estação brasileira que foi nomeada em sua homenagem funcionou ininterruptamente durante 28 anos até um incêndio que a consumiu em 2012 e ceifou a vida de dois militares que tentaram combater as chamas. Nessa tragédia, o contraste do fogo tórrido com o frio severo lembrou a todos os perigos e riscos enfrentados pelos homens e mulheres que vão para a Antártica em nome da Pátria. Entretanto, as expedições não pararam, pois houve a instalação de módulos de pesquisa e acampamentos temporários, ocupados por pesquisadores que anseiam pela inauguração da nova e tecnológica Estação Antártica Comandante Ferraz, no início de 2020.

A Marinha do Brasil é a Instituição que permite a integração da Nação com o seleto grupo de países que se encontram presentes na Antártica e, dessa maneira, possui o direito a participar ativamente das decisões acerca do continente gelado. Os fatores econômicos, ambientais e geopolíticos que envolvem a gigante gelada são essenciais para a manutenção da presença do Brasil entre as grandes potências globais, reafirmando sua posição como grande incentivador da ciência, da preservação ambiental e da diplomacia. O futuro está fortemente condicionado às decisões tomadas pelos líderes do presente e como os recursos naturais serão utilizados. Assim, a “linda garça que vai cortando os ares”, cantada em uníssono nos versos da canção do Cisne Branco, acompanha os resilientes marinheiros até os confins do mundo, onde a Marinha brasileira marca imponente e respeitável presença.

## **Coração do Planeta Terra, 1º de janeiro de 2019.**

Prezados Leitores do Planeta Terra,

Às figuras heroicas, atribuem-se diversas qualidades, como a resiliência, a bravura e a coragem. Compreende-se que, dentre uma infinidade de adjetivos utilizados nesse processo descritivo, o único atributo que é inerente a todos os verdadeiros heróis é a capacidade e disposição de sacrificar-se. Dessa maneira, ao conceber que o altruísmo e a abnegação são fundamentais para tal, meu herói é o Planeta Terra, o alicerce para a vida como conhecemos.

Seja baseando-se nas mitologias nórdicas, greco-romanas e indígenas da Antiguidade ou nas fantasias e ficções científicas da contemporaneidade, o Globo Terrestre assume a função de protetor mor da humanidade, no momento em que ele é o responsável pela estabilidade mundial. Há, aproximadamente, trezentos e cinquenta mil anos, desde os primórdios da vida humana na Terra, ele cumpre o ofício de salvaguardar a continuidade da nossa espécie. Ele provém não somente o meio para que os humanos habitem, como também todos os aspectos físicos e químicos necessários a fim de que se desenvolva a alimentação, a reprodução e a evolução da nossa espécie.

Mesmo que a construção social do heroísmo tenha sido criada pelos homens, os seres pensantes, é a nossa própria espécie que assume o papel antagônico na perspectiva do Planeta Terra. Conclui-se isso, estimado leitor, ao analisar a gama de problemas causados por interferência e consequência dos atos humanos que exercem influência na Biosfera Terrestre. O desequilíbrio ambiental que o mundo enfrenta hoje é fruto de décadas de exploração desenfreada e embasada nos interesses ambiciosos do homem, que não examinam os próprios limites do Planeta.

A ganância do homem é inebriante, de tal maneira que ele não consegue visualizar que a degradação do meio ambiente é uma faca de dois gumes. Afinal, com a decomposição gradativa e acelerada dos ecossistemas terrestres, os próprios seres humanos arcarão com as consequências. O pensamento popularizado pelo filósofo inglês

Thomas Hobbes, na obra “Leviatã” de 1651: “O homem é o lobo do homem”, reitera essa cadeia de pensamento, pois essa citação retrata a capacidade humana de autodestruição, uma vez que a ruína do Planeta Terra representaria o próprio fim da vida.

Dileto legente, os sinais de que a nossa Mãe Terra está definhando perante os interesses do homem estão tornando-se cada vez mais alarmantes. As atividades de exploração humana confluem em um denominador comum, o aquecimento global. Como principais consequências, observam-se extremas mudanças climáticas em diversos pontos do globo e o aumento do nível dos mares, em decorrência do derretimento das calotas polares. Esses efeitos são perceptíveis, por exemplo: no gradual branqueamento da Grande Barreira de Corais na Austrália, na intensificação da frequência dos incêndios na Costa Oeste dos Estados Unidos da América e na previsão de que, em cerca de um século, diversos arquipélagos estarão submersos pelos oceanos, entre eles as Ilhas Maldivas.

O aquecimento global é provocado pela intensificação do efeito estufa, originalmente, um mecanismo utilizado pela Terra para a manutenção da temperatura terrestre na atmosfera, visando a existência de sua fauna e flora. Todavia, com a poluição do ar, através da emissão dos gases de efeito estufa, o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) e o metano (CH<sub>4</sub>), o homem ocasiona a deterioração da camada de ozônio. Assim sendo, vê-se, caros leitores, que até um fenômeno natural vital para a vida no Planeta vem sofrendo alterações perigosas.

Historicamente, desde as primeiras guerras na Antiguidade até os confrontos recentes do século XXI, o homem tem demonstrado predisposição ao uso da violência, ao invés do diálogo para a resolução de embates. Como corolário, além de milhares de mortos, o Planeta é o principal atingido, dado que, com o avanço da indústria bélico-militar, as armas tornaram-se não somente mais mortais, como também mais danosas ao meio ambiente. A título de exemplo, a utilização de bombas nucleares no desfecho da Segunda Guerra Mundial, em 1945, acarretou em devastações e contaminações ambientais, que reverberam até o tempo vigente. A fala de Albert Schweitzer, filósofo e vencedor do Prêmio Nobel da Paz: “Vivemos

em uma época perigosa. O homem domina a natureza antes mesmo que tenha aprendido a dominar a si mesmo”, dialoga com o entendimento de que, em qualquer conflito armado, a Terra torna-se campo de batalha e refém de suas implicações.

Ao colocar em prospecto o conjunto de adversidades que a Mãe Gaia enfrenta e ao admitir que ela é a provedora de tudo, desde a água que bebemos até o ar que respiramos, entendo e reconheço que a Terra é de veras a minha heroína. Não obstante, querido interlocutor, suplico aos meus irmãos, homens e mulheres filhos dela, para que não apenas atestem todos os sacrifícios que ela faz por nós, mas igualmente, lutem por sua preservação. Afinal, toda e qualquer forma de vida está atrelada ao Planeta Terra. Ele é o eixo de sustentação e a razão de sermos e existirmos.

Atenciosamente,

Nicholas F. Gaia

Aluno Matheus Luquini - Nº 4112 - Turma 103

## Vista Cansada

Ela nascera de olhos abertos, sua mãe contava rindo. Nascera de olhos abertos e atentos, como se não pudesse se dar ao luxo de perder nenhum detalhe do mundo ao seu redor, como quem tem sede de ver. E desde pequena fora assim: se agarrava ao mundo com todas suas forças, com toda sua visão. Se agarrou a cada tom, a cada espectro, a cada paisagem.

Seus pequenos olhos castanhos varriam as paredes do quarto, penetravam profundamente qualquer outro par de olhos que esbarrasse nos dela. Ninguém nunca soube explicar muito bem, mas havia um quê de especial nos olhos daquela menina. Talvez fosse algo entre a íris e a córnea, ou algo sobre como aqueles olhinhos úmidos brilhavam a todo tempo.

Não demorou muito para que descobrisse as letras. Os olhos curiosos exploravam livros infantis, como quem desvenda um enigma, como quem decifra um mistério. Ela olhava as páginas com atenção, quase as arrancando do papel, quase as tomando para si e as levando para brincar. E que alegria quando aprendeu a transformar aqueles desenhos em sons e sons em palavras, e que alegria quando aprendeu ela mesma a fazer as letras, e, como se sementes fossem, plantar palavras, orações, frases e parágrafos. Ah, e que belos jardins aqueles dedos cultivavam: cada frase dela transparecia um pouco sua visão do mundo, sua maneira tão única de enxergar as coisas. Que coisa fantástica era espiar o mundo pelos olhos dela.

Ela nasceu de olhos abertos, e nunca mais os fechou. Devorava livros e observava as coisas ao seu redor com uma atenção peculiar. Gostava de decompor sentimentos em palavras e assim palavrizar tudo ao seu redor.

Os anos passaram, e, como tudo em nós, a visão dela acabou por se cansar. Não pôde acreditar quando o oftalmologista disse a ela que precisava de óculos: sempre vira o mundo de sua maneira, e agora lhe diziam que uns dois centímetros de lente consertariam a sua visão? Não havia nada de quebrado, não senhor, talvez o cristalino do olho tenha perdido elasticidade, seja o que for que isso

significa, mas não havia nada de quebrado na maneira que ela via o mundo, quer dizer, nada de atipicamente quebrado. “Óculos de descanso”, o médico disse, “não tem que usar sempre não, só quando sentir que seus olhos cansaram.”

E nesse momento ela entendeu, entendeu que sempre cobrou muito dos seus olhos, sempre os fez ver além, eles cansaram. Nunca deu sequer um momento de descanso, num constante esforço de ver através aquilo que estava em sua frente. Mas também compreendeu que não há nada de errado em ver o mundo com olhos cansados. Não há nada de errado em ver o mundo meio embaçado de perto ou meio confuso de longe.

Hoje, os óculos juntam poeira na cabeceira.

Ela nasceu de olhos abertos, não sei se disse. Nasceu de olhos abertos e nunca mais os fechou. Tinha uns graus de miopia, é verdade, talvez por isso visse o mundo de um modo tão único. As coisas são o que você vê delas, ela dizia, e, talvez por isso, escolhesse todo dia ver a melhor parte.

Aluna Carolina Cordeiro - Nº 4049 - Turma 102



## Uma história verde-oliva do Brasil

Há, aproximadamente, quinhentos anos, Pedro Álvares Cabral desembarcava em Porto Seguro, Bahia, seguido por sua comitiva. A partir deste momento, o território denominado Terra de Vera Cruz passou por diversas mudanças, sejam nominais, culturais, econômicas, sociais e políticas. Entretanto, em meio a esse emaranhado de fatos históricos, uma instituição se desenvolveu para garantir a soberania nacional: o Exército Brasileiro, de forma que sua história está fortemente interligada à História do Brasil.

Inicialmente, por se tratar de uma colônia portuguesa, a extensão brasileira era resguardada, exclusivamente, por militares portugueses, destacando-se o Marechal Napion, patrono do Material Bélico, pelo desenvolvimento da indústria bélica local. Contudo, em 1822, Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil, possibilitando a desvinculação deste país em relação a Portugal, uma melhor organização estratégica do Exército Imperial e o alistamento de homens brasileiros. Além disso, esse ano é marcado pela decisiva atuação da Cadete Maria Quitéria, patronesse do Quadro Complementar de Oficiais, pela expulsão dos holandeses do litoral baiano.

Após quarenta e dois anos, durante o reinado de Dom Pedro II, eclode a Guerra do Paraguai e diversas revoltas internas, como a Sabinada e o levante Malê, todas contidas pela tropa resultante da união do Exército do Império e da Guarda Nacional, tendo destaque o Duque de Caxias, também conhecido por Pacificador ou Patrono do Exército Brasileiro. Ademais, em 1889, Manoel Deodoro da Fonseca, filho de Dona Rosa da Fonseca, patronesse da Família Militar, proclama a República Federativa do Brasil, reivindicando o governo brasileiro e destituindo a Família Imperial.

Durante o período republicano, sistema vigente no Brasil até os dias atuais, enfatiza-se a atuação do Marechal Rondon, patrono de Comunicações, por interligar todas as regiões do País com fios de cobre, possibilitando uma melhoria na infraestrutura, e a proteção aos povos indígenas. Além disso, ao longo da Segunda Guerra

Mundial, a Força Expedicionária Brasileira mostrou um excelente desempenho na Itália, contribuindo para a vitória dos Aliados.

Portanto, não há como separar a História do Brasil do surgimento do Exército Brasileiro, tendo em vista o excelente empenho da Força para manter a soberania nacional e o bem-estar da população, desempenhando um trabalho digno de exaltação e pautado em valores e nos Símbolos Nacionais.

Aluno Levi - Nº 4071 - Turma 102

**CISNE BRANCO**

**Temas: “Se eu fosse Marinheiro, o que faria pelo Brasil?”  
“Estação Antártica Comandante Ferraz”**

## **Orgulho de um marinheiro**

Se eu fosse marinheiro do Brasil, não seria uma tarefa nada fácil, acordar muito cedo para formar, depois treinar, aperfeiçoar o nado, tudo isso iria precisar de determinação e garra. Mesmo difíceis, essas missões se tornariam prazerosas, quando lembrasse do orgulho que seria, para mim e minha família, saber que estaria a serviço do nosso país.

Poderia navegar em alto mar e em grandes navios, como o Cisne Branco, uma experiência maravilhosa, que ficaria em minha memória por toda a vida. Lógico que teria metas, sendo a principal tornar-se um fuzileiro naval, fazer parte da elite, para servir o Brasil, enfrentando qualquer emergência no mar do nosso território. Penso como se fosse um filme, embarcando em um navio especial, pronto para alguma missão em outro país e minha família acenando para mim, e eu muito satisfeito por proporcionar essa alegria para todos.

Realmente, iria amar ser um Marinheiro, mesmo tendo que fazer tanto esforço, iria sim, acordar animado e determinado para o dia que viria. O meu espírito guerreiro nunca se apagaria, pois daria o meu melhor para que pudesse orgulhar a todos. Quando me aposentasse, o sentimento de patriotismo ainda seria grande, porque teria vivido momentos marcantes e inesquecíveis. Contaria histórias emocionantes aos meus netos, que sentiriam orgulho de mim.

Aluno Luiz Maurício - Nº 4474 - Turma 701

### **Ah, se eu fosse...**

Exaltando toda a Marinha de operações mil;  
homenageando, este ano, o nosso Cordel,  
tenho que falar como marinheiro do Brasil,  
faço questão de me apresentar: meu nome é Kael.

Se eu fosse marinheiro, implementaria projetos  
para os jovens brasileiros, sem preconceito.  
Falaria da carreira militar para o cidadão,  
dos seus deveres e dos seus direitos.

Como marinheiro, respeito à Pátria sempre teria.  
Projetos educacionais para o nosso Brasil,  
muitas oportunidades, para todos poderem ver  
a Democracia como ninguém nunca viu.

Como brasileiro, no meu Brasil, eu criaria  
ações de responsabilidade social e ambiental.  
Contra toda a violência a educação atuaria,  
protegeria meu país contra todo o mal.

Toda tensão se transformaria em campanhas.  
Se eu fosse marinheiro do meu Brasil atual,  
aperfeiçoaria a proteção do mar e da nossa Terra,  
expandiria a nossa riqueza cultural.

Enfim, se eu fosse um grande marinheiro,  
no coração o orgulho de ser brasileiro,  
faria tudo e um pouco mais pelo meu Brasil,  
traria para meu país recompensas mil.

Aluno Kael Lisboa - Nº 4704 - Turma 703

## Ouçã bem, meu amigo

Ouçã bem, meu amigo  
hoje eu vim te contar  
a importância da Marinha  
no estudo desse lugar.

Em toda a Antártida,  
há recursos naturais  
petróleo, ouro e urânio,  
puxa vida, é bom demais.

"Pera lá", né, meu amigo  
não é bem assim que "rola":  
pesca, caça e exploração  
nessa década não "cola".

Pelo estudo do gelo,  
a gente observou  
toda a poluição  
que essa Terra já passou.

Comandante Ferraz  
tem três focos de pesquisa,  
há a meteorologia  
aquela que o clima avisa.

Biologia marinha  
"vê" aquecimento global  
e a sua influência  
na migração de animal.

E por fim, a geofísica,  
a qual estuda essa Terra,  
é tanto computador  
que uma conta não erra.

Dois marujos cabras machos  
morreram "cá" nesse local  
por causa de um incêndio  
em nossa base naval.

Porém, não se preocupe,  
isso não nos impediu  
continuamos estudando,  
enquanto lá reconstruiu.

E aqui nós não paramos,  
nós queremos avançar  
e toda essa Antártida  
pouco a pouco analisar.

Aluno Ruach - Nº 4559 - Turma 102

## Protegendo as nossas riquezas

Cravada no coração gelado da Antártida, com seus 14 milhões de km quadrados de extensão, há uma joia: A Estação Antártica Comandante Ferraz. Localizada na Baía do Almirantado, é destinada às pesquisas científicas mais diversas e conta com tecnologia de ponta. É de extrema importância a presença brasileira na região do polo sul, que nunca teria sido possível sem as realizações da Marinha Brasileira.

Há quem veja o continente gelado como um lugar morto, inóspito - afinal de contas, é difícil ter uma ideia muito diferente quando se pensa na região mais seca do mundo com temperaturas inferiores a 80 graus negativos. É necessário um olhar mais atento para perceber a riqueza e fundamental importância da Antártida: ela detém nada menos que 70% de toda reserva de água doce. Não só isso, pode-se dizer que o continente gelado é o termômetro do planeta Terra, uma vez que suas calotas servem de indicador para as mudanças climáticas que vêm ocorrendo, oferecendo melhor entendimento do aquecimento global. A Antártida também possui muitas riquezas minerais, como carvão, platina, ferro e cobalto e grandes reservas petrolíferas. Foi o último continente a ser descoberto pelos europeus, e ainda há muito a ser descoberto sobre ele.

É marcante a presença da Marinha Brasileira no polo sul, desde que o país aderiu ao Tratado da Antártida, em 1975, e criou o PROANTAR, em 1982, que tem contribuído expressivamente para o desenvolvimento da ciência local. No mesmo ano, ocorreu a primeira expedição do Brasil para o continente, com o objetivo de fazer um reconhecimento da região e selecionar onde seria localizada a futura estação, implantada em 1984.

A Marinha, desde a implantação da Estação Antártica Comandante Ferraz, conserva efetivo permanente de 15 militares no território do extremo sul da Terra há 31 anos. Eles passam um ano, podendo chegar a oito meses de isolamento na Estação, dando todo o apoio logístico para pesquisas. São muitos os esforços realizados para manter o PROANTAR; por motivos políticos, econômicos e



principalmente científicos, o Brasil e a força naval têm investido tempo e dinheiro em território tão distante e hostil.

A Marinha tem exercido um papel fundamental, assegurando a proteção de toda a gente, por meio de incansáveis pesquisas sobre a condição do continente gelado e do clima mundial, assegurando a proteção de nossas riquezas através dos esforços para conhecê-las e preservá-las.

Aluna Carolina Cordeiro - Nº 4049 - Turma 102

**LOGOS HOPE**

## Um mar de emoções

Todos sabem a importância da leitura, o quanto é maravilhoso o mundo dos livros, as coisas incríveis que encontramos, mas nem sempre é fácil fazer parte deste universo, entender o que o escritor escreveu, por isso, uso muito a minha imaginação. Ir a um Navio Biblioteca será uma aventura marcante.

Muitos jovens e crianças apresentam dificuldades em compreender os textos longos, e isso torna a leitura muito cansativa para quem tem dificuldade de entender o tema, mas com a ajuda das imagens e cores, podemos sentir a mensagem passada pela história e nos transportar para este lugar mágico.

Livrarias são ambientes saudáveis que, através das obras literárias, mostram o que é passear na imaginação! Estar no meio das estantes cheias de aventuras, fantasias e emoção! Tudo é fascinante! Fantástico! Só quem se encontra com o livro pode entender. Imagina então levar isto tudo para um único lugar?

Viver um sonho cultural em um navio com novos amigos será sensacional, porque no futuro vou poder dizer que no mar tive a experiência do conhecimento e que despertei a vontade de aprender mais e mais! Como será bom viajar nas letras com o mar!

Muitos queriam esta chance, de viver esta grande oportunidade, realmente, será muito valioso. Ter a oportunidade de participar de uma aventura como essa pode ser a chance que eu precisava para estar ainda mais perto dos livros, entender que em qualquer lugar, com qualquer pessoa, podemos nos divertir e ler ao mesmo tempo!

Aluno Daniel Castro - Nº 4705 - Turma 703

## Viajando no navio da leitura

A leitura sempre foi algo muito presente na minha vida desde pequena, pois é por meio dela que podemos viajar por diferentes mundos sem precisar sair do lugar, algo que me fascina.

Acho que como todo bom leitor, o desejo de comprar livros novos e conhecer novas histórias é comum, mas ter a oportunidade de comprar obras de diferentes culturas em outras línguas, como espanhol e inglês é algo incrível! E fazer isso junto com os seus colegas deixa essa aventura mais divertida e melhor, assim cada um apresenta os gêneros que mais gosta, e por assim vai...

Sempre gostei de navios, por conta de o meu pai ser da Marinha. O Logos Hope em si é considerado um navio diferenciado. Nunca vi uma "biblioteca flutuante". Assim que soube da sua existência, fiquei curiosa para saber como é sua estrutura, como funciona e como comporta a tripulação e tantos livros em viagens de milhares e milhares de milhas.

A visita ao Navio-Biblioteca é um passeio diferente que nunca tive a oportunidade de ir antes, e também não sei quando eu poderei ir de novo. Pelo fato de ser uma biblioteca e estar junto de pessoas que eu amo, estou animada e me faz sentir cada vez mais interesse em participar desse passeio.

Aluna Katharina - Nº 4522 - Turma 703

### Por que ir ao Logos Hope?

Nem sempre gostei do mundo literário. Na verdade, quando eu tinha uns cinco anos, meus pais tinham que me obrigar a ouvir ou até ler historinhas, assim, eu me sentia presa àquela rotina, que considerava tediosa, de ler e ouvir narrativas.

Acontece que eu fui crescendo, e meus pais continuavam a insistir para que eu lesse. Num belo dia, quando tinha oito anos, eu consegui ceder e decidi comprar um livro que vi minha amiga lendo e falando que era muito bom. Foi numa tarde de sábado que comecei a ler, bem desanimada, mas não desisti. Fui lendo, começando a me interessar, passando as páginas até que, quando me dei conta, percebi que era noite e que estava bastante envolvida com o livro! A partir daquele dia tão especial, nunca mais deixei de ler, pois me apaixonei pela leitura de tal forma, parecendo até que eu estou compensando todo o tempo perdido...

Agora, já não me sinto presa quando leio, na verdade, sinto-me como um pássaro que voa pelo mundo e pelos enredos dos livros. Aprendi que a leitura, além de ser um lazer, é fundamental e importante para a formação das pessoas, por isso, fico muito feliz e entusiasmada em saber que um navio “recheado” com uma grande variedade de livros estará na cidade que eu moro! Só de pensar em poder desfrutar da incrível leitura de um livro, que atravessa todo o oceano, ou sentir aquele cheirinho gostoso de biblioteca ou até contemplar a arquitetura do Logos Hope, que deve ser fantástica, fico muito ansiosa e na expectativa de vivenciar esse universo da literatura.

Interessante saber que no Logos Hope houve a junção de vários pedacinhos do mundo num só lugar, e assim, formou-se uma grande diversidade de pessoas e de livros que viajam o mundo, levando para todos os lugares essa mistura de idiomas e culturas. Com isso, poderei treinar meu inglês (que pratico há pouco tempo), dialogando com tripulantes ou até na compra de livros estrangeiros.

Enfim, acredito que com essa visita tão marcante e imperdível, poderei adquirir conhecimentos diversos, além de vivenciar uma

experiência extraordinária, na qual poderei enfatizar, ainda mais, a minha paixão pelos livros.

Aluna Beatriz Sales - Nº 4470 - Turma 702

**A HISTÓRIA DO BRASIL SE CONFUNDE COM A HISTÓRIA DO  
EXÉRCITO**

## **O verde oliva da bandeira verde loura**

No dia 7 de setembro de 1822, ouviu-se pela primeira vez, nas margens do Ipiranga, o grito “Independência ou morte”, que por tanto tempo viria a ressoar nos ouvidos e corações do povo brasileiro. Porém, o brado foi muito mais que um conjunto de fonemas e palavras, uma vez que continha em si todo o potencial e os sonhos da recém-nascida nação. E, intrínseco ao nascimento da pátria amada, há o igualmente significativo princípio do Exército Brasileiro.

Em outubro do mesmo ano, foi organizada, por D. Pedro I, a Guarda de Honra e o Batalhão do Imperador, que mais tarde viriam a dar origem às forças militares. Em 1823, desponta a importante imagem de Duque de Caxias, patrono do EB, que ao combater um movimento contra a recente emancipação do Brasil, recebeu o honroso título de Veterano da Independência. O próprio nome de “Caxias” diz muito sobre o patrono e sobre as forças armadas, uma vez que traz em si as ideias de disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória.

Vale destacar que, quando o verde-louro da bandeira brasileira ainda não pintara as flâmulas, já havia acontecido guerras, como a sangrenta Batalha de Guararapes. Nesta, o recém-formado Exército Brasileiro combateu as forças dos Países Baixos, obtendo a sua primeira de incontáveis e nem sequer sonhadas vitórias. Mais tarde, os bravos guerreiros viriam a derrotar aqueles que resistissem à independência da nação, sendo assim de importância fundamental para a mesma.

Desde seus primórdios até os dias atuais, o EB tem exercido papéis essenciais não só para a formação como para a manutenção do Estado Brasileiro - no Império, internamente, reprimiu rebeliões e revoltas que tendiam para a fragmentação do país, além de proteger as suas fronteiras. Na atualidade, atua em missões pacificadoras e protegendo a pátria amada de modo a garantir a soberania nacional, dos poderes constitucionais, da lei e, principalmente, da ordem.



É evidente que, como sustentava o antropólogo brasileiro Gilberto Freyre, não existe um país se ao redor dele não houver suas forças armadas, dispostas a derramar seu próprio sangue em defesa do mesmo. Assim, mesmo o Brasil e seu exército fazendo aniversário no mesmo dia, é de grande importância que se engrandeça os dois acontecimentos, uma vez que esses não devem se confundir, mas se complementarem.

Aluna Carolina Cordeiro - Nº 4049 - Turma 102

## **Exército de Caxias: ontem, hoje e sempre**

Gigante pela própria natureza, belo, forte e impávido colosso, o Brasil tem sua história marcada por momentos de lutas, desafios e glórias. A formação do Exército iniciou-se durante a Insurreição Pernambucana, ocasião em que a “fusão de raças” de brancos, negros e ameríndios expulsaram os holandeses instalados nas terras nordestinas. A gloriosa Batalha de Guararapes, em 19 de abril de 1648, constituiu o marco da nacionalidade brasileira e do Exército Brasileiro.

Ao longo do tempo, suas tropas sempre estiveram presentes no desenvolvimento de uma nação forte e soberana. A participação no processo de Independência, nas campanhas de pacificação internas, nas vitórias das lutas Cisplatinas, na Proclamação da República, e nos conflitos mundiais, contribuiu para a consolidação de uma instituição democrática, que cultua os valores éticos e morais.

Durante todo este período, a liderança militar ficou evidenciada pelas ações e exemplos de soldados emblemáticos, que se tornaram merecedores do reconhecimento como patronos. Entre estes destacam-se o Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o pacificador “Duque de Caxias”, patrono do Exército e a tenente Maria Quitéria, patrona do Quadro Complementar de Oficiais.

“É a vontade que luta e zela pela ordem segurança e pela paz”. A atuação da Força Terrestre, na atualidade, pode ser observada pelo cumprimento das missões de Garantia da Lei e da Ordem nas comunidades e de Intervenção Militar no Rio e Janeiro, no combate ao crime organizado e na segurança dos grandes eventos (Copa das Confederações - 2013, Copa do Mundo - 2014, Olimpíadas - 2016), coordenando as operações interagências, o que contribuiu para a operacionalidade da tropa e o fortalecimento de sua imagem perante o povo brasileiro.

As operações de paz no Haiti; a Operação Acolhida, que recebe refugiados venezuelanos, em Roraima; o Programa Força no Esporte, que atende crianças; o Projeto Soldado Cidadão, que habilita os jovens soldados para futuros empregos; a Operação Pipa, que promove o abastecimento de água às comunidades atingidas pela

seca e a pavimentação de estradas, pela Engenharia, que facilita a integração nacional, são algumas das ações marcantes da mão amiga em prol da sociedade.

“Nós somos da pátria a guarda, fiéis soldados, por ela amados”. O Exército Brasileiro se compromete em manter o povo em segurança, bem como prover os auxílios necessários em momentos de calamidades. Isto contribui para a manutenção da ordem, do progresso e do comprometimento com o Brasil acima de tudo, fortalecendo o emblemático lema “Braço forte, mão amiga”.

Aluna Gabrielly Rosa - Nº 4350 – Turma 101

## **Pátria amada, Brasil**

Quando investigamos a história completa de um objeto, de uma pessoa ou até de um país, conseguimos identificar os principais agentes que contribuíram para a sua formação, como o Exército na história da nação brasileira.

Em Guararapes, pujante surgiu. O dia 19 de abril, de 1648, marcou a história de todos os brasileiros com a participação de um povo heroico em uma comovente batalha, que simbolizou mais do que um memorável feito militar de nossos antepassados, pois mesmo sendo de diferentes etnias, eles se juntaram por um mesmo sentido patriótico.

Mais tarde, setembro ficou marcado em nossos corações, em meio de tantas resistências e golpes, de modo nada pacífico, zombou deles o Brasil, com um admirável exército nas margens do Ipiranga, conseguimos, enfim, ver a “pátria livre”.

Originalmente, para manter a ordem e o progresso, em 1822, o Exército foi criado, como um órgão subordinado ao Ministério da Defesa, momento significativo para a nação brasileira.

Independência conquistada, o Exército do Brasil interviu na Guerra Cisplatina, porém, “a paz queremos com fervor, a guerra só nos causa dor” e por meio de um acordo com a Argentina, nasceu aí a República Oriental do Uruguai.

Filho de um Rosa, Duque de Caxias, se destacou em um período difícil. Durante cinco anos, o Brasil ficou preso na Guerra do Paraguai. O Exército brasileiro, junto com os exércitos da Argentina e do Uruguai, deixou o Paraguai devastado.

Proclamação da República, deu início à República Federativa Presidencialista, desta vez quem levou o nome do Exército foi um Fonseca, como primeiro Presidente da República, foi responsável pela efetiva proclamação.

A cobra fumou, quando a Força Expedicionária Brasileira e a Força Aérea levaram consigo a coragem do povo brasileiro para a Segunda Guerra Mundial, do lado dos Aliados, mostraram a bravura da nossa pátria.

De fato, o exército teve e continua tendo uma grande participação na nossa história, sempre honrando a bandeira do Brasil, mesmo não sendo fácil, continua a lutar por uma pátria amada, Brasil.

Aluna Victoria Chicourel - Nº 4105 - Turma 103

## Gigante por natureza

Entre 13 de dezembro de 1864 e 1º de março de 1870, foi travado o maior conflito militar já visto na América do Sul, A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança. Esse confronto mostrou-se fundamental, não somente para garantir a hegemonia brasileira no continente, como também para desenhar os novos limites e fronteiras da intrincada geopolítica sul-americana. Este, que foi o maior triunfo do Exército Brasileiro, é tido como o ponto definitivo para a exponencial ascensão da instituição, seja pelo apreço entre a população civil ou pela estruturação da organização.

A vitória do Exército verde-oliva obtida há quase 150 anos não figura na história como um acontecimento isolado, mas sim como um evento primordial para que hoje, o Brasil possa ser chamado de República. Após a longa campanha das tropas de Caxias, constatou-se a desvalorização da Força Terrestre por parte do governo, o que provocou um crescente sentimento de revolta. Assim, sob a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca, o Exército, cujas fileiras eram compostas por homens das mais diversas camadas sociais, apoiado por outros setores da sociedade como a Igreja e os latifundiários escravocratas, destituiu o governo monárquico, e instaurou o regime republicano.

A Guerra do Paraguai, inegavelmente, causou ao Brasil perdas irreparáveis, entretanto, deu a oportunidade para que fosse contemplado o apogeu da figura que é tida como o maior herói nacional, Duque de Caxias, o patrono do Exército Brasileiro. Além da maestria com a qual conduziu seus batalhões ao triunfo, propôs, em 1853, algo que reverbera, inclusive na própria escrita desse texto, a criação de um colégio que assistisse os órfãos dos militares mortos nos campos de batalha, o que viria a se concretizar apenas em 1889, originando o Sistema Colégio Militar do Brasil.

Ao analisar a história do Brasil e a história do Exército Brasileiro, fica claro que ambas se completam. Essa instituição secular ajudou a moldar o país, assim como foi moldada em prol de sua defesa. A canção do Exército, cuja letra e melodia são conhecidas nos quatro cantos da nação, expressa perfeitamente a postura de uma

instituição preparada para sacrificar-se, mas que compreende que não há beleza em ver a cor verde-oliva manchada por tons de escarlate. Logo, em uníssono, entoam: “...A paz queremos com fervor. A guerra só nos causa dor, porém, se a Pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos sem temor...”

Aluno Matheus Luquini - Nº 4112 - Turma 103

## As múltiplas histórias do Brasil

Não se há de negar que, em meio a tantos momentos importantes de uma nação, alguns podem passar despercebidos. No Brasil, por exemplo, na sua trajetória para se tornar a nação hoje conhecida, exímios momentos de luta são conhecidos e comemorados com frequência. Porém, enquanto tudo se passava nesta árdua jornada para se consolidar, ocorreu a formação do Exército Brasileiro, e a história deste acaba, muitas vezes, se confundindo com a do Brasil.

A história de vida de Maria Quitéria reflete um pouco disso. Enquanto nasce na Província da Bahia uma mulher que traria tanta representatividade para o Exército Brasileiro anos mais tarde, tornando-se a patrona do Quadro Complementar de Oficiais, a capital baiana efervesce. Mas quem perceberia o nascimento de uma mulher no interior do estado, nesse momento? Isso porque, meses depois, eclodia na cidade de Salvador a Revolta dos Alfaiates, uma luta de grande parte da população baiana que se movimentou em busca de emancipação da província do resto do Brasil.

Já em janeiro de 1808, após cansativos meses de viagem, finalmente desembarca na cidade de Salvador os navios que traziam a família real portuguesa para o Brasil. Dia este que ficaria marcado na memória de todos e que seria lembrado até hoje como o começo de uma nova era para o Brasil, graças a uma série de mudanças feitas pelo rei de Portugal, Dom João VI.

Enquanto a euforia da chegada da nobreza tomava Salvador e Rio de Janeiro, especialmente, uma pequena cidade do interior da Bahia via desabrochar uma mulher da menina Maria Quitéria, que viria a ter papel fundamental nas lutas da independência da Bahia. E enquanto tudo parecia correr bem, Dom Pedro I, filho de Dom João, proclamava a independência do Brasil.

E foi no ano da formal independência do Brasil que a vida desta jovem mudou completamente, quando Maria Quitéria fugiu de casa e quebrou todas as barreiras ao se tornar uma mulher militar, algo que até então nunca havia acontecido. Mesmo momento em que o Exército Brasileiro se consolidou como uma instituição de peso no



Brasil. Ela e outras importantes figuras lideraram tropas numa luta que parecia estar perdida e não desistiram até que expulsassem os portugueses da Bahia, sendo fundamentais nessa luta. Dessa forma, Maria Quitéria marcou a história tanto do Brasil quanto do Exército, de uma forma que nem o tempo será capaz de apagar.

Portanto, é perceptível que, muitas vezes, momentos importantes da história acabam ofuscados por outros que impactaram mais de alguma maneira ou de outra. Isso não quer dizer que cada momento não possa ser reconhecido do seu jeito, com sua singularidade.

Aluno Sena - Nº 4057 - Turma 101

## **CENTENÁRIO DO 19º BC**

## Centenário do 19º BC

“Se for possível, está feito; se for impossível, vamos fazê-lo”. Criado há quase 100 anos e motivados por esse lema, os caçadores do Pirajá defendem com garra não só a capital baiana como todo o território nacional.

Surgiu em 1920, da junção de duas unidades: o 11º Regimento de Infantaria e o 50º Batalhão de Caçadores. No início, serviram no Forte de São Pedro e, em 1943, foram transferidos para o bairro do Cabula, onde estão até hoje.

Atuantes em batalhas importantes como a Guerra da Tríplice Aliança, contra o Paraguai, e a Campanha de Canudos, parte de suas tropas também lutou na 2ª Guerra Mundial. Atuaram também em crises internas em São Paulo e Pernambuco. Em batalhas, nomes que marcaram nossa História: a Cadete Maria Quitéria de Jesus, o Marechal Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho e o Patrono do Exército, Duque de Caxias.

Por todas essas contribuições ao nosso país, saúdo os caçadores: se for possível, está feito; se for impossível, eles farão.

Aluno Castelo Branco - Nº 4697 - Turma 701

## O Batalhão Pirajá

Encontra-se no bairro do Cabula, o 19º Batalhão de Caçadores - Batalhão Pirajá. Singelo e esquecido por muitos da sociedade soteropolitana, que nas suas atividades diárias, acabam não notando a sua presença centenária e sua bela história de contribuição ao Exército de Caxias. O 19º Batalhão de Caçadores ou 19º BC, tem sua história iniciada através do 11º Regimento de Infantaria, Regimento Tiradentes, devido ao decreto assinado no dia 11 de dezembro de 1919.

Inicialmente, a Organização Militar foi instalada no Forte de São Pedro, localizado no bairro do Campo Grande, na cidade do Salvador. Após ser transferido para o bairro do Cabula, o 19º BC passou a cuidar da Mata do Cascão, denominada assim por ter nascentes do rio Cascão, que atualmente é uma das últimas áreas de Mata Atlântica remanescente na cidade. A Reserva possui acesso controlado pela OM e é utilizada para estudo de pesquisadores e estudantes.

O 19º BC recebeu o nome de Batalhão Pirajá em homenagem à Batalha de Pirajá, ocorrida durante a Independência da Bahia, ainda no século XIX. Durante as décadas de 1920 e 1930, o Batalhão foi convocado a intervir em algumas campanhas pelo Brasil e no exterior. Uma de suas campanhas importantes foi a contribuição para a Força Expedicionária Brasileira, entre 1944 e 1945, na Itália.

Atualmente, o Exército Brasileiro deixa como uma das missões do 19º BC formar os militares para a reserva da Força, dar apoio ao desenvolvimento humano no estado da Bahia por meio de subsídios e apoiar missões no exterior quando solicitado, honrando as tradições de Guararapes, a Bandeira, do Brasil e sua soberania.

## **TEXTOS ALUSIVOS**

## **Dia da vitória**

Há exatos 74 anos, o dia oito de maio de 1945 marcou o fim da Segunda Guerra Mundial, após seis anos de longos entraves contra as forças inimigas, e o Exército Brasileiro foi de suma importância para esta vitória.

Apesar de o Brasil se manter neutro desde o começo do conflito, estava se tornando cada vez mais difícil manter a pacificidade. Após o torpedeamento de doze navios mercantes brasileiros, próximo da costa do país, foi declarada guerra aos países que compunham o Eixo. Diante da ameaça à soberania nacional e das dificuldades enfrentadas, tornou-se necessário mais tropas se dirigirem ao combate, e a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta por mais de vinte e cinco mil brasileiros de diversas regiões do país, partiu em direção ao continente europeu. Depois de um período de treinamento na Itália, ocorreu a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, na qual faria História e seria essencial para a derrota das tropas inimigas.

A participação brasileira seria essencial para o avanço das tropas aliadas rumo à vitória. Ficaram conhecidas por levar esperança à sofredora população italiana, e por épicas batalhas em solo europeu, destacando-se a tomada de Monte Castello, Monte Belvedere e de Castelnuovo. Após muita luta, na qual os brasileiros e outras tropas aliadas deram seu sangue, no dia oito de maio de 1945, ocorreu a formal rendição alemã aos Aliados, na Europa.

Esta data foi motivo de muita comemoração em todo o mundo, especialmente na cidade de Londres, onde mais de um milhão de pessoas festejaram o fim da guerra. Apesar de essa comemoração passar despercebida em meio a tantas outras, vale ressaltar que este dia marcou a História dando fim a um longo período de batalhas e à hegemonia da Alemanha na Europa no período. Feliz Dia da Vitória!

## O Soldado de Caxias

Na data de 25 de agosto, aniversário do Duque de Caxias, “o Duque de Ferro pacificador”, é comemorado anualmente o Dia do Soldado. Soldado que trabalha com afinco na defesa da pátria e de seus interesses, soldado que luta para manter a paz e colabora com o desenvolvimento social, soldado que deve ser homenageado por honrar os ideais do Exército Brasileiro.

Soldado não é uma patente, é um sentimento de dever e lealdade com o país. Ser soldado é muito mais que servir ao Exército, é agir com ética, respeito, lealdade e camaradagem, valores essenciais para a manutenção da tradição militar, fortalecendo a imagem da instituição perante a sociedade.

Sua jornada, que se inicia com o serviço militar obrigatório, permite que ele incorpore os ensinamentos da carreira militar e conhecimentos profissionais, contribuindo para sua inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente com uma melhoria na sua qualidade de vida. Mesmo aquele jovem que serve por um curto período, tem a oportunidade de desenvolver habilidades específicas que serão úteis no futuro.

Ao se alistar para integrar o Exército, o jovem se compromete a exercer toda função na qual seja necessário com o intuito de manter o contínuo progresso das instituições militares e do Brasil. Para tanto, o soldado brasileiro tem disciplina, coragem, dedicação e comprometimento com a pátria como alguns dos seus principais atributos, tornando-se um cidadão exemplar.

Portanto, valorizar o militar é essencial porque ele é responsável por missões que levam à solução de crises nacionais e internacionais e, trabalhando duro, está sempre preparado para garantir a segurança da nação e da população brasileira: “na paz ou na Guerra, defende a terra contra o perigo”. É com muita satisfação que viemos hoje aqui honrar os soldados de ontem, hoje e sempre e parabenizá-los pelo seu dia.

Feliz dia do Soldado!

Aluna Gabrielly Rosa - Nº 4350 - Turma 101

## FÁBULAS



## A bicharada na passeata

Cansados da destruição que ocorria na Mata Atlântica, o leão e seus amigos, a raposa, o coelho, o macaco e o pavão, reuniram-se no esconderijo, o Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador para discutirem e organizarem as ideias sobre o assunto.

Depois de algum tempo pensando, a raposa disse:

– E se fizéssemos uma passeata?

Automaticamente, todos aplaudiram e concordaram que seria aquilo que fariam. Mas, de repente, o macaco se intrometeu:

– Esta ideia está incompleta. Que tal criarmos mandamentos para preservarem esse pouquinho da natureza que temos?

E foi isso que fizeram. Pegaram vários papelões que encontraram pelas ruas e começaram a escrever as frases:

I- Sem extinção das espécies – disse o coelho.

II- Acabar com o desmatamento – falou o leão.

III- Sem poluição na natureza – alegrou-se o pavão.

Toda a bicharada estava muito animada e confiante com aquela passeata.

Escreveram suas mensagens com canetinhas coloridas no papelão e, por fim, o pavão deu um charme nos cartazes deixando-os mais interessantes.

Arrumaram tudo e foram para as ruas protestar, o que deixou as pessoas muito assustadas, porque nunca tinham visto uma passeata de animais.

Com tudo aquilo que os animais fizeram, as pessoas começaram a refletir e pensaram em melhorar seu comportamento para com a natureza. Logo depois daquele protesto, o meio ambiente estava muito melhor, tanto na fauna quanto na flora, deixando todos os animais super alegres com a melhora.

Moral: Nunca desista dos seus sonhos para conseguir o que quer.

## A chave para a preservação

Era primavera naquele ano, e os animais estavam desesperados com a situação atual da natureza. A flora de Salvador vinha sendo desmatada e a fauna estava sendo morta. Por essa razão, decidiram fazer uma reunião com todos os animais da redondeza para criarem estratégias com a finalidade de estabelecer, principalmente, a preservação da Mata Atlântica.

A reunião foi marcada no Colégio Militar de Salvador, mais especificamente, no Centro de Biodiversidade. Na data combinada, todos apareceram para traçarem metas e regras em conjunto, porém, cada um queria uma coisa. O cordeiro e a ovelha, ingênuos como são, achavam que os desmatadores iriam se conscientizar sozinhos e eles não precisariam fazer nada. Já a raposa e o lobo queriam assassinar os malfeitores. A reunião não estava indo para frente e, enquanto estavam ali discutindo, mais árvores estavam sendo cortadas.

Então, o leão decidiu exercer sua liderança. Mandou todos fazerem silêncio para entrarem em um consenso. O agora então líder do grupo propôs uma lista de mandamentos que serviriam para a preservação da Mata Atlântica e para restaurar a paz entre os animais. São eles:

- I - Não desperdiçar recursos naturais.
- II - Manter a paz na floresta, não matando os animais.
- III - Não degradar as árvores e plantas.

Após os mandamentos serem estabelecidos e concordados por todos, eles decidiram fazer uma passeata um pouco inusitada pela cidade, na qual saíram com cartazes em apoio à preservação da natureza. E, assim, foi feito. Fizeram uma grande passeata e os humanos ficaram assustados. Todos que viram a passeata e os documentos ficaram assustados, pois se deram conta do mal que estavam fazendo à natureza. Assim, repensaram suas atitudes, conversaram com os animais e pediram desculpas. Daquele dia em diante, nunca mais fizeram mal ao meio ambiente.

Moral: Sempre se coloque no lugar do outro e ajude-o se for necessário.

Aluno Mateus Cintra - Nº 4612 - Turma 601

## A grande revolução

Era um tempo difícil na Mata Atlântica. Há dois meses, as árvores de lá se tornaram somente uma quimera para os animais. O sabiá não estava com sua cantoria alegre, e o macaco, sem a sua empolgação rotineira, deixava as matas ainda mais tristes. Algo tinha que ser feito urgentemente.

Então, a sábia conselheira coruja, promoveu uma convenção dos bichos para que seu bioma fosse salvo. Escolheram para se reunir no Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador, onde estariam seguros dos caçadores. Todos começaram a sua lamúria. Era um testemunho do fel que escorria no coração dos homens. A moradia, a família, o sustento..., tudo tinha virado um sonho bom. Após o término dos depoimentos, o leão disse:

– Agora, é chegada a hora da mudança. Abro meu coração para ouvi-los.

Uns sugeriram a drástica ideia de exterminar os seres humanos, ou seja, expulsá-los da Terra, mas foi vetada pela sua gravidade. O sabiá subiu num livro perdido e sugeriu uma passeata. Todos aplaudiram-no e perguntaram.

– O que é isso?

Abriam o livro e leram a frase “Os dez mandamentos”. Assim, a ideia dos mandamentos surgiu. Escreveram em uma enorme folha de bananeira todos os três acordos. Saíram para fazer a mudança. O protesto parou a cidade inteira. Todos se comoveram após lerem na faixa os seguintes mandamentos:

- I- Não mate animais, árvores e outros seres;
- II- Plante árvores e cuide delas com todo o amor do mundo;
- III- Respeite todo tipo de elemento natural e forma de vida.

Assim, a Mata Atlântica e a natureza viveram a serena paz da vida.

Moral: Respeite a natureza para que ela te respeite.

Aluna Fernanda Alves - Nº 4618 - Turma 601

## Assembleia dos animais

Certa noite, o leão convidou os seus amigos animais para se reunirem na Mata Atlântica, do Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador para criarem metas e impedir o avanço da ocupação do solo e a destruição da flora e fauna na cidade de Salvador.

Depois de todo aquele rebuliço, chegaram à conclusão de criarem leis, ou seja, mandamentos para impor limites na destruição da Mata Atlântica, então fizeram um grande debate para decidir quais seriam os mandamentos.

Cada animal queria impor uma lei, aí começou outro rebuliço. O leão chegou e falou em alto e bom tom:

– Chega! Vamos decidir como animais civilizados que somos!

Um tempo depois, quando todos estavam calmos, começou o debate para decidir qual seria o primeiro mandamento.

Um dos animais deu a sua opinião:

– A nossa mata é importante para você e muito mais para nós, portanto, cuidem bem dela.

– Gostei! Agora outra opinião – disse o leão.

Um outro animal voluntário falou:

– Somos seres vivos, precisamos de casa, comida, amor e carinho. Zelem por nós.

Então, o leão falou também:

– Dividimos tudo que há na mata, mas queremos a nossa parte intocável.

Com isso em mãos, ou melhor, em patas, esse documento foi distribuído por todos os lugares e, finalmente, o ser humano se ligou do mal que estava fazendo.

Moral: Não faça com o outro o que não quer que faça com você.

Aluna Carolina Motta - Nº 4694 - Turma 602

## Os defensores da Mata Atlântica

Em um dia qualquer, os habitantes da Mata Atlântica como o leão, os pássaros, as abelhas, a onça, os coelhos etc., se reuniram no Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador para discutirem sobre os recentes acontecimentos da região.

Alguns animais estavam tristes como a formiga, que informou que um humano pisou novamente no seu formigueiro e a onça disse que sua amiga fora assassinada por caçadores.

A fauna e a flora dessa floresta já não aguentavam mais viver com medo, então, para mudar essa terrível situação, criaram três leis para que todos vivessem em paz, harmonia e segurança.

A primeira foi: “Não está permitida a caça de animais.” A segunda: “É proibido a derrubada de árvores, a não ser que sejam plantadas outras no lugar.” E a terceira “É inaceitável a poluição das matas.”

Para promover as normas, os bichos fizeram uma passeata na cidade. Os humanos ficaram perplexos, mas isso foi para eles refletirem sobre o que estavam fazendo com a natureza.

Tempos depois, os habitantes da floresta e os humanos se tornaram grandes amigos e passaram a defender a mata, pois perceberam que precisavam dela.

Moral: Não prejudique o que lhe faz bem.

Aluna Thainá Paes - Nº 4622 - Turma 601

## Os mandamentos

Todos os anos, havia a Convenção da Vida na floresta. Nesse ano, ela ocorreu no Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador. Todos os bichos foram convidados e foram arrumadíssimos para lá.

A coruja, que iria fazer a palestra do evento, cumprimentou junto com o leão, que era o anfitrião da festa, os animais ali presentes. Eles perguntavam aos amigos o que eles fariam com a maior fonte de poluição do mundo: os homens. A cobra falou que ceifaria a vida dos homens na Terra; o papagaio falou que dominaria o mundo e faria os homens de escravos; mas, somente a borboleta falou algo que chamou a atenção do leão e da coruja: disse que era para eles criarem mandamentos de preservação para conscientizar os homens de seus atos.

No dia consecutivo à Convenção, a coruja e o leão se reuniram e discutiram sobre os mandamentos. Pensavam em tudo, mas queriam coisas simples para os humanos entenderem.

No fim da tarde, um papagaio e um sabiá, que passavam por ali, viram o esforço árduo dos amigos e resolveram ajudá-los. Criaram então os seguintes mandamentos:

- I- Não jogar lixo nas praias ou florestas.
- II- Evitar usar o transporte particular e usar o público ou andar a pé, para evitar a proliferação do gás carbônico e o uso da gasolina.
- III- Fazer reflorestamento.
- IV- Não caçar ilegalmente.

Todos os animais ajudaram, espalhando os mandamentos pelo mundo. E, por incrível que pareça, os humanos começaram a mudar, sendo mais conscientes em suas ações e progredindo.

Moral: Não se combate fogo com fogo; se for pacificamente, tudo se resolve.

## Os mandamentos da mata

A situação estava horrível na Mata Atlântica e quase nenhuma árvore estava conseguindo sobreviver. Vendo esse absurdo, o leão, protetor como sempre, convocou todos os animais da Mata para uma reunião no grande Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador.

Muitas ideias foram discutidas na convenção, mas a onça, com sua esperteza, que não era pouca, estava inspirada naquele dia. Então, ela disse:

– Que tal criarmos os mandamentos da Mata Atlântica?

Todos adoraram a ideia. Cada um produziu um mandamento e os três melhores foram escolhidos.

O primeiro mandamento foi: Não poluir a mata nem os rios e mares.

O segundo: Não caçar os animais.

O terceiro: Se cortar uma árvore, plantar outra de volta.

Após a decisão dos três mandamentos, todos se prepararam para fazer uma grande passeata por Salvador.

As corujas-buraqueiras fizeram um enorme cartaz, os micos arranjaram grandes tambores e o leão preparou seu rugido.

A passeata foi o maior sucesso. Eles rodearam a Pituba, Brotas e até a Cidade Baixa. As pessoas ficaram de boca aberta quando viram os animais pelas ruas carregando faixas, cartazes e muita animação.

Um panfleto com os mandamentos foi sendo distribuído por toda a cidade e, por incrível que pareça, os homens refletiram sobre o assunto e passaram a seguir esses mandamentos e, assim, ajudaram a Mata Atlântica e todos os seres.

Moral: Pense no outro antes de pensar em si mesmo.

Aluno Roriz - Nº 4611 - Turma 602



## Os mandamentos da preservação

As aulas haviam começado para quase todas as escolas de Salvador e com o Colégio Militar não era diferente. Som dos carros, gritaria, os sinais que indicavam que outra aula estava para começar e barulho de obras: mesmo acontecendo há anos, ainda atrapalhavam a vida dos pobres animais que moravam no Centro de Biodiversidade de lá.

Antes dessa barulheira toda começar e acordar os bichos, alguém havia distribuído panfletos na frente da casa de cada animal daquela floresta e de algumas da redondeza. Esse alguém era a Cory, a coruja mais sábia, que já estava farta desse desrespeito para com eles e queria pôr um fim nisso.

Mais tarde, naquele mesmo dia, todos os animais que receberam o panfleto, estavam presentes no lugar marcado. Desde formigas até o leão conversavam enquanto a reunião não começava. Foi então que Cory pousou em um galho não tão alto e anunciou que a reunião começaria. Ela disse que todos esses atos feitos por humanos durante décadas, não estavam e nunca estiveram certos. Havia chegado a hora deles colocarem um fim nessa era de agressão à natureza. Para isso, Cory convidava todos a participarem da Passeata Animal que aconteceria no dia seguinte. Nela, os animais caminhariam pelas ruas deixando, por todos os lugares que passassem, os Mandamentos da Preservação, que eram três:

I - Os animais e plantas também são seres vivos, então, comece a tratá-los como tal.

II - Todos os recursos naturais são limitados, então, não os desperdice.

III - Cada vez que poluir o meio ambiente, estará se prejudicando, então, mude seus atos.

No dia certo, a passeata aconteceu. Tigres e zebras andando lado a lado por um bem maior assustaram e paralisaram o povo. E, por incrível que pareça, os homens pararam para refletir sobre o mal que estavam causando.

Depois desse dia, que ficou para a história, os humanos mudaram suas atitudes para sempre e passaram a respeitar a natureza.

Moral: Unidos somos mais fortes.

Aluna Hanna Barbosa - Nº 4619 - Turma 601

### Peça e você terá

Ultimamente, os humanos têm destruído todas as matas e florestas que encontram para o seu próprio conforto e bem-estar. Eles não pensam nas vidas dos animais que estão prejudicando ao fazerem isso. Os bichos, porém, decidiram que estava na hora de tomarem uma atitude. Assim, resolveram se reunir no Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador para discutirem o que fazer em relação aos seres humanos. Foi o leão quem tomou a palavra:

– Atenção todos! Precisamos fazer algo para acabar de vez com a destruição que os homens estão causando. Quero sugestões?

- Que tal atacarmos os humanos? – sugeriu a raposa.
- Nada que seja violento – respondeu o leão.
- Que tal criarmos mandamentos – disse a pomba.
- Essa é uma boa ideia – falou o líder.

Então, todos concordaram em criar os mandamentos de preservação da Mata Atlântica e havia dois mandamentos iniciais: “nunca matar um animal” e “nunca destruir a casa deles”. Os animais fizeram várias cópias e espalharam nas ruas. Em pouco tempo, por incrível que pareça, os humanos perceberam que os seus atos estavam prejudicando vidas.

Contentes com a boa notícia, os bichos resolveram organizar uma passeata pela cidade para comemorar. Foi lindo, todos organizados e felizes.

Moral: Quem procura, acha.

Aluna Jasmin Leal - Nº 4632 - Turma 602

## SOS Mata Atlântica

Após perceber a situação lamentável da Mata Atlântica, os bichos decidiram se reunir no Centro de Biodiversidade do Colégio Militar de Salvador para discutirem o que fariam para resolver tal problema. O líder desse grupo era o leão, e os demais integrantes eram o mico-leão-dourado, a onça, a cutia, o gorila e a coruja. O leão iniciou o discurso:

– Amigos, precisamos proteger nossa mata! Alguns de nós corremos o risco de extinção e devemos fazer algo a respeito!

– Todos estamos... – o gorila tentou falar algo, mas parou.

– Olá! – surge a coruja – Precisam de ajuda, certo? Vim ajudar! Por que não fazemos três mandamentos para preservar a floresta?

– Certo! – gritou o leão.

Sendo assim, elaboraram os três mandamentos:

“Desmatar é proibido” (ou seja, as pessoas não devem cortar as árvores);

“Não caçarás” (ou seja, não deve matar ou prender animais);

“Não aproveitarás da mata” (ou seja, não deve construir prédios, rodovias, etc., na área da mata).

Depois, fizeram faixas para uma passeata. Nelas, estavam escritos os três mandamentos e outra com: “SOS Mata Atlântica”. Saíram do Colégio Militar até o Pelourinho.

A passeata parou o trânsito, e as pessoas se conscientizaram, decidindo não destruir mais a Mata.

Moral: Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

Aluno Paulo Sérgio - Nº 4647 - Turma 602

**LENDAS**

## A criação das estrelas

Há milhares de anos, os deuses, semideuses, seres maravilhosos e humanos habitavam a Terra e o céu. Uma jovem de cabelos cacheados e claros, com olhos da cor de mel, chamada Any, passara toda sua vida na Terra, com sua mãe, Ísis, uma humana e descobriu que era filha do deus dos deuses, Zeus, o que fazia dela uma semideusa.

Após ouvir a informação de seu amigo Taisson, um ciclope, Any percebeu que tudo fazia sentido. Desde pequena, ela notava uma mudança climática ao seu redor de acordo com o seu humor, mas sua mãe sempre negava a sua teoria.

Determinada a encontrar seu pai, a jovem mulher contou à sua mãe da sua viagem para o céu, onde Zeus morava. Desesperada, Ísis quis impedi-la, mas como sempre foi cabeça dura, Any não escutou e foi encontrar o deus.

Chegando lá, ela contou para Zeus que ele era seu pai, contudo, a reação dele não foi como ela esperava. O deus, com medo de descobrirem o seu adultério, trançou a filha em um castelo no céu.

Any passava todos os seus dias lamentando, sentindo saudade de sua mãe e arrependida pelos seus atos. Suas lágrimas escorriam pelo espaço e, por conta da baixa temperatura, elas congelavam formando as estrelas e trazendo esperança para a menina: que sua mãe a encontrasse.

Aluna Sofia Fontes - Nº 4635 - Turma 601

## A criação do acônito

Há muito tempo, em uma tribo indígena na Amazônia, chamada Yanomani, havia um guerreiro muito respeitado chamado Akon. Ele era valente, forte e já havia enfrentado vários animais selvagens. Quando anoitecia, Akon, geralmente ficava nas redondezas das ocas para proteger sua tribo.

Certo dia, no meio da madrugada, ecoou por toda a aldeia um ronronar que amedrontou a todos. Era a terrível e horripilante onça-pintada. Ela tinha os olhos amarelos e enormes dentes caninos, capazes de destroçar qualquer um que ousasse enfrentá-la. Era um belo animal, porém, muito perigoso, pois já havia matado várias pessoas.

Quando Akon ouviu o som e percebeu que a fera estava por perto, reuniu seu arco, suas flechas e lanças e partiu, rapidamente, em sua direção. No caminho, encontrou muitas pegadas. Como era habilidoso, conseguiu se guiar por elas. Foram horas e horas nessa perseguição até que, ao amanhecer, avistou o animal.

Sorrateiramente, entre um arbusto e outro da floresta, foi se aproximando. Percebeu que a onça parou para beber água em um pequeno riacho. Aquela era a hora. Sacou sua melhor flecha, aguardou a onça se levantar, oferecendo o melhor ângulo para, então, desferir o golpe fatal. Akon não hesitou, empregando naquele instante toda a sua experiência. O lançamento foi certo, fazendo a flecha penetrar entre as costelas do animal. A onça deu um salto, quebrando a ponteira em seu interior. Como era um animal forte, reagiu, atacando Akon, com grande fúria e rasgando-lhe a garganta. Foi uma luta muito dura que levou ambos a morte.

O chefe da tribo decidiu enterrar Akon próximo da “Árvore Grandiosa”, que ficava no centro da aldeia. Após um ano, naquele local, cresceu uma plantinha. Ela foi chamada de acônito para que as gerações futuras nunca se esquecessem do grande herói Akon e de seus atos que livrou a aldeia de novos ataques.

### **A criação do acônito**

Numa aldeia, onde hoje se encontra o Pará, havia um casal de índios: Acônito, um moço formoso e por todos era respeitado, e Assiçá, uma bela índia que possuía compridos e escuros cabelos e tinha o hábito de ir em uma área da floresta, com poucas árvores em noites de lua cheia, pois lá, era possível ter uma magnífica visão do luar.

O pajé costumava contar, que em noites de lua cheia, uma criatura metade homem e metade lobo, que obteve o nome de lobisomem, andava pela floresta em busca de alimento. Mesmo assim, Assiçá continuava a frequentar o local e em uma dessas noites, pôde-se ouvir um alto uivo. Preocupado, Acônito foi atrás da sua amada, levando consigo seu arco e flecha.

Após uma longa caminhada, chegou onde seu amor tanto apreciava ficar, mas não a encontrou. De repente, ouviu um rugido e, imediatamente, virou-se lançando suas flechas. Apesar de atingido, a fera continuou firme avançando no rapaz que tinha apenas mais uma lança, mas resolveu guardá-la. Sem ter outra saída, começou a correr e só parou quando viu no chão algo que lhe chamou atenção. Ao ver de perto, reconheceu que era o cocar de longas penas roxas que sua esposa tanto usava. Como não havia mais nada, ele pensou no pior, ou seja, que Assiçá foi a presa do lobisomem, então começou a chorar e ali ficou.

Não se sabe ao certo o destino final do rapaz que não saiu da mata, mas a tribo crê que ele também foi alvo da criatura que, curiosamente, não voltou a aparecer nas redondezas.

Tempos depois, foi encontrado perto de onde o rapaz ficou pela última vez uma planta roxa que tem suas raízes enroscadas numa flecha que pertenceu ao índio e por isso recebeu o nome de acônito. Além disso, a tribo acredita que a planta exalava um cheiro que os lobos não suportavam e por esse motivo, o lobisomem não voltou mais para aquela região.



## A criação do dia

Certa vez, no tempo em que o mundo estava em repleta escuridão e as noites não tinham fim, na tribo Pataxó, nasceu um indiozinho e sua mãe deu-lhe o nome de Apuã.

Ele, à medida que crescia, se tornava um menino bondoso, educado e gentil, porém, Apuã era diferente dos outros meninos, era especial. Como era arceiro, se machucava muito e toda vez que isso acontecia, os adultos da tribo o julgavam, pois seu sangue era azul.

O pajé da tribo Pataxó tentou curá-lo de todas as formas, dando todos os remédios e antídotos que conhecia, porém, de nada adiantou, Apuã continuava a sangrar azul.

Entretanto, as crianças da tribo ficavam admiradas com aquele sangue que Apuã possuía, mas seu irmão Iaganá, tinha inveja da atenção que ele recebia de todos.

Um dia, Iaganá não conseguiu mais controlar toda a sua fúria e indignação pela atenção que seu irmãozinho recebia. Esperou seu pai ir caçar e sua mãe ir colher frutos, então, enquanto Apuã estava a brincar com os peixinhos no rio, Iaganá matou o indiozinho.

Ubiratã, deus da tribo, resolveu homenagear Apuã com a cor do seu sangue e assim surgiu a cor azul do céu, determinando os dias. O deus também castigou Iaganá tirando-lhe sua visão, para que nunca pudesse ver a linda cor do dia.

## De morão a morango

Há muito tempo, a tribo Moran vivia em muita harmonia e felicidade. Eles pescavam, caçavam e colhiam muitas frutas. Eram pessoas muito bondosas, porém, certo dia, o pajé teve uma visão não muito boa. Iriam acontecer muitas enchentes e tempestades por toda a região.

Não muito tempo depois, começaram a chegar as primeiras chuvas. A cada dia, elas vinham mais fortes. Todos os moranos ficaram assustados. Mesmo assim, o cacique ordenou que todos permanecessem na aldeia.

Havia sido uma péssima escolha. Com a força das chuvas aumentando, começaram a ocorrer enchentes devastadoras, mas já era tarde demais para sair dali.

Devido a todas essas ocorrências, a maior parte da tribo havia sido devastada. Muitos moranos perderam a vida na luta pela sobrevivência.

Passaram-se alguns dias, até que as enchentes e tempestades acabaram. A tribo Moran já não era mais a mesma. Todos estavam muito tristes. No entanto, as terras estavam bastante férteis, então era hora de trabalhar.

Quando foram fazer o plantio, alguns índios perceberam que, ao lado da aldeia, havia um brotinho diferente crescendo. Com o passar do tempo ele cresceu e dele surgiu um fruto jamais visto antes. Era um fruto vermelho com uma folhinha verde em cima.

Tupã, o deus supremo, disse ao pajé que aquele fruto deveria ser chamado de “morano”, pois era um presente para lembrar os que morreram por causa daquele desastre. Ele também disse que a cor vermelha do fruto representava o sangue derramado dos índios, e o verde representava a esperança, pois aquela tribo precisava se reerguer.

Aos poucos, a felicidade tomou conta dos moranos novamente. Todos ficaram muito felizes.

E, ao longo da história, o nome da frutinha morano foi se modificando até se tornar o nosso conhecido e delicioso “morango”.

**CARTAS**

**Salvador, 11 de março de 2019.**

Tio Pit,

Sabe aquilo que você pedia para seu pai quando era criança, mas ele não te dava? Pois é... Tô com um pepino desses! Com certeza, o senhor já viu eu pedir para meu pai um cachorrão amarelo, né? Mas ele não me dá de jeito nenhum, diz que dá muito trabalho, que é muito custo, tanto para comprar como para cuidar do cachorro, além de ter que dar conta de mim, de minhas irmãs e mais de um Golden (acabei de pesquisar o nome), é russo!

Tô bolado legal! Pensa comigo, até que faz sentido eu pedir esse cachorro, eu sempre pedi pra ter um irmão, mas quando papai tentou, veio Kézia, e... Na moral, eu não quero uma irmã em casa, não! Desisti de querer um irmão, que eu corro sérios riscos!

Imagine só, eu e ele brincando! Seria filhote, ainda pequenininho, e depois crescer; ficar bem grande e peludo para eu jogar a bola pra ele; pular na cama de mamãe com ele, e nós dormirmos juntos!

Uma colega do trabalho de mamãe tá doando um filhote do jeito que eu sonhava em ter. Já implorei muito pro papai, mas ele não quer, continua dizendo que vai dar muito trabalho... Eu já disse que cuido do cachorro, mas ele não acredita em mim.

Vou lhe pedir um favor: eu acho que se o senhor tiver uma conversa de homem para homem com meu pai sobre isso, ele vai lhe considerar! Faz isso por mim, por favor!!!

Ansioso,

Seu sobrinho Pititinga.

Aluno Cauê - Nº 4460 - Turma 702

**Salvador, 11 de março de 2019.**

Isa,

Preciso desesperadamente da sua ajuda! Eu já tinha te contado que o meu vizinho, Henrique, ganhou uma cadelinha mês passado, não foi?! Pois é, eu nunca tinha tido tanta vontade de ter um animalzinho de estimação, mas depois de ouvir as coisas que ele tem me contado, percebi que um pet é tudo o que eu mais preciso!

Papai e mamãe trabalham o dia todo, e sempre que eu peço a eles um irmãozinho, eles dizem que já dou trabalho demais. Pra não ficar tão sozinha, eu sempre assisto TV ou escrevo para o meu diário. Mas Henrique me disse que a cadelinha dele não o deixa sozinho hora nenhuma: se está cansada demais para brincar, ao menos fica ao seu lado. Além disso, sempre que eu vou na casa dele, ela é super carinhosa e simpática comigo.

Enfim, eu quero muito um cachorrinho! O problema é que se eu disser a meus pais que é porque eles não me dão atenção, eles vão se retar! Então, vamos fazer assim: eu peço a eles um cãozinho, e você diz e a eles que como sou filha única, um pet seria uma ótima opção para que eu tivesse companhia. Pode ser?

Conto com a sua ajuda,

Júlia Delgado.

Aluna Júlia Delgado - Nº 4458 - Turma 702

**São Paulo, 23 de agosto de 2020.**

Olá Jiva,

Um dia desses foi meu aniversário, e de cara agradeço pelo cartão presente que você me deu. Como vão as coisas por aí?

Aqui está tudo ótimo. Meus pais não sabem o que me dar de aniversário, e sempre que peço um cachorro eles mudam de assunto. Resumindo: não querem saber de bicho dentro de casa. Que droga! Já podia até imaginar aquele “golden retriever”, aquele dos filmes, sabe?

Sendo filho único, não tenho ninguém para brincar (e perturbar) como você. Não possuir companhia é mais angustiante e deprimente do que parece. Além do quê, espaço para um cachorro não é algo que esteja faltando.

Ahhh cara! Eu quero muito esse cachorro, dá uma ajuda aí! Escreve umas desculpinhas, drama, argumento, sei lá! Responde logo, Jiva.

Com saudades,

Guilherme Damasceno.

Aluno Guilherme Damasceno - Nº 4476 - Turma 703

**Salvador, 11 de outubro de 2019.**

Caro amigo Thyago,

Faltam só dezesseis dias para o meu aniversário, e eu ainda estou morando aqui no Duque. Esse mês, vai completar 3 anos que estou aqui e ainda não fiz nenhum amigo. Tem um parquinho na frente do prédio, mas ninguém desce, e eu também não tenho mais idade para isso.

Sendo assim, eu pensei em adotar um gato para fazer companhia nas horas vagas. É um desejo antigo, eu queria fazer isso desde quando eu estava no Cabula, mas lá tinha mais gente para conversar.

Nisso, eu queria pedir um favor a você: aproveite que a sua mãe foi corretora do meu pai, e fala para ela convencer meus pais a adotarem, por favor! Agora eu preciso ir para o inglês. Se sua mãe der alguma resposta quanto a isso me chama no "Whats", tá? Beijos!!!

Atenciosamente,

Melissa Moraes.

Aluna Melissa Moraes - Nº 4688 - Turma 703

## **DIÁRIOS**



**Salvador, 8 de março de 2019.**

Querido diário,

Você não vai acreditar em como eu estou animada para a entrega da boina! Apesar da minha empolgação, também estou um pouco nervosa: vou usar salto pela primeira vez! Eu já tinha dificuldade para marchar antes, imagine agora com salto!

Felizmente, eu não vou sofrer sozinha, muitas das minhas colegas também estão treinando para não tropeçar e não passar vergonha na formatura...

O Comandante aconselhou que preparássemos um café da manhã reforçado. Minha mãe já planejou um banquete e encheu os bolsos da minha camisa com balas, assim eu não corro o risco de desmaiar, já que, segundo ela, se eu emagrecer um pouco mais eu desapareço. Me deseje sorte!

Beijos e até amanhã (se eu ainda tiver forças para escrever depois da formatura).

Aluna Eva Santiago - Nº 4471 - Turma 702

**Salvador, 05 de março de 2018.**

Querido diário,

Hoje foi o último dia vestido com essa roupa horrível! Esse tal de “cotonete” veio infernizando a minha vida até hoje! Não vejo a hora de poder ir para a escola com a farda normal.

Estou contando as horas, os minutos e os segundos para a formatura de entrega da boina! Alguns colegas falaram que preferem o “cotonete”... E eu fiquei indignada com essa situação! A única coisa boa desta roupa é que ela não é tão quente como o uniforme normal, fora isso, tudo nela é ruim.

Hoje, teve o ensaio da formatura de amanhã. Ela é bem longa, e tem ainda a “hora do compromisso”, que é simplesmente suspender o braço direito e falar o juramento, enfim, é bem legal... Estou super ansiosa para me tornar uma aluna do CMS por completo, vestindo a boina garança!

Então tá bom, diário, amanhã volto aqui para falar... Ou melhor, vou escrever como foi meu dia para você! Um beijo, tchau!

Aluna Camylle Victória - Nº 4546 - Turma 702

## MEMÓRIAS

## Do Ceará à Bahia

Era 1940, exatamente meia-noite, na passagem do dia 24 para o dia 25 de dezembro. De repente, naquela noite estrelada, alegrada pela tradicional Missa do Galo e iluminada pelas árvores e enfeites de Natal, um choro. Um sinal de vida. E em uma das casas brancas, feitas de madeira em Iguatu, no Ceará, eu nascia, um bebê muito pequeno e fofinho, que se chamaria Francisco Jucá Rolim.

Tive dezessete irmãos, mas somente oito sobreviveram. O primogênito morreu com cinco dias de vida. Isso era muito comum, porque, naquela época, os remédios eram caseiros e algumas vezes não funcionavam. Lembro que eu também quase morri, mas não por motivo de doença. Quando eu nasci, era período eleitoral e o partido do candidato a presidente, Getúlio Vargas, encheu a praça onde eu morava de bombas. Como ele ganhou a eleição, estouraram tudo, causando um enorme barulho. Eu me assustei e parei de comer. Com o tempo, fiquei magro e fraco. Meu tio, Frei Juvêncio, chegou ao Ceará e vendo a minha situação, recomendou à minha mãe que comprasse uma jumenta parida, retirasse o leite e me alimentasse. E assim fez meu pai. Rapidamente, fiquei bom e escapei de uma terrível morte.

No período em que estive em Iguatu, não estudei em nenhuma escola, pois não existia. Eu e alguns colegas estudamos o primário com uma professora particular, chamada Dona Donona. Ela fazia sabatina de matemática toda semana. Quem errasse as perguntas, levava golpes na mão com palmatória. Tínhamos medo de nos equivocar, porque a professora falava para os pais quantas perguntas errávamos, a depender do resultado, eles nos batiam de um jeito que a dor da palmatória era menor. Os pais da minha infância eram mais rígidos do que os atuais. Meu pai, Raul, e minha mãe, Maria Luiza, aplicavam castigos e me batiam com cinturões. Uma vez, minha mãe mandou entregar um pudim na casa do meu padrinho. Ela me vestiu com um palitozinho branco e gravata. No caminho, tropecei numa pedra e caí por cima da sobremesa. Quando voltei para casa, levei a maior surra de cinturão da minha mãe.

Minha infância foi muito legal. Fiz vários amigos. No recreio, brincávamos de bola de gude, peão e picula e, às vezes, nas ruas, porque não existia tanto perigo. Não havia discriminação. Respeitávamos demais os professores. Fui para Fortaleza estudar em colégios bons. No Colégio Estadual Liceu do Ceará, concluí o ginásio e o científico.

Ao completar 18 anos, servi ao Exército. Fazíamos treino de tiro, expedições em matas e travessia de rios. Depois desse período, em 1959, fui para Salvador com meu tio Frei Juvêncio. Estudei na Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia e meu primeiro emprego foi nas Lojas Florentino Silva. Para ser admitido, fiz provas de Português e Matemática. Após quatro meses nesse lugar, meu tio conseguiu outro emprego para mim, no Banco Português do Brasil. Fiz novos testes, inclusive de Datilografia. Eu digitava em máquinas de escrever bem antigas com a maior facilidade do mundo. Outras circunstâncias me levaram a realizar um concurso para ocupar uma vaga como administrador, na Petrobras. A prova foi mais difícil, mas passei e fiquei 31 anos até me aposentar.

Conheci Maria Célia em 1973. Nunca tínhamos nos visto até o dia do bloco de Carnaval Pitucada, com todos fantasiados, com mortalhas, uma espécie de camisola. Com o tempo, passei a frequentar sua casa, pois seu pai havia permitido. Começamos a namorar e, um dia, a pedi em casamento e ela aceitou. A nossa cerimônia aconteceu na Igreja de São Francisco, no dia 31 de dezembro de 1975. Foi muito emocionante. Um mês depois, minha esposa engravidou da nossa primeira filha. Que emoção! Quatro anos depois, nasceu a segunda e cinco anos após, a terceira. Hoje, tenho três netos: dois meninos e uma menina.

Muitas pessoas acham que o tempo é um inimigo, porque nos faz envelhecer e passar por sofrimentos. Para mim, ele foi um grande amigo. Mesmo me fazendo passar por dificuldades para chegar até aqui e ser quem eu sou, ele me deu grandes tesouros: amigos, saúde e, principalmente, uma família muito alegre e unida.

## Memórias inesquecíveis

Eu nasci em Belém do Pará, no dia sete de maio, de mil novecentos e setenta e três, no Hospital da Ordem Terceira, às cinco horas da manhã.

Na família, somos ao todo sete pessoas, tenho quatro irmãos, sendo três meninas e um menino. Minha família era muito unida, éramos humildes, a minha casa era de madeira e o telhado de palha, mas, depois, meu pai colocou telhas de barro e a casa ficou muito melhor e apesar de não termos conforto, vivíamos felizes e em harmonia. Meu pai, apesar de ser vigilante, era muito calmo e minha mãe era quem nos corrigia quando fazíamos algo errado.

A minha infância foi muito feliz, porque naquela época não tínhamos tanta preocupação com a violência urbana, então, posso dizer, que vivíamos livremente e podíamos brincar até tarde da noite na rua. Não tínhamos celulares, tablets ou notebooks, as nossas brincadeiras eram todas ao ar livre; brincávamos de pular corda, brincadeiras de roda, amarelinha, bandeirinha, cemitério, bolinhas de gude, fura-fura, futebol, taco, entre outras.

Como falar da minha infância sem lembrar da minha avó, uma pessoa doce e muito generosa, que adorava sentar à tardinha na sua cadeira de balanço. Sempre muito carinhosa, ela adorava fazer afagos na minha cabeça, suas mãos eram tão macias que, ao deslizar em minha cabeça, parecia que eu estava nas nuvens e ao retribuir os afagos, minha avó adormecia imediatamente. Tempos bons foram esses impossíveis de esquecer.

Ao longo do tempo, passei por muitas dificuldades, no entanto, consegui estudar e me formar. Atualmente, estou casada e tenho um casal de filhos lindos. Durante esse tempo de casada, tive a oportunidade de morar em lugares diferentes como Manaus, Niterói, Bagé no Rio Grande do Sul e, atualmente, Salvador.

Posso afirmar que sou uma mulher muito feliz e realizada, com a família que eu construí. Acredito que eu fiz as escolhas certas e estou muito satisfeita, com a vida que eu tenho.

### **Meu melhor aprendizado: o poder do exemplo**

Minha história começa em Belém do Pará, no dia 17 de dezembro de 1954. Eu era a segunda filha de sete irmãos, uma família muito numerosa. Não era nada fácil criar tantos filhos com poucos recursos, então, meus pais trabalhavam arduamente. E da luta travada pela nossa subsistência, colhi grande parte dos ensinamentos que hoje transmito a meus filhos e netos.

Nós estudávamos em escolas públicas que, na época, forneciam um ensino muito bom, coisa rara no ensino público de hoje. Além de estudar, também executávamos algumas tarefas domésticas, como lavar louça, passar roupa, varrer a casa, entre outras. Uma vida difícil que era amenizada pela união de nossa família e pelas maravilhosas tardes de domingo em que nos reuníamos para brincar com nossos primos no grande quintal da casa deles. Era um ambiente arejado e que me trazia uma súbita felicidade quando eu os visitava.

Meu pai trabalhava no setor de telegramas do correio, como radiotelegrafista, uma pessoa que transmite mensagens à distância por meio de sinais codificados. As novas gerações nem imaginam o que seja um telegrama, pois os meios de comunicação evoluíram tanto que é difícil imaginar que era preciso esperar dias para que uma pessoa recebesse uma simples mensagem. Ele saía bem de manhãzinha para trabalhar e só voltava bem tarde. Uma pessoa muito boa, porém, não era muito valorizado no trabalho e seu salário não era suficiente para sustentar a família.

Minha mãe, para complementar a renda, costurava durante grande parte do dia, transformando pequenas coisas e retalhos em lindas peças de roupa. Ela era muito criativa e talentosa. Era muito difícil conciliar a rotina diária da casa com as costuras, assim costurava durante boa parte da noite. Uma das recordações mais tristes que tenho é a falta de compromisso das pessoas. Como minha mãe complementava nossa renda, ela tinha que costurar muito rapidamente para meu irmão entregar logo cedo as encomendas e receber o pagamento para que pudesse preparar o almoço. A expectativa era grande, mas nem sempre o pagamento vinha. Muitas

peessoas diziam: “Diga a sua mãe que depois passo lá para pagar”. Todas essas situações me fizeram amadurecer mais rápido.

Nós tínhamos uma vida cheia de adversidades. Certamente muitas pessoas pensariam em desistir, mas minha mãe era diferente. Ela não desanimava e sempre conseguia colocar comida na mesa. Não dispunha de grandes ingredientes, mas conseguia transformar o que tinha em pratos maravilhosos. Essa é uma das coisas que admirava nela. O poder que ela desenvolveu de sempre seguir os seus sonhos, acreditar em sua capacidade e, acima de tudo, nunca desistir. Ela nunca se contentava com pouco e sempre queria evoluir, sendo feliz com o que tinha.

Hoje, apesar de não ter meus pais comigo, eles deixaram um enorme legado para todos nós. Assim, eu e meus irmãos, que vivíamos na pobreza, tivemos condições de estudar, trabalhar e prosperar na vida, sempre guiados pelos valores e princípios por eles ensinados com muito amor. Meu melhor aprendizado foi vivenciar com meus pais as adversidades e superá-las com fé e perseverança.

Aluno Mateus Cintra - Nº 4612 - Turma 601



### Minha vida foi assim...

Eu me lembro, que tinha nove anos quando pela primeira vez viajei em um trem. Fiquei deslumbrada com o veículo e com a viagem. Partindo de Pernambuco, levava na minha bagagem e na dos meus pais e irmãos, esperanças e desejos em direção à Bahia em busca de uma vida melhor.

O cenário da minha nova terra era típico da caatinga, solo muito seco, em que se via aqui e acolá, um pé de umbuzeiro, de mandacaru e de licuri. Por ali, a pouca água que tinha, caía das chuvas, que ao molhar a terra, fazia nossas lágrimas felizes molhá-la também.

Em nossa nova casa de taipa, feita de barro, pau e vime, em Piritiba, eu acordava cedo todos os dias, comia cuscuz de milho, paçoca de gergelim e batata doce em pratos feitos de barro, com meus irmãos, todos sentados no chão. Ao terminar, enquanto eles iam ajudar meu pai na roça, eu ficava varrendo a casa com vassoura de malva, minha mãe lavava os pratos na gamela, bacia feita com toco de árvore. Na época a água não era encanada como hoje em dia, por isso, logo em seguida, eu ia para o lajedo ou cacimba (reservatório que acumula água das chuvas) pegar o líquido raro. Ao voltar, ajudava minha mãe com o almoço preparado em caldeirão de zinco, que era servido em cabaças (pote fundo feito de abóbora seca); para pegar feijão, usávamos a casca do coco presa a uma varinha de pau, essa era nossa concha e, mesmo saboreando a comida com uma colher de madeira, aquelas refeições eram as mais saborosas.

Depois do almoço, eu ia brincar, pulava macaco (amarelinha) subia nos pés de umbu e, finalmente, o que eu mais gostava de fazer era quebrar licuris que meus irmãos catavam pela manhã. Eu partia cada um daqueles frutos, empolgada com o que iria fazer com eles. Depois vendia-os para um homem da feira regional. Ele preparava colares de licuri para vender, pois todos queriam ostentar esse artigo que era uma regalia para poucos. Com o dinheiro, eu comprava vestidos de chita, maria-chiquinha e batom. Quando caía a noite, voltávamos para casa. Durante o jantar, meu pai alimentava uma fogueira acendida no canto da casa, enquanto meu irmão mais velho

tocava violão ao som da nossa cantoria. Apesar de estarmos de portas fechadas, essa melodia se misturava com o coaxar dos sapos e cantos dos grilos que naquele sertão frio mais pareciam estar procurando abrigo em nosso humilde rancho. Eram noites de paz, amor e união, numa rotina em que a felicidade se renovava a cada amanhecer.

Aos domingos, único dia de lazer, íamos à capela próxima de onde a gente morava. Muito tempo se passou e perto desse lugar, eu conheci Arceno, nossos olhares se entrelaçaram tentando juntar nossos corações que haviam sido flechados pelo cupido. Foi estranho! Minha mãe era muito autoritária, ciumenta, não me deixava namorar e afastava qualquer pretendente que se aproximava de mim, mas Arceno logo se tornou o meu amor e a partir daquele momento, comecei a sorrir para ele e corresponder às suas piscadas de olhos para mim. Parecia que eu estava no céu de tanta felicidade, seu olhar me cobria de afeto e muito carinho.

Passados dois anos de namoro à distância, aos dezenove, me casei com o meu grande amor. Eu nunca fui à escola, porque onde eu morava não tinha nenhuma, mas depois que me casei, aprendi a ler e escrever com uma vizinha já velhinha. Minha leitura era mesmo pouca, mas, a minha experiência de vida, somada ao que aprendi com dona Veneranda, foi suficiente para educar e ensinar a lição de casa quando tive meus nove filhos. Meu marido, um pai maravilhoso, fez questão que todas as nossas crianças fossem para escola.

Eu, hoje, sou a matriarca da família Lima, a mais valente do sertão, cuidei dos meus pais e de Arceno até o dia em que partiram para outro plano. Aos setenta e quatro anos, vivo em Irecê com a maioria dos meus filhos, netos e bisnetos e com as memórias que não saem do meu coração.

## O homem mais bonito que conheci

Lembro-me do tempo que passava com o meu avô José, pai de meu pai, filho de Anita, minha bisavó, e de Artur, meu bisavô. Ele era o irmão mais velho entre quinze irmãos e irmãs. Casou-se com minha avó Ana, mas ela, eu não pude conhecer.

Cada dia, com meu avô era extraordinário. Não tenho dúvidas que meu gosto por música veio desta parte da família. Mesmo sem ajuda da internet, meu avô conseguiu aprender lindas e diversas músicas. Sempre me sentava ao lado dele para vê-lo tocando em seu teclado. Meu pai me disse que até sanfona meu avô sabia tocar!

Na rua em que ele morava, conhecíamos muitos vendedores, e também alguns mercadinhos. Lembro-me do DVD do Moral, das frutas do Simas e do mercado de Dona Lia, mas, com certeza, o DVD era o meu preferido. Eu me sentava no sofá e ficava a tarde inteira assistindo diferentes filmes, como Rei Leão, Shrek e Capitão América. Só saía de lá para beber água ou ir ao banheiro.

No futebol, meu avô sempre torceu pelo Bahia, mas meu pai sempre torceu pelo Vitória. Da primeira vez que levamos meu avô ao Barradão, o estádio do Vitória, ele quase teve um piripaque. Foi muito engraçado aquele dia.

Eu também gostava muito das comidinhas. Ele comprava cada coisa mais gostosa que a outra: bolinho Bauducco e pastelzinho de goiaba, mas, às vezes, fazíamos um delicioso mingau de farinha láctea. Só de pensar já me dá água na boca.

Com meu avô, eu peguei meu primeiro ônibus público. Nós íamos ao karatê, um esporte em que ele sempre me apoiou, indo aos campeonatos e festivais. Muitas vezes, ele também ia ao meu treino de futebol. Depois do treino, nós sempre íamos à barraquinha ao lado do clube para tomar uma água de coco geladinha.

Mas, como toda jornada tem um fim, a dele não foi diferente. Em 2015, ele faleceu de uma doença no pulmão. Mesmo assim, ele ainda está no coração de cada um que esteve à sua volta, inclusive no de minha bisavó, que com cem anos ainda fala:

- José é o homem mais bonito que conheci!

## O mar e eu

Sobre o dia em que vi o mar pela primeira vez, lembro como se fosse ontem. Um dia que eu, de fato, jamais me esquecerei. Agora, posso até mesmo escutar a água batendo nas pedras.

Naquele dia, eu estava só com meu pai, homem de grande importância comercial em nossa cidade. Minha mãe havia ficado em nosso lar para cuidar da loja e de meus irmãos mais velhos, José e Sílvio. Já minhas outras irmãs, Silene e Sildete, estudavam internas no Colégio Piedade, que fica em Ilhéus e em dois anos eu estaria lá também.

Lembro-me de estar sentada na cadeira dezenove, em frente à janela da marinete, um tipo de ônibus que não existe mais. Estávamos indo para o mar. Eu estava toda pomposa, usava um vestido branco com bolinhas azuis recém-feito pela mãe e um sapato preto, também novo, feito por seu Jairo, sapateiro amigo da família: tudo isso para ver o mar.

Sentada no banco de couro, que era deveras maior que eu, minhas mãos torciam a barra do vestido, estava beirando ao êxtase da ansiedade. Olhei para o meu pai, seu semblante sereno me passava uma sensação de paz, como o canto de um passarinho num dia manso de primavera.

Durante toda a estrada de barro, que hoje em dia já está completamente asfaltada, eu fiquei olhando estática para a janela. Em minha cabeça, milhões de pensamentos bailavam em mistos de euforia e antecipação. As árvores, antes tão singulares aos meus olhos, agora não passavam de borrões verdes, porque, em minha cabeça, tentava imaginar o mar, porém, nunca chegava a uma conclusão.

Quando cheguei à agência (não existia rodoviária naquele tempo), minha mente brilhava em expectativa. Andamos juntos, eu e meu pai, até a Avenida Soares Lopes, onde eu, após tanto tempo, teria meu primeiro encontro com o mar.

Finalmente, ao me encontrar com o mar, não proferi sequer uma palavra. Fiquei embasbacada, segurando a mão do meu pai com força e sentei na areia da praia. O mar era tão imenso que parecia

engolir a terra e transformá-la em um imenso deserto azul. Talvez, lá no horizonte, onde fica o meio do oceano e os ventos se encontravam, as pessoas possam imaginar, realmente, que estão em um deserto azul. Eu estava encantada, admirada, nunca imaginei que existisse tamanha beleza no mundo. Meu pai também parecia admirado, apertei um pouco a mão dele, já havia visto o mar suficiente e queria ir para casa.

Em meu lar, também não falei muito, ainda continuava imaginando aquela majestosa criação da natureza. Definitivamente, nunca me esquecerei disso, lembrança que sempre ficará comigo para onde for.

Aluna Maria Anthonia - Nº 4609 - Turma 601

## O nascer de uma memória

“Foi em Catu, dia vinte e dois de maio de mil novecentos e quarenta e dois que eu nasci...

Minha vó Eurides tinha o costume de contar suas boas histórias em um tom melodramático, então, já sabia que viria coisa boa por aí.

O parto foi na minha própria casa, onde moravam meu pai, minha mãe e meus três irmãos. Morávamos em um casarão enorme, todo pintado de um relaxante e refrescante tom de verde; as portas eram envernizadas, tinha cinco quartos, uma varanda, um estábulo com vinte cavalos e um galinheiro. Tudo isso, ficava no bairro da Ariranha e pertencia ao meu pai. Minha casa tinha tudo que uma família bem sucedida podia ter, menos, é claro, uma televisão, porque não existia nessa época, mas se existisse, aposto que nós teríamos uma.

No fundo da casa havia um quintal imenso, cheio de árvores frutíferas: mangueira, cajueiro, abacateiro, árvore-do-pão... Pela manhã, logo após o café e a escola, eu ia correndo brincar no quintal. Mamãe encomendava balanços para eu brincar e sinto até hoje quando fecho os olhos, a sensação do vento passando delicadamente em meus cabelos enquanto estava sentada naquela tábua amarrada em duas cordas penduradas nos galhos das árvores. Brincava com as galinhas, com minhas bonecas de pano, andava a cavalo, brincava muito com minhas amigas pela casa, menos no escritório do meu pai, ali era área proibida.

Eu realmente tinha tudo, mas, ao completar oito anos, meu pai nos deixou para casar com a secretária doméstica”. Nessa hora, minha vó começou a chorar e limpar seu rosto com suas mãos. Vendo o indício de tristeza em seus olhos, perguntei:

– Vovó, tem certeza que a senhora quer continuar?

– Sim, não se preocupe, isso já foi há muito tempo – ela falou enxugando suas lágrimas.

“Ele pegou minha carteira de identidade e riscou seu sobrenome do meu nome, foi ao cartório e retirou seu nome do meu. Nós mudamos para uma casa menor, um quarto, sala e cozinha. Passamos por grande dificuldade financeira. Desde então, eu passei

a ajudar minha mãe trabalhando como secretária doméstica para conseguirmos o que comer. Ela lavava e eu colocava as roupas para secar.

Um dia, a patroa da minha mãe percebeu que eu era uma garota muito inteligente, esperta, bonita e questionou se ela não tinha vontade de me dar para uma pessoa com uma melhor condição financeira, que pudesse me oferecer uma educação melhor. Minha mãe, visando uma vida com menos dificuldades, concordou. A mulher mencionou, que sua filha não podia ter filhos, ela era advogada e seu marido juiz e que me tratariam com muito amor. Depois de mais ou menos um mês, minha mãe conversou comigo e eu fiquei calada. Ela arrumou uma pequena mala de mão com minhas roupas e uma boneca e eles vieram me buscar, mas eu não queria ir, eu queria ficar com minha mãe. Mesmo na miséria, eu continuava a amando. Eu me neguei a ir, logo, eles foram embora e eu comecei a chorar abraçada à minha mamãe.

Minha mãe, depois de um tempo, ficou doente. Então, fomos para o interior morar na casa dos meus avós, na fazenda Bom Sujeito. Já que precisamos ir para roça, eu parei de estudar, continuei ajudando a minha mãe no trabalho, só que desta vez fomos trabalhar na fazenda dos outros.

Depois de dois anos, eu vim para Salvador. Era minha primeira vez aqui e achei tudo tão grande, eu não estava acostumada. Ficamos na casa de uma tia minha em São Sebastião do Passé. Meu primo, Erildo, que trabalhava na Coelba, me ajudou a conseguir um trabalho como babá do filho da dona Elena, a chefe da empresa que ele trabalhava.

Com treze anos, eu e minha mãe voltamos para a casa dos meus avós e voltamos a trabalhar em fazendas plantando fumo-de-corda. Essa época foi muito cansativa, porque para chegar ao trabalho acordávamos três horas da manhã e atravessávamos um riacho com uma vela, já que a gente não tinha, nessa época, a facilidade de andar com o flash do celular para iluminar. Precisávamos chegar cedo, porque o sol era muito forte. Lá mesmo, nós fazíamos o almoço sob uma árvore. A comida se chamava boia e era uma mistura de feijão, carne e farinha. Voltávamos para casa às cinco horas da tarde.

Continuamos morando lá por mais um ano, mas meu avô me espancava todo dia quando estava bêbado, pois ele era alcóolatra. Minha mãe não aguentava mais me ver apanhar, então, fomos morar em uma casa muito humilde na fazenda vizinha. Era somente um quarto apertado, a pequena sala e uma cozinha, tudo feito de taipa: água e barro. Eu brincava nas urcas, buracos feitos no chão de barro, com minhas bonecas que eu mesma fazia.

Com quinze anos, “mainha” resolveu voltar para Catu. Sem dinheiro para o transporte, a gente voltou andando. Voltamos a lavar roupa “de ganho” e, além disso, fazíamos cocadas e biscoitos para vender. Depois de um tempo, eu conheci uma costureira muito famosa chamada Ninive. Ela me chamou para ser sua ajudante como costureira.

Depois disso, eu conheci meu ex-marido. Começamos a namorar e eu me casei, com dezessete anos. Foi uma cerimônia muito simples na igreja. Com dezoito anos eu tive a minha primeira filha, Sandra. Depois vieram mais seis, incluindo Carol, sua mãe e mais um que morreu quando era apenas um bebê, pois ele e eu tivemos catapora, ele não aguentou. Hoje faz quatorze anos que eu e seu avô nos separamos por um motivo que não importa agora, mas o importante é que eu sou feliz e amo muito meus filhos e meus netos”.

Dei um sorriso sincero para vovó e nos abraçamos apertado. As memórias dela agora fazem parte das minhas memórias, pois jamais esquecerei o quanto ela foi firme nos seus princípios e valores, amou sua mãe e nunca a deixou. Tenho orgulho de ter uma avó assim.

Aluna Sofia Fontes - Nº 4635 - Turma 601



## Uma verdadeira infância

Muito tempo atrás, quando era menor, eu e meus irmãos viajávamos para a fazenda do nosso avô Vicent Santos Invenção, que se localiza na rua principal do município de Santo Estevão.

Na fazenda, havia árvores colossais que deitavam seus ramos repletos de frutos como manga, maçã, jabuticaba e a que minha irmã mais gostava, acerola. Também, criavam vários animais como vacas que produziam aquele leite que tomávamos quente no café da manhã, bois que pastavam no capim verdinho, cabras, porcos, galos e galinhas que botavam aqueles deliciosos ovos e chocavam também.

Pela manhã, éramos acordados pelo cacarejo do galo, que nunca atrasava e o canto dos pássaros que sinfonizavam em nossos ouvidos. Depois de acordar, tomávamos o café da manhã quentinho, com aquele bolo que minha avó Benigna preparava e, em seguida, íamos colher, regar, plantar e alimentar os animais. Mais tarde, almoçávamos um gostoso churrasco que meu pai e meu avô preparavam e, após isso, íamos brincar, subir em árvores, fazer bonecos de madeira e correr na frente do gado. Ao entardecer, jantávamos e observávamos as estrelas que faziam um espetáculo naquele céu, que não tinha fim.

Agora, depois de anos, percebo como o mundo mudou, pois tive uma infância de subir em árvores, fazer bonecos de madeira, respirar o cheiro das matas, andar descalço no capim e comer tudo natural, uma verdadeira infância. E, hoje, a infância das crianças é diferente, comem produtos industrializados e se divertem jogando jogos virtuais sem ao menos se importarem com seus brinquedos e seus amigos do bairro.

Aluno Hugo Nogueira - Nº 4661 - Turma 602

## Viagem no tempo

Minha história começou em João Pessoa, lugar em que nasci. Lá cresci até os nove anos e me mudei para Salvador, em janeiro de 2017, onde tive a oportunidade de estudar em um colégio incrível, o Colégio Militar de Salvador. Hoje, através de uma “máquina do tempo”, chamada mente, estou voltando ao passado.

Ah... bons tempos! Eu me lembro de tantos acontecimentos e sentimentos alegres, calmos e suaves. Pensei que nunca mais os sentiria. Num piscar de olhos, o presente se tornou passado e o tempo transformou esses momentos em lindas memórias, como no dia em que apenas observava o belo canto do bem-te-vi, que seguia preenchendo a felicidade da vizinhança e das pessoas que se sentiam tristonhas. Bem no quintal da minha casa em João Pessoa onde eu estava, podia me gabar de ter o luxo de ouvir bem de perto e com clareza o seu belo canto.

Lembro-me do dia em que viajava de carro partindo de João Pessoa para Salvador, em uma área de muito verde podia-se ver grandes e pequenos maquinários, que colhiam, em um passe de mágica, os trigos daquela região. Também me lembro da vez em que plantei uma semente de pimenta e com o passar dos dias, observava o seu crescimento. Ela crescia numa velocidade incrível e logo pude experimentar o seu ardente sabor nas comidas deliciosas que minha mãe fazia e faz até hoje.

Um dia, acordei muito alegre, pois sabia que uma aventura estava para começar. Arrumamos as malas, eu e minha família fomos visitar Canoa Quebrada. Lá, eu tomei banho de mar nas águas cristalinas, fiquei com muita adrenalina quando descii as dunas de jipe, minha mãe pulou de parapente, minha irmã alimentou os peixes-gatos, entre outras aventuras.

Outro dia, fui para Pipa, Rio Grande do Norte, onde nadei nas águas mais límpidas que já vi, lá é muito tranquilo e a beleza natural é impressionante. Fiquei hospedado em um hotel muito bonito e com uma arquitetura antiga, parecia que eu estava na Espanha. Ao dormir, queria acordar para viver tudo de novo. Enfim... percebo que agora tenho que voltar ao presente, porque vou ficar ocupado ao

olhar os lindos micos que passam pela minha janela e que também um dia se tornarão passado, mas para o eu do futuro serão lindas memórias.

Aluno Rafael Eduardo - Nº 4701 - Turma 602

## Aventura em um pé de jaca

Essa história aconteceu num passado que pode ser considerado distante para algumas pessoas, mas, para mim, parece que ainda sou a mesma menininha, com sete anos, muito esperta e traquina.

Vivíamos numa confortável fazenda numa cidade do interior em Itaquara, onde nasci e vivi incríveis anos da minha vida e grandes aventuras. Tive uma infância maravilhosa. Moravam eu, meus irmãos, minha mãe e outras famílias de funcionários (agregados). Claro, havia crianças da minha idade e, o mais velho, havia acabado de fazer treze anos, mas não perdia uma traquinagem sequer que fazíamos. Tenho lembranças incríveis com esse grupo de pestinhas, porém, a história que vou contar, não tem a ver com eles. Tem a ver com um acontecimento, que pode até ser chamado de cômico e me marcou até hoje.

Eram oito horas da manhã, eu acabara de acordar e fazer minha higiene pessoal, e minha mãe me chamou para tomar café da manhã. Adentrando à cozinha, senti o cheiro inconfundível do bolo de aipim dela. Cumprimentei-a com um bom dia e sentei à mesa, com dois de meus irmãos, os outros deveriam estar brincando, com outras crianças da vizinhança, e os mais velhos deveriam estar trabalhando.

Peguei um pedaço do delicioso bolo e enchi uma xícara com café. Acabando de secar os pratos recém-lavados e guardando-os no armário, minha mãe pediu que eu fosse até a roça e pegasse feijão para o almoço. Depois de uma breve discussão com meu irmão, pois eu queria que ele fosse no meu lugar por causa da minha “preguiça matinal”, lavei meu prato e fui.

Trajando minha bombacha preferida e uma camisa de xadrez, montei no meu cavalo de pau, porque, na minha imaginação, ir montada nele me fazia chegar mais rápido e fui. No caminho, deparei com a enorme árvore de jaca de meu pai. Ela era conhecida entre as pessoas por seu delicioso fruto. Incontáveis moleques subiam sempre para tirar e comer uma de suas suculentas jacas. Quanto às meninas? Não, elas não podiam subir. Existia uma superstição de que se alguma menina subisse, as jacas não “vingariam”, não se desenvolveriam.

Existia uma jaca, lá no topo, que estava me chamando com sua bela imagem de madura. Eu, na hora, nem me lembrei dessa história da carochinha. Olhei pros lados e, não avistando ninguém, escalei aquela árvore, em busca do meu objetivo. Apoiei meu joelho entre dois galhos, me encostei em seu belo tronco e peguei aquela belezura.

Não via a hora de descer dali para comer a jaca. Tentei tirar meu joelho que estava entre os dois galhos, mas não consegui. Eu estava presa. E então, o desespero bateu. Fiz de tudo, mas não consegui sair de lá. Já estava começando a pensar que teria que passar o resto da minha vida no topo daquela árvore. Com minha imaginação fértil, me imaginei tendo que comer jaca e beber a água da chuva para sobreviver.

Foi então, que surgiu uma luz em minha mente, me lembrei que meu irmão estava trabalhando numa roça próxima. Chamei seu nome e, depois de um tempo, ele apareceu. Eu, que não era boba, inventei que tinha visto aquela jaca bonita e iria tirar para dar a ele e acabei ficando presa, até porque não queria apanhar. Meu irmão disse que poderia me dar uma surra, mas, como eu iria dar a jaca para ele, me ajudaria a sair dali.

Subindo na árvore e me puxando, ele me salvou. Descemos, sentamos em um tronco próximo e comemos a tão preciosa e que causou tanta confusão, a jaca. Como esperado, ela estava deliciosa. Depois, de barriga cheia, cada um voltou para os seus afazeres. Meu irmão voltou para o trabalho na roça e eu, lembrando-me da tarefa principal, que eu já deveria ter feito, peguei o feijão e voltei para casa.

Minha mãe me esperava na porta de casa com uma cara de quem não tinha comido no almoço. Talvez seja porque ela realmente não tinha comido. Enquanto eu caminhava ao seu encontro, ela perguntava o porquê da minha demora. Até porque, como eu tinha ido com meu querido e veloz cavalo de pau, eu deveria ter chegado mais rápido. Calmamente, respondi que era porque eu estava comendo jaca com meu irmão.

Ela deu uma leve risada e me chamou para entrar e almoçar. Acho que, no fundo, ela já sabia o que tinha acontecido. Sabe como dizem, né? O sexto sentido de mãe...

Aluna Hanna Barbosa - Nº 4619 - Turma 601

## Uma gaiola vazia

Eu era bem novinha, devia ter uns 7 anos de idade. Morava na Base Naval de Aratu. Eu estava no meu quintal, embaixo da sombra de uma árvore, apreciando o verde da natureza e sentindo aveludadas folhas roçando na minha perna, que faziam cócegas. O aroma era perfumado, graças as pequenas flores vermelhas que estavam ao meu lado. O suave canto dos pássaros e a fresca brisa da manhã deixavam o clima mais agradável, juntamente com as belas cores do arrebol.

Porém, uma das cantorias não era afinada, muito menos suave. Pelo contrário, era um grasnido de dor. Um filhote de passarinho tinha caído do ninho. Suas penas eram macias e, realmente, lindas. Tinham as cores dos olhos do meu avô alemão. Um azul esverdeado. Olhei para um lado e para o outro. Nenhum sinal dos pais daquele pobre animal. O meu sonho sempre foi ter algum bichinho de estimação, mas meu pai não tinha dinheiro para comprar, e mesmo que tivesse, mamãe não ia deixar. Ela sempre dizia que bicho tem que viver livre. Pensei durante um bom tempo se aquilo era certo. Mas o passarinho não tinha pais, correto? Então, levei-o para casa.

Espiei pela fechadura. A barra estava limpa. Com extremo cuidado, entrei pela porta da frente e andei pelo corredor nas pontas dos pés para o meu quarto. Todavia, quando estava quase me safando, o passarinho piou, chamando a atenção de mamãe. Como desculpa, usei o fato dele não ter pais sendo muito novinho e, depois de muito drama é claro, ela engoliu essa.

A partir daí, cuidei do meu passarinho do melhor jeito que pude. Alimentava-o todos os dias antes das minhas refeições com farelos de pão e dava água também. Acho que eu o alimentava demais, pois ele ficou gordo. Sempre que eu voltava da escola, brincava com ele até mamãe me obrigar a estudar. Às vezes, eu o levava para passear comigo, pelas casas brancas e sem muros quase padronizadas, sempre segurando-o firme, para ele não fugir de mim. Eu até consegui juntar dinheiro para comprar uma bela gaiola prateada, que eu fazia questão de limpar sozinha, para ter certeza de que estava tudo certo.

Mas um dia, eu acordei sem o canto do meu adorável passarinho. Fui conferir a gaiola e ela estava aberta. Ele havia fugido. Quando olhei pela janela, o vi com outros passarinhos, tão felizes que chega faziam festinha. Ele finalmente estava livre. Nem o maior conforto do mundo pode competir com o prazer da liberdade. E a felicidade dele me contagiou, arrancando-me um sorriso. Contudo, isso durou pouco.

Os dias se passavam e eu me sentia sozinha. Eu já estava acostumada com a presença do passarinho e não conseguia mais ficar sem ele. Brincar com meu boneco favorito, Manequinho, modinha na época, nem tinha mais tanta graça. Sair com a patota pela praia de Inema, com o mar sempre calmo e areia limpinha, nem era mais tão emocionante. Me segurava ao máximo para não ir buscá-lo de volta, lembrando das palavras de mamãe: “bicho tem que viver livre”. Só que aquilo era de lascar. Toda vez que eu via a gaiola prateada, que me deixou na pindaíba, batia aquela saudade...

Chegou uma hora que eu não aguentei mais. Fui para o lugar onde vi o bichinho pela primeira vez e fiquei olhando tudo com meus olhos de águia, procurando meu passarinho. Após alguns minutos, achei um com penas azul esverdeadas e bem gordinho. Era ele. Como ainda não conseguia voar direito, o peguei com facilidade. Radiante, voltei para casa, limpei a gaiola e botei o animal lá dentro.

Entretanto, no dia seguinte, acordei mais uma vez sem o doce canto que eu esperava ouvir. Quando conferi a gaiola, encontrei o meu lindo passarinho, que eu cuidei com tanto carinho, morto de tristeza. Naquele momento, quase caí, com o choque. Minhas pernas bambearam, cedendo ao peso da culpa que eu carregava nas costas. E veio o choro. Mamãe entrou no meu quarto e me consolou. Desde então, nunca mais quis um passarinho.

Agora, estas coisas estão no passado, a antiga gaiola prateada, está agora enferrujada, papai e mamãe estão bem velhinhos e eu tenho filhos para contar memórias como esta, ensinando as lições que aprendi durante a minha vida.

(Memórias de Neila, 49 anos).



## Memórias não se cansam

O fato é que todos temos histórias para contar, nada muda isso. Todos possuímos memórias que compartilhamos num momento de alegria em uma roda de amigos, ou de tristeza, num leito de hospital qualquer. Memórias nunca esqueceremos; acontecimentos são passageiros; normalmente, ocorrem em situações peregrinas que logo são esquecidas pelas nossas mentes.

Hoje, enquanto saía de casa, avistei um garoto vendendo balas; e na mesma hora, antes de atravessar a rua, uma forte lembrança penetrou meus pensamentos: verão de 1983, Itaquara, minha calorosa cidade. Lembro-me bem do local onde morava, de minha casinha de ladrilhos verdes bem polidinhos por minha mãe. Era a única casa verde da rua, que ainda possuía chão de barro, onde sentávamos para ver os chevetes, veraneios e carros de boi caindo nos buracos causados pela erosão do solo. Era uma boa vida: surras, molecagem, mais surras, mamãe e papai em casa todos os dias, e, trabalho, sim, trabalho honesto.

Manhã de sexta-feira, e lá estava eu, acordando antes do alvorecer para fazer os meus doces e salgados. Mainha estava acordada, orando ajoelhada, para logo depois começar a cozer como sempre fazia; ela sabia de meu comércio e não contestava, sempre tentava me ajudar no que pudesse.

Sonhos, paridas, banana real, cavaco etc.; eram as minhas especialidades, e como sempre me dedicava nas vendas, voltava com os bolsos cheios de cruzeiros para dar à mainha. Havia acabado os 200 doces e depois de pedir a benção à minha mãe, logo saí de casa, carregando uma cestinha de mercado com doces para vender na feira.

Carregar salgados e doces em cestas de mercado não contribuía muito com a aparência de meu negócio que se resumia em: eu e... apenas eu, e claro, os quitutes. Porém, todos de minha pequena cidade de três mil habitantes me conheciam, e sabiam que eu era de longe um dos meninos mais inteligentes de toda Itaquara e isso me agradava – e muito.

Enquanto passava em frente à praça, percebi tarde demais que meninos vinham correndo em minha direção. A única coisa que passava pela cabeça enquanto os doces iam de encontro com a rua da cidade, eram os dois sacos de farinha e goiabada que havia conseguido pegar do mercadinho de meu pai durante a noite, e se ele descobrisse o fim deles... seria reclamação na certa. Foi nesse momento que tomei uma decisão na minha vida: trabalharia de uma forma mais apresentável do que uma cesta de supermercado apenas pendurada nos braços.

Então, a minha memória voou solta, passando rapidamente pelos meses e segundas-feiras de aula, para o dia em que alcancei minha primeira de muitas conquistas, minha mente e coração foram abraçados de prazer ao lembrar de um Agdo de 11 anos com o seu primeiro carrinho de pipoca.

Precisaria de duas rodas de uma bicicleta, caixas de madeira, ferramentas, folhas de alcatex... talvez fosse impossível, mas eu não desistia fácil. Em pouco tempo, já havia prometido fazer doces por três meses para o meu vizinho viúvo em troca de suas ferramentas e bicicleta enferrujada, e já me via também arranjando madeiras em bom estado com meus tios. Em menos de uma semana, todos de minha família contribuía com alguns materiais. Não era nem de longe difícil mexer com engrenagens e peças, pois, desde pequeno, sempre consertei todos os rádios, liquidificadores, ventiladores e até *outdoors* de políticos eu fazia. Como não podia jogar bola, nem ler quadrinhos porque minha mãe proibia, me divertia de outras formas.

Depois de muito tempo, consegui. Era melhor do que qualquer bicicleta de última geração que poderia ter ganhado, e brinquedos também, muito melhor do que um patinete, fura-fura, pião... O carrinho de pipoca pintado de azul por mim, possuía uma pequena porta e um fogãozinho a gás para fazer os salgados. Ainda com o pincel em mãos, me distanciei um pouco e passei meus cansados olhos pelas rodas antigas, mas bem polidas, a bancada de madeira, a campainha de meu falecido avô que ganhara no ano-novo de 1975... e então um sorriso orgulhoso se espalhou pelo meu suado rosto.

Enquanto minha mãe costurava pela manhã, ela observava minha agitação incomum, e isso me deu chance de mostrar o que a

aguardava no fundo de casa. Assim, tirei o pano de cima de meu carrinho e o abri para que os seus olhos ávidos vissem o que seu filho havia feito. A lágrima que desceu pelo seu rosto e a toalha bem costurada que havia feito pra o carrinho, foi o suficiente para eu não sair de casa naquele dia.

E foi assim por três anos. Sim, todos os dias acordava cedo com os ruídos da máquina de costura de minha véinha, e quando amanhecia indisposto, o frio que batia em minhas costelas me levantava. E de carrinho de pipoca passou para uma lanchonete sobre rodas (ontem, *trailer*; agora, *food truck*), empresa de ovos em Salvador, barraca de praia, restaurante...até chegar ao dia de hoje.

Já estava indo com dois reais para dar ao menino das balas, quando minha agradável lembrança chegou ao fim. Essa memória levou bastante tempo para ser formada, anos até, mas, nesse momento, tomou minha mente por apenas 3 segundos. Cada detalhe, cada sensação, até os lindos pores de sol que me lembravam da década de 1980, não duraram mais do que alguns segundos e mesmo assim pude relembrar de tudo, pois acontecimentos passam, mas a memória, essa sim, nunca se cansa, ela permanece.

(Memórias de Agdo Salomão, de 48 anos, da cidade de Itaquara).

Aluna Lis Barbosa - Nº 4468 - Turma 701

**POEMAS**

**amor em sp**

acho que uma vez ouvi falar que não existe amor em sp.

são paulo tem o tietê, tem a paulista, o beco do batman, o ibirapuera, mas não tem amor?

sim, uma vez ouvi falar que não existe amor em sp,

mas como poderia ser verdade? como pode isso de não ter amor em um lugar?

como pode isso?

sei que quando ouvi falar que não existia amor em sp, tive em mim a convicção que esse era um lugar onde eu precisava ir, nem que em última instância fosse só pra levar amor. fiz minha mala, lembrei de deixar um espaço vazio porque sentimentos tendem a ser expansivos.

esqueci de trazer um segundo par de calças, mas o amor veio seguro.

já tem um tempo que eu ouvi falar que não existe amor em sp,

mas juro que quando pisei aqui, soube que podia faltar muitas coisas, mas amor não seria uma delas.

sim, sp é uma cidade meio cinza,

sim, o céu pode ser bem cinza, mas o ar de lá tem algo de novo: tem paixão. aquela mesma paixão da semana de arte moderna, a paixão da pagu e do oswald de andrade. a mesma paixão lá de 1895, da primeira partida de futebol em solo brasileiro. a mesma paixão de todos aqueles grafites na parede, a mesma paixão que viu tarsila do amaral nascer, a mesma paixão das escolas de samba, a paixão que me recebe aqui.

acho que já ouvi falarem que não existe amor em sp.

certeza eu tenho é que se alguém me disser isso hoje, vou responder com um sorriso no rosto: só não existe amor pra quem não procura direito.

(Texto apresentado no Sarau da *Olimpíada de Língua Portuguesa*, em São Paulo).

Aluna Carolina Cordeiro - Nº 4049 - Turma 102

### Versos de uma história

O meu nome é João Pedro,  
mas também me chamo Sena,  
vou contar uma história  
de um escritor sem pena  
de mostrar a realidade  
que o brasileiro enfrenta.

Afonso Lima Barreto  
foi um autor bem famoso,  
criticava a república  
e escrevia sobre o povo,  
povo que tanto queria,  
queria ver um mundo novo.

Nasceu durante o reinado,  
de Dom Pedro fanfarrão  
que fez o Brasil ser último  
a abolir a escravidão,  
mas depois de sete anos  
ocorreu a abolição.

Quando publicava os livros,  
era tido como louco,  
o prendiam em hospícios  
e não o deixavam solto,  
porque um cara como ele  
podia ser perigoso.

Perigoso para aqueles  
que tinham uma vida boa,  
pois ele era bem polêmico  
e criticava as pessoas,  
pois elas eram egoístas  
e deixavam outras à toa.

Enquanto esteve no hospício,  
ele escreveu alguns livros,  
mas de todos os que escreveu  
por um ficou conhecido,  
essa obra foi chamada  
de *O cemitério dos vivos*.

Publicou diversos textos,  
alguns não pôde ou não quis,  
mas ficou conhecidíssimo  
por retratar esse país  
e por sua “desavença”  
com Machado de Assis.

Foi entrar na Academia,  
mas não foi autorizado,  
pois tinha uma rivalidade  
com o tal do autor Machado,  
que presidia a Academia,  
mas podia estar enganado.

Lima era um cara negro  
que escreveu muitos contos,  
muitos deles famosos  
porque não são anacrônicos,  
porém, nas capas dos livros  
era tido como um branco.

Ele morreu no ano da  
semana de vinte e dois,  
quando o Pré-Modernismo  
foi deixado pra depois,  
junto com o antigo período  
que se perdeu entre os dois.

Vou aqui me despedindo  
até logo, vou embora,  
espero que tenham gostado  
de ouvir essa história  
e saibam um pouco de Lima  
e da sua trajetória.

Aluno Sena - Nº 4057 - Turma 101



## Um Conto

Ela adorava ler  
em todo canto  
em todo tempo.

Lá no meio da avenida  
imaginava sua vida  
feito um livro, uma cantiga.

Já eu, era um vagabundo,  
ladrão infortunado,  
esperando o momento oportuno.

Era tão bom vê-la ali,  
enquanto eu estava aqui,  
esperando minha existência se esvaír por aí.

Ela adorava ler,  
em suas pequenas mãos  
levava consigo o seu coração.

E eu, oriundo do mal,  
criatura “humanimal”,  
estava apenas esperando o meu breve final.

Aluna Giovanna Rocha - Nº 4929 - Turma 201

## CRÔNICAS

## Minha falha no psicológico

Para além de cumprir uma tarefa, esse texto é um desabafo. Sempre estive incomodado comigo mesmo, nunca me senti confortável com minha aparência e sem dúvida alguma, isso é a coisa que mais me atormenta. A vida me trouxe pessoas incríveis e momentos indescritíveis, mas eu não me considero uma pessoa feliz por completo, pois é muito mais fácil utilizar uma máscara, um sorriso e um simples "estou bem" do que sair por aí explicando o motivo da sua tristeza.

Apesar dos elogios feitos por meus amigos e pessoas que eu amo, esse problema toma conta da minha cabeça, não é controlável e algumas vezes, tudo o que eu consigo fazer é desabar e chorar. Não sou o tipo de adolescente que por conta da baixa autoestima deixa de postar nas redes sociais, até porque, muitas vezes, as pessoas me obrigam a isso, porém, é sempre igual e nunca muda; a cada foto, a cada comentário maldoso e ofensivo é um pedaço de mim que se vai de maneira que não sei explicar.

Muitos gostam de me enaltecer e dizer "o quão incrível eu sou", mas nada disso nunca me ajudou, nunca foi o suficiente. O pior de tudo, é quando eu abduco de várias coisas por simplesmente me sentir incapaz, parece que tudo em mim já está se acostumando com o fato de eu ficar desistindo e desistindo. Às vezes, tudo o que eu queria era um abraço, daqueles apertados que duram 10 minutos e entender o porquê de eu destacar os meus defeitos e não conseguir enxergar minhas qualidades.

De vez em quando, eu me encontro pensando sobre a minha existência na vida das pessoas, mas mesmo que digam que não são nada sem mim, eu nunca vou compreender, mesmo que digam que eu sou lindo, sempre será um incômodo me olhar no espelho, mesmo que digam que eu canto muito bem, sempre haverá um vestígio de incômodo ao ouvir minha própria voz, porém, não precisa se preocupar, o pior nunca vai acontecer. Por fim, só quero dizer que não desejo que ninguém me veja no estado que estou enquanto escrevo esse texto.

## **Gênios intelectualmente, tolos emocionalmente**

É comum para jovens ouvir que seu único dever é estudar. Ir para a escola e aprender sobre História, Geografia, Matemática e Física. Aprender sobre Biologia, Química, Português e Inglês. Mas em qual disciplina os alunos serão ensinados a lidar com frustrações? Quando os adolescentes vão ouvir sobre como atingir uma maturidade emocional? Não só com diplomas se forma um estudante - é necessário que se fale sobre a saúde psicológica no ambiente escolar.

Fui levada a essa reflexão ao conversar com uma amiga que estava profundamente deprimida por ter tirado nota baixa numa prova de Matemática. Ela, como a boa aluna que era, não podia se dar ao luxo de obter uma nota vermelha, que supostamente mancharia seu histórico escolar para sempre. Chorava dizendo que nunca seria ninguém na vida e que nenhuma universidade a aceitaria. É comum que os jovens se esqueçam de que eles vão além de números no boletim - estamos formando alunos geniais em algumas áreas, porém, tão pouco inteligentes no quesito emocional.

Num cenário no qual 1 em cada 5 adolescentes apresenta quadro depressivo, é necessário que se questione o porquê de não se abordar esse assunto nas escolas. Os números assustadores são reflexo de um sistema educacional que valoriza áreas de conhecimento de aplicação imediata em detrimento de matérias como Filosofia e Sociologia, que poderiam ajudar o aluno a compreender melhor a si mesmo e ao mundo ao seu redor. Espera-se dos jovens que lidem sozinhos com toda a pressão gerada por questões como a escolha de carreira, a exploração da sexualidade e a inserção no mundo adulto. É preciso que os estudantes sejam ensinados desde cedo a conciliar um bom desempenho escolar com a saúde psicológica, nunca deixando aquele comprometer esta.

Recomendei à minha amiga que fosse ao psicólogo, buscasse ajuda profissional para lidar com suas complexas emoções. Alguns dias depois, ela me confidenciou que havia sido diagnosticada com depressão e estava se tratando. Paulo Freire, educador renomado, diz que a educação não muda o mundo, mas muda as pessoas e estas

transformam o mundo. É hora de usar a educação para transformar as pessoas.

Aluno Carolina Cordeiro - Nº 4049 - Turma 102

### **Parece, mas não é**

Adultos em geral, normalmente, veem a educação do adolescente como algo fácil. Com bastante frequência se ouvem frases como: “você só estuda” ou “é só estudar”. Mas, apesar de parecer bem pouco, esse processo de formação escolar é bastante complicado.

Os estudantes não devem se atrasar para o colégio. Precisam acordar mais cedo, vestir-se rapidamente, tomar café para não passar mal e ainda correr para não perder o transporte. Nas aulas, devem prestar atenção a cada segundo (“nem pisque!”), anotar tudo o que foi falado e tirar dúvidas. Beber água ou ir ao banheiro? Nem pensar! Em casa, estudar toda a matéria dada no dia, arrumar seu quarto, varrer a casa, tomar banho, cuidar do irmão mais novo, pesquisar sobre temas polêmicos (“seja curioso e desenvolva o senso crítico!”) e ainda lavar a louça. “Só” isso, já conta as vinte e quatro horas do dia. E as exigências não param por aí.

É necessário estudar uma semana antes das provas (“no mínimo!”). Ler pelo menos dois livros por mês, ainda pensar na profissão que quer exercer (“é para a vida toda!”) e garantir estabilidade. No meio de tudo isso, fazer atividades extracurriculares e praticar esportes. Ficar abaixo da média em alguma matéria: inaceitável! “Cansado de quê? Só estuda!” Tudo isso, já são pelo menos trinta horas do dia. A pressão familiar aumenta cada vez mais e nem sempre os esforços são reconhecidos: “não fez mais do que a obrigação!”, “tem criança por aí trabalhando até a exaustão!”.

Falando, parece fácil. Parece que as reclamações são de “barriga cheia”. A verdade é que a adolescência é uma fase pela qual todo ser humano passa e nunca é fácil. Ainda assim, os adultos insistem em dizer que não é nada. E seguem todos nessa rotina. Mas, será que a vida é mesmo só isso?

## **Fábrica de humanos**

Sou o lápis número dois da escola pública Santa Educação. Sempre acreditei que a escola era a única capaz de ensinar novas coisas às pessoas e que eu era a ferramenta básica dela, porém, certo dia, passei a acreditar que o lado de fora das salas também era capaz de educar.

Por que isso ocorria? O colégio não deveria ser o único com o dom de ensinar? Muitas crianças me utilizam para rabiscar as mesas e algumas me atiram contra meus colegas professores. Parece que elas não vêm para essa instituição do saber para aprender, mas sim para praticar algo aprendido antes.

Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que os ensinamentos de fora das salas eram obscuros. No colégio não era pregada a agressão a alunos e professores, muito menos a venda de drogas. No entanto, tudo isso estava presente no dia a dia dos alunos.

Fico triste em saber que não sou mais tão especial, já que alguns jovens preferem aprender com a arma e não com o lápis, mas creio que isso não seja totalmente culpa das ruas, talvez seja proveniente de um defeito na fábrica de humanos e que um dia ele será consertado.

Aluno Miguel Santiago - Nº 4074 - Turma 101

**CONTOS**



## Selado amor

Há muito tempo, entre as colinas do norte, encontrava-se o reino de Alcântara, onde príncipes e princesas eram prometidos em casamento desde o dia em que chegavam ao mundo. Maria Isabel, filha do rei Abelardo III, cresceu brincando com o filho de sua criada, Agostinho (cujo nome havia sido dado em homenagem ao Santo Agostinho).

Os dois se amavam desde pequenos, mas o pai dela já havia prometido sua mão ao príncipe do Reino de Tão Tão Distante, Paulo VI. Mesmo com todos os empecilhos impostos pelo patriarca, o casal apaixonado nunca deixou de se “encontrar”. Todos os dias, ao entardecer, o romântico Agostinho ia ao pé da janela de sua amada para declarar o seu amor. Suas palavras eram tão lindas que pareciam a letra de uma linda melodia:

– Mabel abra a janela, deixe que o sol te veja - insistia - Mabel abra as cortinas para mim, que eu não me escondo de ninguém.

Em uma tarde fatídica, enquanto repetia sua afirmação amorosa diária, o inesperado aconteceu: Paulo havia chegado ao castelo. Entretanto, parecia que isso não intimidava o valente Agostinho, que dizia:

– Abra as cortinas que eu não me escondo de ninguém, o amor já desvendou nosso lugar e agora está de bem.

Mabel respondeu enquanto o príncipe prometido chamava-a incessantemente do lado de fora do quarto:

– Agora não meu amor, o perigo bate à porta.

Mas Agostinho não desistiu:

– Deixa o moço bater, que eu cansei da nossa “fuga”, já não vejo motivos para um amor de tanto tempo não ter o seu lugar.

Paulo entra no quarto e encontra Maria entretida na janela, ela falha miseravelmente ao tentar convencê-lo de que não estava acontecendo nada, ao mesmo tempo em que procurava uma maneira de fugir da ira do homem à sua frente. Ele percebe a situação e após constatar que ela estava se envolvendo com outro, diz:

– Para onde você está indo? Não pode me desonrar dessa maneira, volte aqui para que eu me case com você e me torne assim o maior desse reino.

Ouvindo a discussão que se passava lá no alto, nosso herói rapidamente interviu:

– Diz, quem é maior que o amor?

E, voltando-se para a sua paixão continuou:

– Pule em meus braços agora, que é chegada a nossa hora.

Então, mesmo temerosa, Mabel se joga da janela e cai suavemente em seus braços. Depois de algumas horas de fuga intensa, eles chegam a um porto, o Porto da Barra, e embarcam em um pequeno barco amarelo. Após remarem por horas, a princesa em prantos fala:

– Veja você, onde é que o barco foi desaguar, a gente só queria um amor, Deus parece às vezes se esquecer.

– Ai, não fala isso, por favor. Esse é só o começo do fim da nossa vida.

E, como uma promessa de que iriam ficar juntos, Agostinho continua dizendo:

– Deixa chegar o sonho e estaremos no único lugar onde ficaremos juntos para sempre.

Percebendo que não haveria escapatória, já que onde quer que eles fossem uma princesa acabaria sendo reconhecida, Mabel contesta:

– O que eles vão dizer?

– Vão dizer que a vida é passageira...

Os dois pulam em alto mar e, antes de desfalecerem, em harmonia, concordam:

– Agora partiremos...

– Ninguém notará que a nossa estrela um dia caiu.

(Inspirado na composição “Conversa de Botas Batidas”, da banda *Los Hermanos*).

Grupo - Turma 102:

Aluno Ruach - Nº 4559

Aluna Ireno Braz - Nº 4665

Aluno Karpischin - Nº 4714

Aluna Sthefany - Nº 4738

Aluna Muriel Iohana - Nº 4743

### O Quarto B3

Como todo domingo, eu estava trabalhando no motel “Caminho para o paraíso” onde sou camareiro. Havia sido mais uma semana monótona, como de costume. Meus amigos sempre contam histórias interessantes sobre seus turnos, mas mal sabiam eles que nesta tarde eu viveria uma história surreal.

Eu estava limpando o quarto B3, que por algum motivo sempre é o mais sujo, quando o casal do quarto ao lado começou a conversar.

– Olha só, olha onde nós chegamos. Nós só queríamos viver nosso amor - disse o homem.

– Não, não fala isso Blyde!

– Não adianta mais! Esse é o começo do nosso fim, Connie.

Connie e Blyde, eu já havia ouvido esses nomes no jornal antes, eram dois ladrões famosos, pensei em ir até a recepção e ligar para a polícia, mas ouvi sirenes e uma inquietação crescente no quarto ao lado, preferi me esconder e ver o desfecho dessa história.

– Vamos logo! Acho que dá tempo de fugir se pegarmos a BR! – disse Connie.

– Não! Não dá mais! Quando foi que tudo ficou assim? Nós corremos para nos esconder e nos escondemos para amar.

Ouçó, então, passos do lado de fora e uma batida forte na porta, eram os policiais.

– Vamos! Temos que ir agora!

– Deixa eles entrarem que eu já cansei dessa fuga!

– Abram logo a porta! Sabemos que estão aí - disse o policial.

– Vamos, Blyde! Podemos fugir pela janela e então... e então...

– E então o quê? A gente vai tomar banho de sol na praia? Não vamos! – exclamou Blyde.

Ele tinha razão e Connie sabia disso, não importa para onde eles fossem, sempre teriam que fugir.

– Se não abrirem a porta até o fim da contagem, nós vamos abrir fogo - disse o policial.

– E então Blyde, o que fazemos agora?

– 1...

– Só podemos aceitar nosso fim, Connie!

– 2...

– Mas... não importa, foi muito bom te amar!

– 3...

– Digo o mesmo, me abraçe que é chegada a nossa hora!

– Fogo!

E assim se iniciou uma orquestra de tiros. Os corpos foram levados ao necrotério. Tudo pareceu se acalmar, menos eu; uma crescente inquietação havia me tomado, e somente consegui atingir a calma ao conversar com meu amigo Marcelo “Camelo”, um músico que costuma tocar na frente do motel. Nós o chamamos assim porque à noite sua silhueta se mistura com a do violão e dá a impressão que ele possui duas corcovas de camelo nas costas.

– Eles eram dois idiotas que jogaram suas vidas fora – eu disse.

– Não creio que seja tudo verdade...

– Como assim? Eles podiam ter tido uma vida normal, podiam se amar de um jeito normal.

– Mas o que é normal? Eles se amavam e demonstraram seu amor, um pelo outro, até o fim! Creio que isso seja normal.

– Roubar bancos não é normal!

– Não é isso que importa, eles se amavam e nada é maior que o amor.

– Mas...

– Todos dizem que a vida é passageira, e eles têm razão, a vida é passageira, mas esse casal não jogou a vida fora, eles viveram a vida por completo, não tinham mais o que fazer, já andavam com as botas batidas.

(Inspirado na composição “Conversa de Botas Batidas”, da banda *Los Hermanos*).

Grupo - Turma 101:

Aluno Miguel Santiago - Nº 4074

Aluno Aparício Gradia - Nº 4091

Aluno Cintra - Nº 4115

Aluno João Gabriel - Nº 4136

## Memórias póstumas de uma lata velha

Sempre me senti deslocado durante toda a minha vida. Nasci de centenas de homens que se empenharam bastante para que eu pudesse me tornar o que sou hoje. Meu motor é extremamente potente e sou completamente apaixonado por velocidade. Como todos os outros, tenho a minha religião: sou seguidor do Todo-poderoso Fusca Azul.

A propósito, esqueci de me apresentar, meu nome é Porsche 918-SPIDER e, infelizmente, fui parar nas mãos erradas. Sou propriedade de um médico muito dedicado ao trabalho e que não reconhece a minha capacidade. Já tentei diversas vezes me rebelar e, simplesmente, fugir, mas aquele homem faz uma força devastadora em mim com aquela maldita chave. Por diversas vezes, cheguei a duvidar de Fusca e acreditar que ele não estava nem aí para mim. Mas nunca o abandonei, sabia que um dia minha hora iria chegar, poderia me libertar daquele homem e alcançar minha velocidade máxima de 400km/h, que sempre foi meu maior sonho.

Até que, um dia, tudo mudou. Em mais de um daqueles engarrafamentos do cotidiano, a encontrei. Era um modelo exatamente igual ao meu e pude notar pelos seus amassados, suas “rugas” muito semelhantes às minhas, que ela também não estava satisfeita e feliz em estar “presa” naquela situação. Devido ao fato de nossos donos passarem a trabalhar no mesmo lugar, pudemos nos aproximar bastante e dividir nossas angústias. Confessei a ela que meu maior sonho era fugir e acelerar, nem que fosse a última coisa da minha vida. Logo quando lhe declarei isso, seus faróis brilharam, demonstrando que aquele sentimento era mútuo entre nós.

Porém, tinha um problema nisso. Até aquele momento, não éramos capazes de nos controlarmos sozinhos, sem aquela maldita chave de ignição, que nos dominava completamente. A única saída era que nossos donos a esquecessem durante a noite, por algum motivo. Até que um dia Fusca sorriu para nós.

Era uma noite limpa, de lua cheia e várias estrelas no céu. Meu dono esqueceu a chave porque, pelo que pude compreender, estava

“mika”. Não entendi o que poderia ser aquilo, mas àquela altura pouco importava.

No exato momento em que ele saiu do raio dos meus faróis, meu GPS, inexplicavelmente, apontou uma rota para mim. Era o meu momento, estava sentindo isso. Mas não queria deixá-la para trás. Juro por Fusca que comecei a acelerar sozinho e seguir aquele caminho marcado. Estava com um peso enorme no meu motor, porque sentia que a estava abandonando. Porém, volto a dizer, naquele dia Fusca estava sorrindo para nós.

Ao chegar no meu destino, já com o Sol começando a raiar, me deparo com ela, mais charmosa e exuberante do que nunca. Contei o que se passou comigo e ela disse que tinha acontecido a mesma coisa por lá. Nos emocionamos muito. Depois de todo aquele tempo no caos da cidade, estávamos em uma longa avenida, completamente sozinhos, para realizarmos nosso sonho.

Estava na hora do êxtase de nossas vidas, ficamos refletindo por uns 10 minutos. Pedi para ela abrir a janela e deixar o Sol nos iluminar e nos proteger. Naquele momento, ela foi para o final da avenida e ficou de frente para mim. A voz do GPS iniciou uma contagem regressiva de 10 segundos, e, ao fim dela, acelerei como nunca na vida, como jamais imaginei que fosse conseguir. Sim, aquele era o meu maior momento.

Ao atingir 400km/h, estávamos muito perto. Pensei em frear, mas, àquela altura, não valia mais a pena. Nos abraçamos muito forte e gritamos nosso amor para toda a cidade. Viramos milhares de estrelas que, tenho certeza, são as mais felizes de todo o universo Fusca e jamais irão cair.

(Inspirado na composição “Conversa de Botas Batidas”, da banda *Los Hermanos*).

Grupo - Turma 103:

Aluno Pedro Henrique - Nº 4055

Aluno João Alfredo - Nº 4060

Aluno Cauã - Nº 4069

Aluno Victoria Chicourel - Nº 4105

**Conversa de botas batidas**  
**(Composição: Marcelo Camelo)**

Veja você, onde é que o barco foi desaguar  
A gente só queria o amor  
Deus parece às vezes se esquecer  
Ai, não fala isso, por favor  
Esse é só o começo do fim da nossa vida  
Deixa chegar o sonho, prepara uma avenida  
Que a gente vai passar  
Veja você, quando é que tudo foi desabar  
A gente corre pra se esconder  
E se amar, se amar até o fim  
Sem saber que o fim já vai chegar  
Deixa o moço bater, que eu cansei da nossa fuga  
Já não vejo motivos pro amor de tantas rugas  
Não ter o seu lugar  
Abre a janela agora, deixa que o Sol te veja  
É só lembrar que o amor é tão maior  
Que estamos sós no céu  
Abre as cortinas pra mim  
Que eu não me escondo de ninguém  
O amor já desvendou nosso lugar  
E agora está de bem  
Deixa o moço bater, que eu cansei da nossa fuga  
Já não vejo motivos pro amor de tantas rugas  
Não ter o seu lugar  
Diz quem é maior que o amor?  
Me abraça forte agora  
Que é chegada a nossa hora  
Vem, vamos além, vão dizer  
Que a vida é passageira  
Sem notar que a nossa estrela  
Vai cair



## Bagunça na linha do tempo

Meu nome é Enzo e estamos no ano de 2050. Tenho 25 anos e trabalho numa empresa fundada pelo criador da viagem do tempo, Kira Joestar, e não é só isso, ele criou um sistema para que pudéssemos viajar sem alterar a linha do tempo, apenas assistindo ao acontecimento, o chamamos de “modo espectador”. Nosso intuito nessa empresa é reescrever os livros de história, mas com os verdadeiros fatos que aconteceram. Eu trabalho no setor “História do Brasil” e hoje nós estamos escrevendo a vida de um grande escritor brasileiro, Lima Barreto.

Trabalho com o Valentim, meu parceiro; viajo no tempo e mando os relatórios para ele no presente, através de um aparelho de comunicação que se interliga através do tempo, criado também por Kira. Atualmente, estamos escrevendo o ano 1910, época em que o escritor estava escrevendo a sua obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

– Relatório #23: Lima Barreto está em seu escritório escrevendo, nada de incomum está acontecendo, captou a mensagem Valentim? (ruídos começam a acontecer) alô? Valentim? Está na escuta?

Subitamente, um clarão veio em meu rosto e eu me vi obrigado a fechar os meus olhos, quando eu os abri, estava no que parecia ser um enorme corredor dentro de uma casa.

– Enzo? Está na escuta?

– Sim, o que aconteceu? Onde eu estou?

– A pergunta certa seria, “quando você está?”, aconteceu um problema no sistema de espectador e agora você está em 1910, na casa de Lima Barreto, reiniciarei o sistema e em uns 30 minutos devo conseguir te trazer de volta!

– E o que eu faço nesse meio tempo?

– Só tenta não bagunçar a linha do tempo.

– Eu sei...eu sei...está achando que sou irresponsável?

– Vou confiar que você não vai fazer nenhuma burrice, desligando.

– O que eu vou fazer agora? – pensei em voz alta!

Acreditei que o melhor seria ficar escondido e esperar os 30 minutos passarem. Depois de algum tempo, eu comecei a escutar barulhos de passos vindo em minha direção e, antes de poder ter qualquer reação, fui surpreendido por Lima Barreto que havia saído de seu escritório.

– Oh, quem é você? O que está fazendo aqui?

– Você é o grande Lima Barreto? Eu sou seu vizinho e um adorador do seu trabalho e fiquei sabendo que o senhor estava trabalhando em algo novo, então, eu estava curioso e vim falar com meu companheiro de rua.

– Meu vizinho! Por que não disse antes? Venha comigo, vou te mostrar um pouco da situação atual do livro.

Eu o acompanhei até seu escritório.

– Assim como a maioria de minhas obras, essa é mais uma que vai fazer uma crítica à nossa sociedade. A história se passará no Rio de Janeiro e o personagem principal é um homem chamado Policarpo Quaresma, que pretende valorizar mais a cultura do país, por exemplo, ele vai querer que o tupi seja reconhecido como língua nacional, mas acaba sendo visto como um louco e assim a história continua.

– Nossa que interessante! Essa obra com certeza será um fenômeno (Eu já sabia que no futuro, quando a obra fosse lançada, ela seria altamente aclamada pela crítica).

Alguns minutos de conversa depois, eu me despedi de Lima Barreto e me dirigi para ir embora. Não deveria estar faltando muito tempo para me levarem de volta e nada saiu do controle, mas quando eu me virei, acabei me esbarrando na mesa do escritor e acabei derrubando o seu lápis no chão. Bem na hora em que me abaixei, o aparelho de comunicação intertemporal caiu do meu bolso e fez um alto barulho, voltando as atenções de Lima Barreto para o aparelho nunca visto por ele antes. Eu sabia muito bem que se o cronista soubesse da existência do dispositivo, a linha temporal ficaria em perigo, mas agora não dava mais tempo, Lima Barreto já estava se abaixando para pegar o aparelho. Foi a primeira vez que eu fiquei nervoso daquele jeito, eu não sabia o que fazer, e agora o mundo inteiro estava em jogo, tive apenas que aceitar o meu fim...

Foi então que, segundos antes de Lima Barreto chegar ao chão, o mesmo clarão de antes dominou a sala, quando abri meus olhos, eu estava de volta na minha sala de trabalho. Eu ainda estava em pânico porque ele de qualquer jeito tinha visto o aparelho e uma pequena coisa como essa poderia afetar o futuro de toda a humanidade. Valentin, vendo o meu desespero, chegou até mim e falou:

– Calma Enzo, está tudo sob controle, o Sr. Kira já havia pensado nessa possibilidade e criou um dispositivo que apaga a memória; ele apagou as memórias de Lima Barreto sobre o ocorrido, está tudo bem agora!

– É incrível como esse tipo de informação eu nunca fico sabendo, você não tem noção do nervoso que eu passei lá dentro, por sorte toda a linha do tempo continua normal.

Aluno Caio Borges - Nº 4064 - Turma 105

### O Triste fim do “Triste fim de Policarpo Quaresma”

“A juventude está perdida!”. Não me interprete mal ou ache que sou apenas um velho ranzinza, fedido e senil. Esses atributos, de fato, condizem com minha pessoa, Afonso, o pedinte, todavia, acredite em mim, quando digo que minha complexidade não se resume a um amontoado de adjetivos. Digo mais, minha reclamação não é desprovida de fundamentos e razão, mas sim, repleta de consternação e tristeza, mediante um acontecimento que acabei de testemunhar.

Aos trancos e barrancos, com joelhos estralando mais que bombas de São João, desci por uma das muitas ladeiras da Rua Ipiranga, local onde nasci e me criei. Em mais um típico dia carioca – quente e abafado – seguia meu ofício de “autônomo”, como dizem os jovens, embora eu não veja problema algum em declarar-me catador de lixo. Pouco antes de chegar na última caçamba da rua, vislumbrei um jovem que, distraído com seu *smartfone*, arremessou uma pesada caixa de papelão na lixeira e foi embora.

Pelo barulho, julguei se tratarem de objetos metálicos, o que, na cooperativa de reciclagem onde deposito o material, me valeriam o equivalente há vários dias catando garrafas plásticas. Entusiasmado, pulei na caçamba e abri a “arca do tesouro”. Ao abri-la, como esperado, deparei com latas de energético e refrigerante, além de parafusos, pregos e painelas. Após observar o recipiente mais atentamente, avistei algo estranho em meio à toda aquela bagunça. Tratava-se de um exemplar de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, escrito pelo autor Lima Barreto.

Incrédulo, limpei minhas mãos e tomei o livro para mim, cheireiro e percebi que estava novo em folha. Comecei, então, a folheá-lo com o cuidado de quem segura um recém-nascido e, com dificuldade, consegui ler algumas das anotações feitas em suas páginas, afinal, não segurava um daqueles, desde que Carlos Lacerda era governador da Guanabara. Nessa mesma época, abdiquei dos estudos para cuidar dos meus irmãos caçulas que assim como eu, tornaram-se órfãos após as águas de março lavarem o Rio de Janeiro, e levarem nossa casa e pais com elas. Assim, sem entender quase

nada, li o primeiro capítulo, “A Lição de Violão”, e fui tomado por uma emoção avassaladora e pus-me a chorar.

Todavia, aquele sentimento saudosista e nostálgico logo transformou-se em raiva e revolta. Não conseguia conceber como alguém fora capaz de reduzir o valor daquela grande obra a apenas papel e tinta, descartáveis e dignos da sarjeta. Hoje, velho, enfermo e animalizado pela sociedade, eu compreendo que minha vida seria completamente diferente se tivesse permanecido na escola.

Ainda inserido naquela pequena residência de quatro paredes metálicas e nenhum teto, estava cada vez mais preso em meus pensamentos e, proporcionalmente, mais ultrajado com a situação. Observar um jovem jogar fora a *Magnum Opus* de Lima Barreto, tremenda fonte de conhecimento, realmente me partiu o coração. Nunca fui invejoso, mas confesso que, dentro daquele lixo e contemplando a miséria em que estava, desejei a vida dele para mim, implorei ao Divino para ser adolescente novamente e para que eu não tivesse sido forçado a parar de estudar.

Se meu passado fosse diferente, com certeza estaria agora em uma cobertura no Leblon curtindo a vista, e, mesmo aposentado há anos, ainda ostentaria com orgulho, um título de “Doutor”. Ou até quem sabe, estaria esbanjando minha fortuna na Europa, cada dia um novo país, um novo lugar, pessoas novas... Em vez disso, sou a sombra das marquises e o cobertor das calçadas, sou aquele que foi privado da instrução e agora só lamenta.

Adoentado como estou, sei que minha vida não se estenderá mais que alguns meses. Minha história findará quando a melodia de “Águas de março” tocar e as vozes de Elis Regina e Tom Jobim, em uníssono, carregarem-me para longe. Tenho em mente o futuro do moço a quem pertencia o livro que seguro em mãos, estaria ele a salvo de vir parar nessa caçamba? De ser descartado? De ter um triste fim como o meu? Somente o estudo dirá.

## Uma viagem literária

Era uma quinta-feira, dia das classes que eu menos gostava. E ao término da última aula, a de português, a professora informou à Turma que tínhamos que ler, para a semana seguinte, o livro "Crônicas para jovens", de Lima Barreto. Eu, Gabriel, não me orgulho do que irei dizer, mas confesso que nunca gostei de ler. A leitura é algo que sempre admirei, porém nunca foi o meu forte. Sempre fui apaixonado pelas ciências biológicas.

Então, no caminho para casa, passei em uma livraria e comprei o tal livro. Ao chegar em casa, fiquei apenas olhando minha mais recente aquisição, entretanto, sem vontade de lê-la. Então, uma brilhante ideia veio à minha mente: terminar meu projeto para a feira de ciências, uma máquina do tempo, e utilizá-la para voltar ao passado. Assim, eu poderia encontrar Lima Barreto e ele mesmo me contaria tudo sobre seu livro, sem eu precisar lê-lo.

Fiquei a tarde inteira terminando minha criação e quando ela, finalmente, ficou pronta, selecionei o ano para o qual eu queria ir, 1915, época do auge da carreira de Lima Barreto. Em questão de segundos, lá estava eu no tempo do ilustre escritor. Eu sabia que haveria um grande choque de realidade, afinal, estava viajando para o século passado. E assim que cheguei ao meu destino, percebi que o Rio de Janeiro, onde eu passara toda a minha vida, havia mudado bastante. O que eu ainda não havia notado era que, aparentemente, minha máquina do tempo tinha um defeito: eu não podia interferir em nada, nem me comunicar com ninguém, apenas observar.

Após certo tempo, observei outro problema, eu havia parado na década errada. A data que eu escolhera me levava ao tempo de infância de Lima Barreto. Encontrei, pois, Afonso Henriques de Lima Barreto, apenas um garoto. Como quem brinca de espião, comecei a observá-lo. Não demorei a perceber, pelo que eu me lembrava do que a professora havia falado na sala de aula sobre a história do escritor, que aquele menino era quem eu procurava, porém em uma versão mais nova.

Fiquei um tanto curioso para saber como era a vida de Lima Barreto quando ele tinha quase a minha idade. Como eu já estava

mesmo na década errada, decidi ficar por ali mesmo por um tempo. E logo vi que ele tinha uma vida humilde. Mas, mesmo órfão de mãe e vivendo em condições simples, o futuro escritor se destacava nos estudos. A partir daquele momento, uma admiração por ele surgiu em mim.

Como quem assiste a um seriado, comecei a assistir de perto capítulos da vida de Lima Barreto. Aos poucos eu viajava no tempo, sempre avançando alguns anos e observando o que se passava na vida do escritor. E a cada ano que eu pulava, cada vez mais crescia em mim a admiração por ele. Eu me perguntava como uma pessoa que havia sofrido tanto, inclusive vivido em uma época de grande preconceito, havia conseguido superar suas dificuldades, crescendo e fazendo tantos textos que, mesmo com o passar do tempo, continuavam sendo lidos por milhares de pessoas.

Mas quanto mais momentos da vida de Lima Barreto eu assistia, mais crescia dentro de mim uma enorme inquietação – o desejo de conversar com ele e conhecer melhor seu modo de pensar, já que eu não podia me comunicar com ele. E foi nesse instante que eu notei que tinha ao meu alcance a resposta para a minha inquietude: o livro! Não havia uma forma melhor de conhecer mais aquele escritor. Suas crônicas me mostrariam seu jeito de pensar e escrever, me mostrariam de algum modo mais detalhes sobre a vida dele que eu não conhecia.

Fui até a minha máquina do tempo e voltei imediatamente para a minha época. Em poucos segundos, eu estava em casa novamente. Me direcionei ao meu quarto, peguei o livro e comecei a ler. A cada crônica lida, eu descobria um pouco mais sobre o modo de pensar do escritor; suas opiniões em relação ao governo daquela época, à política, às transformações ocorridas no Rio de Janeiro e até mesmo em relação ao futebol. Aquela experiência era tudo que eu precisava para mudar meu ponto de vista em relação à leitura. Ela certamente, a partir daquele dia, tornou-se minha grande paixão. E tornei-me eternamente grato a Lima Barreto por ele, mesmo sem intenção, me deixar fascinado pelos livros.

## O percurso

Era início de tarde do dia 20 de novembro, quase 13h30, e o sol castigava Salvador. Em um ponto de ônibus, no bairro nobre da Pituba, Firmino, um vendedor de balas repetia as ofertas diárias. Enquanto trabalhava, observou a chegada da jovem amiga Dandara. A menina vinha cabisbaixa, deixando seu rosto e parte da farda do conceituado colégio particular em que estudava, cobertos por seus volumosos cachos. Sentou-se e não cumprimentou ninguém, nem sequer o ambulante com quem conversava todos os dias durante o longo trajeto entre a escola e sua casa, no bairro de Paripe. Assim, o homem dirigiu-se a ela com vozes engraçadas e caretas no intuito de animá-la, recebendo um largo sorriso em resposta.

Entraram no coletivo, que, milagrosamente não estava lotado, conseguindo inclusive se sentarem. Quando a adolescente pegou seu celular, sua expressão mudou drasticamente; ficou pálida, ofegante e com um olhar vazio. O belo sorriso que havia em seus lábios parecia agora uma memória distante. Firmino, percebendo a situação, indagou-lhe o porquê de sua fisionomia abatida. Ela o olhou de forma sofrida, balbuciou algumas palavras, mas não conteve a dor, e pôs-se a chorar diante do amigo.

Após receber um longo e caloroso abraço de Firmino, suas lágrimas cessaram, e ela lhe entregou seu aparelho telefônico, para que ele compreendesse o motivo de tanta tristeza. Mesmo com seus 58 anos, o ambulante, pai de duas jovens, soube reconhecer, apesar da pouca instrução, alguns dos nomes que estavam na tela: “Instagram”, “Whatsapp”, “Facebook” e “Snapchat”. Nessas famosas redes sociais, havia diversas mensagens para a garota. Nelas, palavras de ódio, declarações racistas, ameaças de morte, tudo por causa da cor de sua pele. Seu amigo as lia e relia, incrédulo de que, em pleno século XXI, ainda havia pessoas com mentalidades tão intolerantes e destrutivas, principalmente, tratando-se de jovens.

Dandara era a única menina negra e pobre de sua escola. Não conhecia o luxo, nem privilégios, apenas uma vida de sacrifícios. Seus colegas, brancos e de cabelos lisos, ostentavam roupas de marca e viagens internacionais. Já a bolsista esgueirava-se, timidamente,



pelos corredores, como uma criança amedrontada. Tentava ao máximo ser invisível, todavia sua cor não permitia. Apelidos maldosos como: macaca, preta suja e escrava fugida, faziam parte de seu cotidiano. Essas humilhações não se restringiam somente ao colégio, afinal, por intermédio da internet, mensagens como aquelas lidas pelo vendedor a perseguiam onde quer que ela fosse.

Ao observá-la, Firmino recordou-se de sua infância, quando abdicou dos estudos e do lazer para trabalhar e sustentar os irmãos. Assim como a jovem, ele foi marginalizado, discriminado e ridicularizado diariamente. Porém, foi ao notar as cicatrizes nos pulsos da menina, que compreendeu a gravidade da situação. Ela estava desistindo da vida. Isso o fez se sentir impotente: até porque o que um reles vendedor de balas como ele poderia fazer para amenizar a agonia dela?

Em meio a essa dúvida, o homem seguiu sua intuição e apontou toda a beleza que seus olhos contemplavam e além. Elogiou seu lindo cabelo cacheado, falou dos traços que representavam a força da raça negra e de sua dedicação e inteligência. Aos poucos, as lágrimas foram secando. Agora, ela o ouvia atentamente; nunca antes alguém havia valorizado suas características e habilidades daquela forma. Era óbvio que seus problemas não estavam resolvidos, mas pelo menos, nesse dia, aquelas sábias e singelas palavras de amor fizeram-na sentir-se protegida e renovaram suas forças para lutar. Assim, quando o ônibus chegou ao destino, ela olhou para Firmino sorridente, e desceu do transporte. Aquele sorriso fez o homem sentir-se realizado, e com o coração mais leve, ele seguiu com seu trabalho.

Na calçada, Dandara continuou seu trajeto, avistando Tatiana, uma vizinha que andava no lado oposto da rua. Esta ficou feliz em ver a amiga e quis dividir com ela, os feitos de sua manhã no colégio público onde estudava. Por isso, atravessou a pista distraída para cumprimentá-la, quando um carro luxuoso quase a atropelou. Razão pela qual o motorista furioso abaixou o vidro e gritou:

- Você está cega, sua macaca horrorosa?

Diante da situação vexatória a que a amiga estava exposta e da sua total impossibilidade de reagir à ofensa, além do medo e aflição

que saltavam de seus olhos, Dandara, corajosamente, assumiu o protagonismo da situação, pois se deu conta de que tinha que fazer algo em defesa de Tatiana.

Assim, a garota que mais cedo estava tomada pelo medo, agora marchava com a cabeça erguida em direção ao homem que continuava a proferir expressões de ódio. Inspirada pela conversa que teve com o ambulante, ela utilizou palavras dignas das maiores pensadoras da história para tocar-lhe o coração e fazê-lo sentir vergonha por ter dito tais ofensas. O condutor do veículo importado, arrependido, desculpou-se e foi embora.

Enquanto dirigia, o homem começou a refletir sobre o que a garota havia lhe dito. O remorso por aquela atitude era grande, não conseguia tirar de sua cabeça o mal que causara à menina de quem sequer sabia o nome. Nele, sementes de mudança foram plantadas pela jovem em seu discurso em prol do respeito e da igualdade. Estava determinado a colocar em prática o que aprendera com aquela situação e a se tornar alguém melhor.

Agora, no portão de sua casa, Dandara contemplava o pôr do sol. Sorriu, pois sabia que graças a tudo que ocorreu naquela tarde, ela jamais seria a mesma. Nunca mais se curvaria às atitudes racistas e preconceituosas que, certamente, ainda teria que enfrentar em sua vida. Mas, por fim, sentia orgulho de ser negra e mulher. Orgulhava-se de ser simplesmente, Dandara. E o seu percurso continua, assim como os de Firmino, Tatiana, do motorista e de tantos outros brasileiros.

**RESENHAS**

### **“Crônicas para Jovens” é para jovens mesmo?**

“Crônicas para jovens” é uma obra de Lima Barreto, composta por 37 crônicas agrupadas em seis capítulos, nos quais rodeiam ou tem como foco criticar a política da época. Neste livro, a opinião do autor perante fatos e acontecimentos que marcaram a história do Brasil é clara, porém não é exagerada e sobressai o que tem de mais importante que é: a análise e reflexão sobre esses fatos que são feitas pelo leitor.

Sendo assim, “Crônicas para jovens” é sim um livro para jovens. Já que no Brasil, 24,8 milhões de pessoas de 14 a 29 anos estão fora das escolas, baseado em dados publicados pelo IBGE, sendo os principais motivos: a falta de interesse e o trabalho. Nesse país, os que têm oportunidade e possuem acesso à educação de qualidade são jovens de classe média/alta que são estimulados ao estudo constantemente. A forma com que o autor descreve os fatos e expõe sua opinião é, de certa forma, uma maneira de levar o leitor a se colocar em seu lugar e no de uma massa que é a população pobre e carente, vítima das vulgaridades do poder. Logo, ler essa obra seria outra visão para estes jovens, que muitas vezes desperdiçam as muitas oportunidades de vida, em relação à sua realidade, para os que possuem o mínimo de senso crítico, o que já se é esperado em jovens estudados.

Além de ajudar esses que já possuem uma noção do que defendem e procuram saber cada vez mais sobre os seus ideais, o livro é um elemento complementar de extrema importância para a formação do caráter e do senso crítico dos jovens. Gerar inquietação sobre suas crenças e idealizações com certeza foi um dos objetivos de Lima Barreto.

Um tema que provoca tamanha inquietação nos jovens que o lê é o futebol e como é retratado pelo autor. Para grande parte da sociedade brasileira, o futebol não é apenas um esporte, e o seu significado vai muito além de pessoas correndo atrás da bola. Já para Lima Barreto, o seu papel é “causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social.”, como diz na crônica “Bendito football”.

Sua opinião sobre o futebol, assim como todos os temas que estão nessa obra, se constrói a partir das atitudes políticas que procuram entreter a população para desviar sua atenção perante outras necessidades e aclamações de suma importância. Então, é compreensível o seu ponto de vista, assim como o ato de discordar do leitor, o que é, novamente, muito importante. Discordar, analisar, compreender e até concordar com as opiniões do autor fazem parte da formação de opinião.

Outro ponto que pode gerar certa desordem no pensamento do leitor, jovem ou não, é: como Lima Barreto pôde abordar assuntos tão atuais em 1915? Será Lima Barreto um vidente? Esse rebuliço nos neurônios é normal, sendo mais uma reflexão que esse livro nos permite em meio a muitas outras. Temas como as enchentes e os casos de feminicídio e a atualidade destes provam como questões que envolvem a política e a sociedade não mudaram e como a história é cíclica. Dessa forma, leva a analisar esses fatos e comparar com a diferença de tempo e, principalmente observar as semelhanças entre épocas e motivações.

Quando o autor fala sobre as enchentes, ele critica o governo municipal em relação à resolução do problema, que não era tão difícil de resolver como pareciam fazer constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão. Esse mesmo pensamento, provavelmente, está em muitas mentes brasileiras, porque as enchentes, no Rio de Janeiro, em Salvador e em outras tantas cidades brasileiras ocorrem principalmente entre os meses de março e abril e inúmeros casos de alagamentos, da perda de lares, de acidentes automobilísticos, de mortes são noticiados nos telejornais diariamente. “Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira, social”, é assim que Lima Barreto descreve a realidade na crônica “As enchentes”.

Sobre o feminicídio, Lima Barreto critica o direito que os homens julgavam ter de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os queria, assim como diz na crônica “Não as matem”. O que há de mais interessante é que mesmo inserido em uma sociedade na

qual a mulher não possuía nenhum direito, ele defende o mínimo que é não sentir pelo namorado amor ou coisa equivalente. Nessa crônica, continua descrevendo essa realidade, e faz a tal comparação inquestionável: “O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.” Muitos podem discordar de tal posição, o que é natural, mas não se pode deixar de lado o fato: os feminicídios, os abusos e agressões às mulheres estão presentes em nossa sociedade assim como esteve em 1915. É incrível a forma como ele expõe a sua opinião e nos dá espaço para a reflexão e, assim, apresenta tal posicionamento para finalizar: “Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas”.

Interessante pensar sobre a utilização dessa obra na formação de jovens, mas não apenas para estes. Importante também adultos capacitados à leitura se disporem a isso. Ler Lima Barreto é ter uma visão de mundo diferenciada. É ver tantos pobres e negros se sentirem representados. É perceber que alguns acontecimentos e pensamentos do passado persistem até os dias atuais, e que as críticas de Lima Barreto continuam sendo ditas por outras bocas que possuem representação na sociedade ou não.

Aluna Luiza Rocha - Nº 4051 - Turma 104

## Cemitério dos vivos

O livro “Cemitério dos Vivos” é um romance brilhante do notável autor Lima Barreto. Nesta autobiografia, ele registra a percepção do manicômio em que foi internado por vício alcoólico a partir de um diário que mantinha. O título deriva de um costume antigo de Cantão, na China, onde existia, nas imediações da cidade, um lugar específico para indigentes moribundos para lhes darem comida, roupa e um caixão fúnebre no qual deveriam se enterrar. Estas pessoas eram deixadas à margem da sociedade esperando a morte, uma boa metáfora para a situação nos manicômios.

A obra principia com o relato da morte da esposa do Doutor Mascarenhas, homem muito educado e instruído, e do seu último desejo: que ele escrevesse uma história. O protagonista sempre teve grandes aspirações, não de trabalhar em altos postos ou ter vários diplomas, mas de escrever um livro com largo alcance para mudar a perspectiva das pessoas. Entretanto, tendo em vista a inconstância da vida, esse grande sonho acabou por desbotar e Doutor Mascarenhas perdeu-se nas atividades diárias, cedendo ao alcoolismo, situação agravada com a precoce morte de sua esposa. O enredo do livro gira em torno do dia-a-dia dos internos no manicômio, registrado com muitos detalhes pelo autor, uma vez que ele mesmo já foi um deles. O protagonista, porém, não está louco, tornando a passagem por ali muito mais sofrida. Vê a degradação à qual era submetido lá dentro, uma vez que ele, homem culto, era tratado como um indigente, deixado à própria sorte.

Enquanto interno, Doutor Mascarenhas chegou a passar alguns dias na secção Pinel, “secção dos pobres, dos sem ninguém, para aquela onde a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável e mais cortante”, como ele mesmo descreve. Durante os dias em que passa nesse lugar, o protagonista vive experiências conflitantes, que narra como uma condenação ao silêncio e ao isolamento mais estúpido que se pode imaginar, submetido à imobilidade similar à de uma prisão solitária.

Ao longo do romance, o autor aborda sutilmente o assunto da eugenia – termo que significa “bem nascido” –, pois o Doutor

Mascarenhas conta que, quando pequeno, ouvira que pecados e vícios dos antecessores passavam para as próximas gerações, como se os defeitos de nossos tataravôs ainda nos assombrassem. Se o pai do protagonista havia chegado perto de matar um primo, então, isso fazia de Mascarenhas um assassino em potencial, uma vez que o traço estava em seus genes? A eugenia se trata de uma teoria já refutada, pois, além de apresentar vários problemas éticos, é senso comum que os fatores genéticos não são predominantes na personalidade de um ser, mas sim suas experiências.

O livro consiste numa obra deliciosa de "saborear" e possui várias críticas sociais, característica marcante de Lima Barreto. Possui uma linguagem simples e cativante, tendo em vista que, ao longo do livro, o leitor é levado a desenvolver empatia pelo protagonista. É de extrema importância a leitura desse romance, pois nos confere uma nova perspectiva sobre os rotulados pela sociedade como loucos e as dificuldades que estes enfrentam. Como o próprio autor diz, "não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre o destino."

Aluna Carolina Cordeiro - Nº 4049 - Turma102



## **CARTAS ARGUMENTATIVAS**

**Salvador, Bahia, 31 de outubro de 2019.**

Ilustríssimo Jorge Leal Amado de Faria,

Por meio desta carta, gostaria de demonstrar o nosso prestígio a uma de suas obras que mais marcou a fase modernista brasileira: *Capitães da areia*. O livro é fonte de entretenimento, bem como de conhecimento em relação ao passado de nossa terra baiana. A partir do cenário social da época em que foi publicado, *Capitães da areia* trouxe à tona o grave problema de abandono e marginalização de menores carentes e, desde então, serve de pilar para o anseio e o esforço de mudar essa infeliz situação que, tristemente, perdura até os dias atuais.

Durante o decorrer do século XX, ocorreram, sim, muitos progressos em relação à situação abordada no livro. Aos poucos surgiram leis, projetos e direitos garantidos ao apoio às crianças e adolescentes. Desde a década de 1960, com a origem da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, até a atualidade, com a criação do Sistema Único de Saúde, o SUS, em 1988, e a formação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, o acesso do jovem aos sistemas de saúde e educação foi facilitado, além da implementação de leis únicas, mais justas e benéficas, para essa população. Leis essas que visam proporcionar um melhor funcionamento do sistema jurídico brasileiro, pois, ao longo do tempo, foi-se entendendo cada vez mais que o jovem ainda não tem total independência para assumir a completa responsabilidade de seus atos. Com isso, podemos citar como exemplo dessas leis o artigo nº 228 da Constituição Federal de 1988, que ressalta: "São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial".

Porém, apesar dos avanços, muito ainda falta para que a ideia de "capitães de areias" se torne meramente uma ficção. A população brasileira mais que quadruplicou de 1937 até a virada do milênio e isso acarretou um aumento brusco da demanda por serviços sociais e infraestrutura, que muitas vezes se encontram precários, principalmente, para atender à população jovem do país. Mesmo

com a educação sendo colocada como uma das prioridades do ECA, 40% dos jovens de 10 a 19 anos não concluíram o ensino médio e cerca de 22 mil jovens vivem em unidades socioeducativas superlotadas e com baixa eficiência na sua reabilitação. Além disso, aproximadamente 23 mil crianças vivem em situação de rua por todo o país, sofrendo de invisibilidade perante o poder estatal e a sociedade.

Concluindo, o nosso país como um todo ainda tem um longo caminho para trilhar no desafio de oferecer uma infância e juventude digna a todos os seus jovens. Mesmo assim, estamos no caminho certo, e, dessa forma, é possível atribuímos ao seu livro, *Capitães da areia*, uma grande influência positiva nesse processo. O senhor, nobre escritor, acompanhou de perto a vida de menores abandonados e os retratou de uma forma realista, ainda assim cativante e envolvente, e foi capaz de mostrar ao público um novo ponto de vista, exibindo que por trás de jovens marginais, existiam almas traumatizadas, carentes e, principalmente, humanas.

Abraço do aluno,

Sacramento.

Aluno Sacramento - Nº 3948 - Turma 204

**Salvador, 25 de outubro de 2019.**

Inesquecível Jorge Amado,

Seguindo a lógica da reciprocidade, nós, alunos do Colégio Militar de Salvador, depois de sentir através de suas sábias palavras a dura realidade da vida de “gente grande” em *Capitães da areia*, queremos retribuir a oportunidade de provocar uma reflexão sensível acerca de uma problemática que durante a leitura nos chamou atenção.

Infelizmente, a atemporalidade de seu livro se consolida com o trágico desfecho de *Sem-Pernas*, que parece mais um recorte da hostil atualidade do que leitura do século passado. Segundo a Organização Mundial da Saúde, ocorrem de 800 mil a um milhão de suicídios por ano em todo o mundo e, no Brasil, houve um aumento de 73% do número de óbitos desse tipo apenas no período entre 2000 e 2016, segundo dados do Ministério da Saúde. De acordo com pesquisas recentes, as principais intercorrências que despertam em um ser humano a vontade de tirar sua própria vida é a depressão, muitas vezes alavancadas por pressão social ou familiar, pela solidão, e pelo estresse da rotina.

Surpreendentemente, a classe média é a que mais apresenta tendências suicidas por achar que não vale mais a pena viver, ou não é mais capaz de suportar as exigências do trabalho, escola, relacionamento, universidade ou até mesmo as impostas pelo ego individual.

Ironicamente, ainda que a frustração por padrões de vida inalcançáveis seja recorrente e quase unânime, instaurou-se uma ditadura da felicidade, isto é, propagação exacerbada de estados de plenitude ou ânimo e, por conseguinte, demonização das sensações introspectivas, a exemplo da tristeza, em âmbito mundial, de forma a estabelecer mais uma barreira no combate ao suicídio.

É viável, então, que afim de ressignificar o maçante maniqueísmo que nos levou *Sem-Pernas* e afeta até hoje nossas emoções e valores, o Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Saúde promovam campanhas de prevenção

direcionadas ao público juvenil, assim como a mídia, de posse do seu caráter de formadora e fomentadora de opinião tente encorajar os cidadãos a buscar ajuda terapêutica através de reportagens, filmes, novelas ou documentários.

Posto isso, elucidar que lastimamos as censuras reservadas a *Capitães da areia* se faz quase uma obrigação para a construção de sentido da presente missiva, uma vez que uma sociedade que experimenta sua obra e se permite desconstruir tão profundamente os conceitos de bom e mau, dificilmente enfrentaria um surto coletivo nos moldes anteriormente percorridos.

Atenciosamente,

Júlia Santos.

Aluna Júlia Santos - Nº 4119 - Turma 203

**Salvador, 04 de novembro de 2019.**

Caro Jorge Amado,

Ansiava escrever essa carta para o querido Sem-Pernas, mas os infortúnios do destino foram maiores. Queria contar a ele algumas coisas, que ele pode não estar perdendo, mas acima de tudo, queria trocar sentimentos e desabafos.

A vida, hoje, pouco se distancia daquela realidade de anos atrás, se bem que seria improvável que, atualmente, os planos de entrar nas casas usando a deficiência como desculpa funcionasse. Agora, todos os lugares são grandes moradias verticais, casinhas empilhadas, chamadas de prédios... Sem contar que elas são cercadas por grades, seguranças e por uma nova espécie de fiscalização que consegue gravar nossas caras e tudo o que fazemos, mesmo quando temos certeza de que ninguém está vendo! Muito me admira toda essa evolução e o fato de os novos capitães continuarem na mesma situação.

O desprezo, o abuso das autoridades, a falta de amor, os escudos de raiva e ódio. Dizer que entendo é forçar demais, mas posso dizer que compreendo pelo menos o sentimento torturante de duvidar sempre das intenções alheias, por já ter visto a mesma cena milhares de vezes e o roteiro nunca mudar. É muito mais simples se ater àqueles que já garantiram que são em quem se pode confiar, uma irmandade. Queria simplesmente dizer que o amor é a disposição ao risco, à fragilidade, aos desafios. Mas o que eu entendo disso? O amor é aquilo que fazemos dele, e tantas são as cicatrizes e as feridas ainda expostas, que eu não ousaria tirar sua razão.

Finalmente, querido autor, não há palavras para as experiências proporcionadas por este livro. As sensações, as dores, as felicidades... Tudo tão puro, tão autêntico, que nos coloca ali, frente ao perigo, às dificuldades, que dá vontade apenas de acolher esses meninos e protegê-los do mundo, apesar do mundo ser eles.

Obrigada pela oportunidade!

Uma admiradora.

Aluna Janaína Cruz - Nº 3968 - Turma 202

**Salvador, 30 de outubro de 2019**

Senhor Jorge Amado,

Muito tempo se passou desde que o senhor escreveu a sua melhor obra: *Capitães da areia*. Se eu a tivesse lido sem saber o ano de publicação, acharia que foi escrita recentemente, pois ainda existem várias crianças nas ruas, que lutam para ter o que comer. Esse livro “pé no chão” mostra vertentes dos pobres que não são divulgadas e as dificuldades pelas quais passam, dando enfoque na vida de crianças sem apoio familiar e sem ajuda do governo. Porém, algumas situações melhoraram, como por exemplo, a ideia de proteção em relação às crianças em situação de rua.

No seu livro, é retratado um grupo de garotos que moram em um trapiche e que precisam roubar para se alimentar. Eles não têm família e vários deles se utilizam de várias formas para externalizar a falta de amor. Na narrativa, esses garotos ficaram conhecidos como *Capitães da areia*. Fora da ficção, de acordo com a CONANDA, existem cerca de 23.973 crianças e adolescentes em situação de rua, comprovando a relação que o livro possui com a realidade. As crianças de rua estão vulneráveis à violência, pois não possuem segurança; estão sujeitas ao consumo de drogas ilícitas e a doenças sexualmente transmissíveis, já que muitas dessas crianças já experimentaram o sexo, muitas vezes, por não terem uma educação familiar e uma educação formal.

Em *Capitães da areia*, cada personagem encontra um meio para ocupar a falta de afeto materno e fraterno, ainda que os garotos que fazem parte do grupo sejam vistos como uma espécie de família. Um exemplo disso é o personagem Professor, que usa as histórias dos livros que ele lê como refúgio, pois além de trazer uma outra visão da vida, a leitura humaniza e gera conhecimento.

Senhor Jorge Amado, no seu livro, são vistos adolescentes que não tiveram a oportunidade de estudar. Na contemporaneidade, porém, existem as escolas públicas que colaboram para que as pessoas que têm baixa renda tenham essa oportunidade. Apesar dessa mudança, ainda há crianças sem ter acesso à escola e estão

pelas ruas como os *Capitães da areia*. Seu livro deu abertura para o diálogo, em sala de aula, sobre esses infantes marginalizados, fazendo com que sejam vistos e nos fazendo pensar em possibilidades para salvá-los da invisibilidade.

A infância é uma das fases mais importantes da vida e, por isso, se faz necessário mudar a situação das crianças em situação de rua. O governo, conjuntamente com a mídia, deve conscientizar a população desse problema, além de disponibilizar mais abrigos e mais assistência. No final das contas, elas são o reflexo do amanhã.

Atenciosamente,

Aline Nascimento.

Aluna Aline Nascimento - Nº 4525 - Turma 203



**DISSERTAÇÕES ESCOLARES E ARTIGOS DE OPINIÃO**

## Qual é o preço?

Não foi a primeira e não será a última. O rompimento da barragem operada pela Vale, em Brumadinho, foi apenas mais uma trágica história, na qual centenas de inocentes perderam suas vidas e grandes quantias de recursos naturais foram altamente contaminados, devido à negligência empresarial no nosso país. Poucos anos se passaram desde o desastre em Mariana (MG), quando, mais uma vez, a mineradora Vale do Rio Doce colocou o lucro acima do cuidado com a natureza e com a segurança da população. De acordo com o Ministério Público, 10% das barragens operadas pela companhia em Minas Gerais são instáveis, colocando em sério risco a vida daqueles que habitam nas proximidades e comprometendo os espaços geográficos. A questão é clara: a ganância é, certamente, a maior barreira entre a proteção ambiental e o desenvolvimento econômico.

Historicamente, as pessoas sempre buscaram enriquecimento fácil. Inclusive, foi com essa motivação que os europeus chegaram ao nosso querido Brasil. O maior problema é que a fraca fiscalização, estimulada pela detenção do monopólio comercial e exploratório de grandes empresas, resulta na negligência ao se tratar de preservação e segurança. Preocupar-se com o desenvolvimento sustentável requer tempo e, claro, tempo é dinheiro. Além disso, a manutenção de instalações normalmente demanda a compra de materiais de melhor qualidade e a contratação de trabalhadores para tal. Os gananciosos não querem esses gastos.

Ao contrário do que muitos pensam, investir no desenvolvimento sustentável não é tão caro, e é bem mais barato (e menos estressante) do que pagar indenizações. Existem diversos documentos de eventos das Nações Unidas, como a Assembleia dos Povos, da Rio +20, e a Rio +10, ambas sediadas no Brasil, que trazem instruções e resoluções para promover a conciliação entre o meio ambiente e o desenvolvimento econômico.

Sendo assim, o Ministério do Meio Ambiente deve engajar-se na fiscalização das políticas ambientais nas corporações e, quando necessário, instaurar Comissões Parlamentares de Inquérito, para

que haja adequada investigação. A divisão da ONU no Brasil, juntamente com o Governo Federal e a ONU Meio Ambiente, devem promover a divulgação das reuniões e eventos internacionais acerca do desenvolvimento sustentável e da boa gestão de negócios, incentivando a participação das empresas de diferentes portes. Dessa forma, episódios como o de Brumadinho serão evitados e teremos corporações cada vez mais comprometidas com o meio natural.

Aluna Yasmin Sá - Nº 3973 - Turma 201

## **Verdade inevitável**

Nas sociedades pós-modernas, os principais problemas sociais que se apresentam são: desigualdade social (junto aos seus inúmeros desdobramentos, como falta de moradia digna e desnutrição), saúde precária e violência. É de conhecimento geral que os países com melhores índices de educação, como Finlândia, Noruega e Canadá, possuem também menores índices das problemáticas supracitadas. A relação é clara: a utilização da educação como ferramenta de solução para todos os problemas sociais é uma verdade inevitável.

Em 2016, a Proposta de Emenda Constitucional 241 anunciou o congelamento de investimentos na área educacional por 20 anos. Os resultados foram ondas de manifestações por todo o país, visto que a própria população reconhece o regresso encaminhado. Os mais afetados pela medida foram os componentes das camadas sociais mais baixas, que não têm dinheiro para pagar por centros educacionais privados e, dessa forma, dificilmente alcançarão um nível superior. Tal indiferença para com o sistema educacional aponta para um futuro evidente: o aumento da desigualdade social, da saúde precária e da violência, como já mostrado por relatórios recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Sem acesso a uma educação digna, os alunos de hoje não estarão aptos a serem os bons profissionais de amanhã. Outrossim, os empregos na área acadêmica são crescentemente desvalorizados, desmotivando totalmente quem se aventure na tentativa de incrementar o sistema educacional. Ademais, os vestibulares estão cada vez mais concorridos, dando menos oportunidades àqueles que não detêm elevado poder aquisitivo. É gerado, então, um mercado de trabalho dominado por pessoas provenientes das mais altas camadas sociais, que têm mais interesse em lucrar para manter seu padrão de vida do que em servir à sociedade. A consequência disso é a precarização dos serviços básicos para aqueles que não podem pagar, reforçando a desigualdade social e a violência, visto que muitos já tentaram de tudo para ascender socialmente, mas não conseguiram, revoltando-se contra o sistema e buscando manter-se por meios ilícitos.

Visando incrementar a educação em território nacional e, conseqüentemente, combater os problemas sociais apontados, faz-se necessária a atuação do Governo Federal e do Ministério da Educação em prol da valorização da área acadêmica e dos profissionais que nela atuam, através da bonificação do aumento salarial, por exemplo. Para além disso, é imprescindível o financiamento de tais instituições no sistema educacional, em especial na área de pesquisa. Dessa forma, o país conseguirá formar profissionais mais qualificados e motivados em seus trabalhos a serviço da sociedade brasileira, que, brevemente, mostrarão os resultados dos esforços a favor da educação: o eficaz combate às problemáticas sociais.

Aluna Yasmin Sá - Nº 3973 - Turma 201

## A verdadeira liga da justiça

Num mundo tomado pelos avanços tecnológicos, tornar-se famoso é cada vez mais fácil. Não é preciso nenhuma aptidão ou conhecimento para tal. Basta postar um vídeo ou “meme” engraçado e deixar que as redes sociais façam o restante do trabalho. Uma vez que se atinge o patamar de celebridade, faltarão poucos passos para alcançar o status de herói. Entretanto, quando realmente se precisar de alguém para salvar a nação, não serão esses “heróis” que irão aparecer.

Esses ditos “heróis” pela sociedade, na verdade, são ídolos fomentados pela mídia, visto que é isso que gera interesse da população. Assim como todo conteúdo que gera ibope, essas pessoas entram para o “hall da fama” da internet e têm suas vidas engrandecidas nos veículos de informação. Então, dá-se muito valor a tais sujeitos, mesmo sem terem grandes feitos no currículo, sendo confundidos com benfeitores da nação.

Ao passo que os falsos heróis são supervalorizados, os verdadeiros são escondidos pela capa do esquecimento, tendo em vista que atos heroicos não dão audiência nos dias de hoje. Isso fica nítido quando se nota que é mais fácil saber o nome de todos os jogadores de um time de futebol do que citar apenas um dos bombeiros que atuaram no resgate de pessoas na tragédia de Brumadinho, em 2019. Portanto, os detentores das “joias do infinito”, que pertencem aos heróis do filme *Vingadores: Ultimato*, deveriam nos dar a esperança de um mundo melhor, mas são ofuscados por holofotes posicionados nos “vingadores” errados.

Desse modo, a sociedade confunde as celebridades que despertam seu apressamento com os heróis de que necessita para tornar o mundo um lugar melhor. Por isso, é preciso valorizar mais quem realmente se esforça para fazer a diferença no meio em que vive, o que pode ser feito divulgando e homenageando esse verdadeiro heroísmo, seja através da internet, das escolas, do ambiente de trabalho, para que tais atos não sejam nunca esquecidos, podendo ser lembrados em livros, vídeos e outros modos de registro. Assim,

cada vez mais atos heroicos serão estimulados e a “liga da justiça” do mundo real será formada.

Aluna Sarah Alves - N° 3978 - Turma 202

### Proteger ou acolher?

O Brasil é um dos principais destinos dos refugiados, vindos majoritariamente da América do Sul, no mundo contemporâneo. Foi assim, em 2011, com os haitianos e tem sido assim com os venezuelanos desde 2016. Com isso, é indispensável para os brasileiros intensificar a proteção de suas fronteiras, porém negar refúgio aos que mais precisam é algo fora de cogitação.

Devido à sua grande extensão, nosso país tem fronteiras com diversos outros, facilitando a entrada de imigrantes. O fluxo migratório cresce mais e mais a cada dia, o que acaba por trazer perigos à população, já que não se podem prever possíveis ataques ao território ou até mesmo que tipo de “mercadorias” serão trazidas, podendo essas ser ilegais, como drogas e armas. Ademais, o Brasil não tem garantia de estrutura para dar assistência a tantos imigrantes, tornando-se um desafio controlar esse fluxo imenso de pessoas.

Entretanto, como preveem os direitos humanos, é necessário o acolhimento daqueles que não podem mais viver em seu país de origem, seja por perseguições ou por condições desumanas. Alguém que não tenha melhor opção do que fugir merece e deve ser auxiliado por aqueles que podem fazê-lo, sendo essa uma questão de empatia para com o próximo.

Desse modo, é preciso que as forças armadas intensifiquem a fiscalização das fronteiras brasileiras, promovendo uma maior proteção do povo e, ao mesmo tempo, garantindo que os refugiados sejam ajudados. Ademais, cabe à população exigir que o governo dê assistência a esses migrantes, seja com alimentação ou saúde, colocando postos onde o fluxo migratório é maior. A parceria com outros países para a distribuição dos imigrantes seria bem-vinda, não sobrecarregando o Brasil, além da mobilização social através da mídia. Dessa maneira, enxergaríamos a situação com os olhos da empatia, o que faria de nós uma nação melhor.



### **A genealogia da moral brasileira**

A formação do Ocidente foi pautada pelo cristianismo, tendo como principal ideal, o altruísmo. Nesse contexto, encontra-se o Brasil, que apresenta população majoritariamente cristã. No entanto, analisando o comportamento dos brasileiros é indubitável que o altruísmo não se faz unânime, isto é, há uma comoção seletiva diante das tragédias ocorridas.

Isso dá-se assim, pois há uma falha nos planos educacionais brasileiros, mais especificamente, no ensino da História, no qual algumas narrativas como a do continente europeu, são priorizadas. Esse cenário, leva os estudantes e futuros cidadãos a se identificarem mais com as narrativas conhecidas, gerando uma seletividade no que se refere ao altruísmo.

Para além do supracitado, é possível inferir que o problema é inerente ao comportamento humano. Raul Seixas já afirmara, fundamentado nas ideias de Nietzsche: “o auge do meu egoísmo é querer ajudar”. Nessa lógica, é perceptível que essa comoção seletiva não é só um problema educacional, mas também de conflito de interesses, prezando ajudar tragédias vantajosas à imagem social e ao ego do indivíduo.

Em suma, é possível perceber que a falha educacional e o conflito de interesses são impulsionadores da comoção seletiva. Nesse panorama nefasto, é preciso que o Ministério da Educação providencie uma reforma no plano educacional que englobe narrativas antes esquecidas. Com isso, não haverá mais conflito de interesses, posto que não haverá tragédia mais importante nem mais vantajosa, prezando assim, o bem estar social.

Aluna Ana Dourado - Nº 3982 - Turma 203

## Justiça é cega

“Justiça é cega”, essa é a frase que esteve na boca dos que seguiram Russo Passapusso, vocalista e idealizador do Baiana System, no lançamento do novo álbum da banda, que retrata a realidade dos sul-americanos. Fora da esfera artística, o conceito de justiça social segue apenas como pauta para debates, visto que a negligência do Estado e a mentalidade retrógrada da sociedade, configuram-se como entraves para sua realização.

Nesse contexto, esbarra-se no conceito de isonomia do filósofo grego Aristóteles, isto é, tratar os iguais igualmente e os desiguais desigualmente, de acordo com suas desigualdades. No entanto, isso não se dá, por conta da negligência do Estado para com parte da população ao dispensar mecanismos de adequação dos aparatos sociais vigentes, obstruindo o alcance da justiça social.

Nesse panorama, é notável que o Estado funciona como reflexo da mentalidade retrógrada da sociedade que, no geral, mascara as mazelas sociais com exemplos isolados e dados tendenciosos para tratar do problema como um todo. Essa percepção deturpada, ora por ignorância, ora por falta de caráter fere o compromisso com a verdade, impossibilitando a justiça no plano social de acontecer.

Destarte, ao analisar a questão a fundo é notável que o Estado tem função importante na solução do problema, ou seja, faz-se necessário que ocorra uma reforma política de adequação dos meios públicos, para que todos possam ocupar e fazer uso destes. Além disso, é imprescindível que o MEC, em conjunto com educadores do país inteiro, se unam para efetivar planos de educação que abordem a questão com clareza, trazendo diferentes percepções, para que a justiça deixe de ser “cega”, em sua seletividade, e passe a ser adequada para todos.

### **A natureza não é gananciosa**

É notória a discussão sobre aquilo que é chamado desenvolvimento sustentável. De um lado, temos os ambientalistas que não medem esforços para proteger a natureza e, do outro, temos as empresas que visam, sobretudo, ao lucro, gerando um impasse que, não resolvido, gera tragédias. A conciliação entre o meio ambiente e o desenvolvimento econômico é necessária e, ainda que desafiadora, importante para que casos como o rompimento da barragem de Brumadinho não voltem a acontecer.

Sabe-se que a maioria dos recursos naturais são finitos e, se mal administrados, podem levar a condições lamentáveis. O desenvolvimento sustentável é hoje uma realidade, mesmo com a resistência de algumas empresas para implantá-lo, e existe para garantir um futuro próspero para o meio ambiente e gerações futuras, considerando que, muitas vezes, a ganância mostra-se inviável num curto período de tempo, causando mais prejuízo do que lucro.

Embora não sejam tão frequentes, as tragédias ocasionadas por negligência afetam muito mais que somente o meio ambiente. Com casos como os de Brumadinho e Mariana, além das consequências a curto prazo, como o elevado número de mortes e a realocação dos sobreviventes, as de longo prazo se mostram preocupantes. Muitas vezes, determinadas empresas ocupam uma função importantíssima na economia da cidade onde está localizada e, destruídas, são um obstáculo para a reconstrução do local.

Portanto, espera-se que medidas como a implantação de leis e regras mais duras para aqueles que sugam a natureza sem pensar no depois, além de incentivos fiscais para aqueles que mostrem uma exploração consciente dos recursos naturais, sejam realizadas. Para que isso ocorra, porém, é necessária uma fiscalização que parta do próprio governo, por intermédio do Ministério do Meio Ambiente, e de ONGs, como patrulhas sem aviso prévio para verificar as condições de exploração dos recursos e uma minuciosa prestação de contas.

## Porque mais importante que limpar é não sujar

Caminhando pelas ruas das cidades brasileiras, é fácil notar lixo acumulado ou solto nas calçadas, e, por mais que não se queira, este torna-se integrante da paisagem urbana brasileira, enfeitando as vistas com feiura. Justamente por isso, existem os garis e organizações para limpar o que pode ser limpo. Mas o ponto é esse: nem tudo pode ser limpo tão facilmente. Isto nos levará à máxima ecológica, vista muitas vezes em placas de cantinas, *shoppings*, escolas e praias, que nos diz: “melhor do que limpar é não sujar”.

Esta declaração, apesar de óbvia, sintetiza uma realidade, já que nunca vai se conseguir limpar por completo se não parar de sujar. Quando se pensa numa casa, por exemplo, confere-se que há uma necessidade de limpá-la constantemente. Mas, se não houvesse nada que a sujasse, não haveria nem a existência de vassouras (muito menos aspiradores de pó). Mas, por mais que se limpe, sempre torna a sujar. E, mesmo que quem nela esteja não derrame um grama de sujeira sequer, sempre haverá a poeira para atrapalhar a higiene da casa. Porém, em escala global, não é a poeira que é considerada sujeira, mas todo esse tipo de lixo e resíduos que são produzidos diariamente e geram problemas ambientais, como a ilha de lixo flutuante que se encontra no Pacífico, onde toneladas de plástico se aglomeram.

O problema vai muito além da estética das cidades ou ilhas de lixo flutuantes. Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), por ano, 7 milhões de pessoas morrem em consequência da poluição do ar e 1,7 milhões de crianças menores de cinco anos morrem por causa da poluição ambiental. Somados aos 10 milhões que, anualmente, morrem por causa da contaminação da água, tem-se uma ideia das consequências da poluição no mundo. É claro que os projetos de limpeza global terão papel fundamental para reverter esses números, mas nada disso teria acontecido se o homem não tivesse poluído. Além disso, toda essa poluição não deixará de existir enquanto não parar de poluir.

Então, surge a questão: como, urgentemente, alertar as pessoas para que não poluam o meio ambiente? A resposta está em começar

do começo, isto é, nas escolas. Por meio de campanhas e projetos, alertar a nova geração das consequências do lixo destinado de forma errada. Além disso, seria interessante que o Ministério da Economia gerasse incentivos para as empresas adotarem práticas que agridam menos o meio ambiente (tais como a redução de impostos para aquelas que seguirem as normas). Junto com o autopolicimento de cada indivíduo, pouco a pouco, a situação do Brasil e do mundo se transformaria e melhoraria a qualidade de vida das pessoas.

Aluno João Alfredo - Nº 4060 - Turma103

### **Para quebrar o “lápiz cor de pele”**

O racismo está expresso até em ações de pessoas que não o apoiam, visto que esse comportamento não se refere apenas a agressões e humilhações, mas também a atitudes rotineiras, como a própria fala. Várias expressões usadas no dia a dia por grande parte das pessoas – incluindo as que defendem a tolerância e a igualdade – têm sentido preconceituoso. Com isso, percepções racistas são disfarçadamente disseminadas, mantendo o preconceito presente na sociedade.

Quando se diz “sua imagem foi denegrada” ou “ele é a ovelha negra da família” há uma ideia de desprezo subentendida. Difamar alguém e ser considerado fora dos padrões são coisas negativas, e essa negatividade está, nesse caso, sendo associada à cor negra. Outro caso comum é o do “lápiz cor de pele”. De cor próxima ao bege, esse lápis é caracterizado de tal forma, principalmente, nas escolas de ensino fundamental, transmitindo às crianças que esse seria o único tom de pele válido.

Embora pareçam insignificantes, manifestações cotidianas como essa têm grande peso nos valores adotados socialmente. Mesmo quando ditas sem más intenções, elas não deixam de carregar uma percepção desrespeitosa da população negra. Assim, ajudam a propagar o preconceito racial e mantê-lo vigorando no meio coletivo. É importante destacar que, por ser transmitido desde o primário, o exemplo do lápis influencia diretamente os sucessores dessa geração. Instigar a exclusão e a intolerância entre as crianças de hoje resultará em uma sociedade futura tão caótica quanto a atual.

É preciso que a população perceba como o racismo está presente não apenas na violência direta, mas também nas pequenas situações do dia a dia. Porém, isso não será feito da noite para o dia. Para isso, seriam de grande ajuda iniciativas de instituições de ensino, ONGs voltadas a temas sociais e da Secretaria de Assistência Social de cada município. A realização de palestras com profissionais da Filosofia, Sociologia e outras áreas, bem como atividades lúdicas

que tragam ensinamentos e reflexões sobre o assunto são fundamentais para a conscientização popular.

Aluna Mirela Freire - N° 4567 - Turma 103

## Paralisação exponencial

Cem anos é um tempo considerável na história em que muito pode decorrer: guerras; descobertas científicas; avanços tecnológicos; mudanças presidenciais; readaptação de hábitos e tradições; e alterações das concepções de mundo. Era esperado por todos nós que o Brasil de 2022 teria pouquíssimos aspectos análogos ao Brasil de 1922. Nossa sociedade estaria muito à frente, tropeços cometidos seriam consertados e certos problemas sociais e governamentais não aconteceriam mais, pois tudo isso seria ultrapassado e, provavelmente, não teria lugar no nosso nível de progresso.

E se eu dissesse que essa seria a realidade almejada pelos brasileiros de 2022 e que o que se passa é exatamente o contrário? Pois é, triste desencanto. Lima Barreto, em meio a seus protestos escritos em forma de crônicas, nos relata traços da sociedade vivida por ele, os quais podemos associar com a hodiernidade. Em um de seus escritos, ele fala do disparato que era o feminicídio. Os tais “cavalheiros” matando suas ex-companheiras sem fundamento algum, além do puro machismo estampado. No ano da graça de 2017, dados vindos de uma reportagem, no dia 7 de março de 2018, registraram 946 feminicídios. Sem nem mencionar as agressões sexuais e físicas sofridas pelas mulheres periodicamente. A partir disso, nada mais a ser comentado.

Duramente criticada por Barreto, era “a (des)graça da política”, esta que possui algumas falhas, perdurantes desde seu primórdio até hoje. Certos políticos contemporâneos utilizam de seu poder para se beneficiarem acima de tudo ou todos, não fazendo nada que os possa prejudicar. O povo, em contrapartida, sofre com a má administração do dinheiro público que, a princípio seria diretamente dirigido à educação, saúde e segurança, mas, parte deste, acaba tendo como destino as contas bancárias abertas em paraísos fiscais. A falta de credibilidade na política é tamanha que o que nos resta é rir, de desespero, de certas tolices em meio a redes sociais provenientes das figuras mais sérias do governo, na teoria. Sintetizando: é rir para não chorar.



Privilégios à elite em detrimento dos pobres é evidente. Bairros nobres contam com serviços de coleta de lixo diárias e não presenciam esgotos a céu aberto. Em contraste a isso, comunidades mais carentes sofrem com ausência de saneamento básico. O asfaltamento de uma rua num bairro suburbano fica em segundo plano quando uma obra de embelezamento da cidade, ou a colocação de uma estátua está em discussão. As enchentes no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Alagoas e Santa Catarina, por exemplo, que anualmente castigam a população de baixa renda deixando-os com uma mão na frente e outra atrás, não é problema de hoje, mas já perdeu seu lugar na lista de prioridades inúmeras vezes.

A pátria verde e amarela já passou tempo demais dormindo no ponto. Está mais que na hora de nos atentarmos ao que é mais importante a qualquer nação: o progresso. É necessário diminuir o endividamento do país, controlar a inflação, investir corretamente em infraestrutura para gerar empregos e renda para as pessoas, pois só com emprego a economia cresce e gera mais empregos. Criar mecanismos de combate à corrupção para diminuir a má gestão do dinheiro público, que deve ser investido de forma séria para melhorar a vida das pessoas. É necessário fazer reforma tributária (impostos) para diminuir a carga de quem ganha menos e aumentar de quem ganha mais.

Examinemos minuciosamente escorregadelas dos nossos antepassados com o intuito de não as reproduzir. Esse ciclo, aparentemente imperecível, de miséria, retrocesso, corrupção e exclusão deve ser findado e cabe a nós, geração do hoje, transformadores do amanhã, fazer algo a respeito. Ou você vai ficar aí sentado assistindo a mais 100 anos de pura estagnação?

Aluna Rebeca Oliveira - Nº 4053 - Turma 105

**CHARGE**



José Augusto de Souza **Cerqueira Júnior**

**TEXTO DE DESPEDIDA DO CORONEL-ALUNO**

## O Nobre Cadinho

Desde que adentrei essa brilhante instituição de ensino que é o Colégio Militar de Salvador, ouço essa expressão quando canto, de forma orgulhosa, o hino do CMS, sempre me perguntando o seu real significado. “Cadinho” simboliza um vaso de argila refratária (ou de outro material) para fundir metais. Porém, para aqueles que não sabem, a palavra pode ter sentido figurativo: lugar onde seres e/ou objetos se unem, formando um só.

Não há maneira mais sucinta e memorável de representar o colégio, afinal, foi nesse ambiente em que cresci e aprendi com meus amigos e amigas a praticar valores como: espírito de corpo, camaradagem, honestidade, patriotismo, respeito aos superiores e civilidade.

Entretanto, além da educação que enaltece a disciplina, permanecem em minhas lembranças todas as boas experiências que vivenciei enquanto vestia o uniforme do aluno militar: desde a aula inaugural com o então Coronel Mansur, até as competições amistosas nas olimpíadas internas, passando pelas noites perdidas com os colegas realizando trabalhos em grupo e pelas longas formaturas onde cultuávamos símbolos da Pátria e marchávamos em homenagem ao Comandante da Organização Militar.

Deixo registrado, nesse breve texto, que não me arrependo dos dias que passei pelo portão da Rua das Hortênsias. Agradeço a todos os profissionais de ensino (civis e militares) que fizeram parte da minha trajetória para ser quem sou hoje: um cidadão honrado (como juramos no início e no fim da nossa jornada como alunos).

Sendo assim, com a minha velha e fiel companheira em mãos (a Boina Garanço), dando o primeiro passo em uma nova fase da minha vida, expresso o meu desejo de que tudo de bom aconteça ao Colégio Militar, e que as gerações futuras, as quais ainda passarão pelo Portão das Armas, tenham um brilhante sucesso pela frente.

Zum Zaravalho!

